



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Leonardo de Matos Malacrida

**Fronteiras da identidade do imigrante
rumo ao sonho americano no romance
Behold the dreamers (2016), de Imbolo Mbue**

São José do Rio Preto
2022

Leonardo de Matos Malacrida

**Fronteiras da identidade do imigrante
rumo ao sonho americano no romance
Behold the dreamers (2016), de Imbolo Mbue**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração: Teoria e Estudos Literários, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Gisèle Manganelli Fernandes

São José do Rio Preto
2022

M236f Malacrida, Leonardo de Matos
Fronteiras da identidade do imigrante rumo ao sonho americano no
Romance Behold the dreamers (2016), de Imbolo Mbue / Leonardo de
Matos Malacrida. -- São José do Rio Preto, 2022
149 f. : il., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto
Orientadora: Gisèle Manganelli Fernandes

1. Imigrantes na literatura. 2. Identidade (Psicologia) na literatura.
3. Literatura americana Escritores negros. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Leonardo de Matos Malacrida

**Fronteiras da identidade do imigrante
rumo ao sonho americano no romance
Behold the dreamers (2016), de Imbolo Mbue**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração: Teoria e Estudos Literários, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Giséle Manganelli Fernandes

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Giséle Manganelli Fernandes
Professora Associada III
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Isis Barra Costa
Professora Assistente-Doutora
OSU – *The Ohio State University*

Prof. Dr. Nelson Luis Ramos
Professor Assistente-Doutor
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
03 de agosto de 2022

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Perpétua, educadora, mestre, historiadora e pavimentadora das estradas pelas quais eu rumo ao futuro, eterna em meu coração. A minha esposa, Liana, meu amor, parceira de vida. A minha irmã, Larissa, amiga dedicada que admiro.

Agradecimento especial à professora Giséle, pelo privilégio de tê-la como orientadora nessa jornada acadêmica. Gratidão eterna pelos conselhos e pela paciência que teve comigo. Dedico este trabalho e o título de mestre à senhora.

À professora Norma e ao professor Nelson por terem participado da minha qualificação e contribuído para o enriquecimento deste trabalho.

Aos professores do PPGLetras, pela dedicação à academia, especialmente aos professores das disciplinas que cursei, bem como toda a equipe que compõe a UNESP/IBILCE.

Aos professores da banca, muito obrigado por participarem deste momento importante em minha vida.

Ao amigo João Paulo Vani, pela motivação em seguir nos estudos; à minha amiga Ednéia Targa, mentora de negócios.

“Lar”

O lar nunca irá embora

O lar aqui estará quando você voltar

Você pode ir para trazer fortuna

Você pode ir para fugir de desgraça

Você pode mesmo ir só porque quer ir

Mas quando voltar

E esperamos que volte

O lar aqui vai estar.

(MBUE, 2016, p. 172)

RESUMO

Esta pesquisa examina questões econômicas, étnicas, sociais e culturais do imigrante oriundo de países subdesenvolvidos, neste caso, de Camarões, em seu cotidiano nos Estados Unidos da América, por meio da narrativa de Imbolo Mbue, no romance *Behold The Dreamers* (2016). Nesta obra, verifica-se como a autora expressa, por meio de suas personagens, o desejo e a tentativa da realização do Sonho Americano, por parte desses imigrantes, na pós-modernidade. Para tanto, este estudo aborda aspectos formais da narrativa, de maneira a analisar elementos da identidade cultural estadunidense assimilados pelo imigrante de outra identidade, o qual tenta prosperar, em um momento histórico, marcado pela crise hipotecária que eclodiu em 2007 e a eleição de Barack Obama em 2008. Será observado como as personagens passam por um processo de aquisição de uma nova cultura e, conseqüentemente, pela reconstrução de suas identidades. A investigação baseia-se em textos de Candido, Rosenfeld, Prato e Gomes (2018) na discussão dos aspectos formais da obra. Para reflexões sobre personagens de ficção e gênero, concepções de Todorov (1980; 2013) são usadas como referência. Quanto à temática do Sonho Americano, são trazidas ideias de Adams (1940) e de Karnal (2018) sobre o assunto. Lucas (2017) apresenta importantes considerações para os elementos da identidade cultural e Harari (2018), Hall (2015) e Bauman (2001; 2005) são fundamentais para a discussão acerca do conceito de identidade fronteiriça, includente e excludente. No que concerne aos aspectos políticos e culturais pós-modernos são utilizados conceitos de Hutcheon (1991) e Jameson (1996). O objetivo desta investigação é compreender se os elementos examinados são capazes de apoiar a reconstrução de uma identidade, e se é possível considerá-la identidade de fronteira.

Palavras-chave: Identidade. Fronteira. Imigrante. Sonho Americano. África. Imbolo Mbue.

ABSTRACT

This study addresses economic, ethnic, social and cultural issues of immigrants from underdeveloped countries, in this case Cameroon, in their daily lives in the United States of America through the novel *Behold The Dreamers* (2016), by Imbolo Mbue. In this book, Mbue explores the desire of the characters to fulfill the American Dream in postmodernity. Thus, formal aspects of the narrative are discussed to show elements of the American culture appropriated by immigrants from another cultural identity who try to succeed in a historical moment marked by the mortgage crisis that erupted in 2007, and the election of Barack Obama in 2008. It is possible to observe the process by which the characters appropriate a new culture and, consequently, build their new identities. This investigation is based on concepts by Candido, Rosenfeld, Prato, and Gomes (2018) to analyze formal elements of the novel. Todorov's ideas (1980, 2013) are applied to examine fictional characters and genre. Texts by Adams (1940) and Karnal (2018) are important to debate the American Dream, and Lucas (2017) presents concepts to clarify elements of cultural identity. Harari (2018), Hall (2015), and Bauman (2001, 2005) are important sources to explain the (inclusive and exclusive) notion of borderline identity. Finally, as far postmodern political and cultural aspects are concerned, thoughts by Hutcheon (1991) and Jameson (1996) are used. The objective is to understand whether the elements focused on *Behold the Dreamers* can support the reconstruction of identity and whether a border identity is underway.

Keywords: Identity. Border. Immigrant. American Dream. Africa. Imbolo Mbue.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. A AUTORA E SUA ORIGEM	13
2.1 República dos Camarões e África	14
2.2 A trama do romance <i>Behold the Dreamers</i>	22
2.3 Personagens	28
3. A IDENTIDADE DO IMIGRANTE	30
3.1 Conflito identitário e as barreiras à inclusão do imigrante	36
4. O SONHO AMERICANO	40
4.1 O sonho americano dos estadunidenses e do resto do mundo	50
4.2 Pós-Modernismo e Pós-Modernidade	57
5. FRONTEIRAS TERRITORIAIS, ÉTNICAS E SOCIAIS DA IDENTIDADE DO IMIGRANTE	61
6. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO PÓS-MODERNISMO	68
6.1 O sonho americano na Pós-Modernidade	79
6.2 A ficção na Pós-Modernidade	87
7. A NARRATIVA DE METAFICÇÃO, HISTÓRIA E AUTOFICÇÃO	93
7.1 Identidade nacional vs. Identidade plural na literariedade	99
7.2 A Literatura conta a História	101
7.3 Territórios e Fronteiras da narrativa	113
7.4 Língua e hibridismo do autor estrangeiro	120
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	129

1. INTRODUÇÃO

Em literatura, há temas exaustivamente explorados, sob os mais variados vieses, como o complexo de Édipo, as tragédias, as guerras, o erotismo, a sexualidade, o poder, a violência, dentre outros, e, mais recentemente, o terrorismo, o direito e o movimento migratório. Dentre essas temáticas, o movimento migratório tem ganhado força nos romances pós-moderno, em especial, a questão socioeconômica: o sonho do imigrante de ter uma vida próspera em um país rico. Com o intuito de abordar um tema, ainda pouco explorado, optou-se pelo empreendedorismo, objetivando identificar elementos que conferem literariedade a um texto.

Daí, para escapar à literatura técnica de negócios e de autoajuda, e após longo tempo pesquisando romances que pudessem servir ao propósito de embasar os aspectos culturais, econômicos e esteticamente literários do tema escolhido, optou-se por *Behold The Dreamers* traduzido para o português com o título de *Aqui estão os sonhadores*, da autora camaronesa Imbolo Mbue. Esta obra exemplifica, especificamente, as fronteiras da literatura, da linguagem, da etnia, da cultura e da identidade entre indivíduos privilegiados e aqueles marginalizados, tendo como referência uma família de camaroneses que imigra para os Estados Unidos em busca de prosperidade e de felicidade, no início do século XXI. Esta escolha justifica-se pelo fato de os Estados Unidos da América serem universalmente considerados o símbolo da riqueza, do empreendedorismo e do capitalismo e, por outro lado, a República dos Camarões, país africano, sob a ótica capitalista, representa o lado oposto à riqueza, ferramenta necessária aos ricos, pois possuem commodities e capital humano comercializados em favor das nações economicamente fortes. O desafio do imigrante ao empreender o Sonho Americano traz à baila a díade “Nós”, os opressores, poderosos, versus “Eles”, os oprimidos, pobres, sem acesso às condições básicas de vida, à economia, à educação, que sofrem preconceito étnico, cultural e social.

Dentro do tema abordado neste trabalho, a questão das fronteiras da identidade do imigrante será priorizada à luz dos conceitos de identidade e de fronteira defendidos por autores dedicados às ciências sociais, econômicas e políticas. Figueiredo (2005), por exemplo, postula que a questão da identidade na pós-modernidade constitui o tema de um debate bastante complexo, pois a própria definição de identidade tem origem ontológica, e evolui para empregos cada vez mais fluidos, com contornos entrelaçados,

desde a sociologia à antropologia, da política, passando pela economia, à cultura, da literatura às questões existenciais.

O conceito de fronteira, por conseguinte, também sofreu mudança drástica com o advento da globalização. A ideia era, antes, intimamente ligada a limite territorial e geográfico, já que os povos, bem como suas culturas, encontravam-se confinados dentro do espaço físico de seu Estado-Nação. A interatividade mercadológica, com o aumento das relações comerciais e da proximidade na comunicação entre os países, contribuiu para uma espécie de homogeneização cultural, por meio da utilização predominante de uma dada língua e de um dado jargão comercial internacional. A globalização, definitivamente, ampliou o conceito de fronteira.

Ambos, a identidade e o conceito de fronteira, transformam-se em ritmo proporcional à velocidade da disseminação de informações. Nesse mesmo sentido, Bauman (2005) corrobora que o fenômeno da globalização, o qual ele chama de modernidade líquida, não é um enigma possível de ser resolvido com base em modelos pré-estabelecidos, mas sim, como um processo a ser analisado em suas particularidades, considerando-se o multiculturalismo, o universo eletrônico virtual, onde o fator tempo e a presença em um determinado espaço virtual influenciam a construção da identidade de maneira diferente do mundo real.

Portanto, o advento da internet tem papel fundamental na transformação do novo espectro cultural, pois ao possibilitar a penetração e o trânsito simultâneo de milhões de pessoas de uma cultura para outra, a comunicação eletrônica derruba as fronteiras físicas das diversas áreas do conhecimento humano. Já há algum tempo, nenhuma obra fica escondida, oculta ou não divulgada, uma vez que boa parte das pessoas do planeta tem acesso, em tempo real, a qualquer expressão individual ou coletiva, por custo insignificante. As fronteiras do conhecimento, então, tornaram-se mais fluídas e flexíveis, possibilitando poderosas produções anônimas que percorrem o planeta, dando voz e atenção às questões sociais, políticas e econômicas das mais remotas e negligenciadas sociedades.

Segundo Silva (2012), o sentido mais denotativo de fronteira, o espacial, define os limites geopolíticos de países, regiões, localidades e os espaços de convivência e pertencimento das comunidades. Dentro do âmbito da geografia, fronteira serve para descrever os limites espaciais com populações ou não. Da mesma forma o sentido mais abstrato, conotativo de fronteira, aplica-se a dimensões culturais e é bastante utilizado na

área de estudos culturais, dentro da qual, destacam-se conceitos como fronteiras culturais, fronteiras da literatura e literaturas de fronteira.

Behold the Dreamers (2016), de Imbolo Mbue, encontra-se exatamente nesse espaço de transição, considerando que a própria autora e seus personagens transpuseram os limites acima mencionados e encontram-se em processo de transformação, de aquisição e de adaptação ao novo espaço geográfico-cultural, e de construção de um estilo de vida híbrido, supostamente, adotado por imigrantes, que trazem os traços culturais de seu país de origem. Porém estes traços não são homogeneizados àqueles da cultura do país de imigração, constituindo um modelo identitário fragmentado, sempre em trânsito, peculiar aos fenômenos socioculturais de fronteira.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, o trabalho foi estruturado em seis capítulos, além de Introdução, Considerações Finais e Referências. O capítulo de número dois apresenta a autora, sua origem e traços de seu país natal e do continente africano bem como a trama do romance e seus personagens; o capítulo de número três, traz questões sobre a identidade do imigrante e sua transformação, além dos conflitos identitários e das barreiras à sua inclusão no país anfitrião; o capítulo de número quatro trata das fronteiras territoriais, étnicas e sociais que contornam a construção da identidade do imigrante; o capítulo de número cinco, por sua vez, ocupa-se do Sonho Americano propriamente dito, abarcando questões sobre as diferenças na trajetória da realização do Sonho Americano para imigrantes e para estadunidenses nativos, além disso trata também do ideal de prosperidade na era pós-moderna; o capítulo de número 6 revisita as bases teóricas do pós-modernismo bem como a relação entre o Sonho Americano, a pós-modernidade e a ficção neste momento histórico; finalmente, o capítulo de número sete trata de autoficção, metaficção e história e retoma a polêmica da identidade nacional e da identidade plural dentro da literatura e suas fronteiras, além de nuances linguísticas e semânticas originadas do hibridismo do autor estrangeiro.

A análise contida nesta dissertação tem por referência a obra original de Imbolo Mbue, *Behold the Dreamers*, em inglês. Todavia, as passagens citadas no corpo deste trabalho foram retiradas da edição em português, com o título *Aqui estão os sonhadores*, traduzido por George Schlesinger e publicado, em 2016, no Brasil. Quanto aos aspectos linguísticos, buscaram-se registros que evidenciam a interferência da cultura camaronesa no estilo de escrita de Imbolo Mbue bem como investigou-se a hipótese de uma narrativa em um gênero também fronteiriço, a autoficção.

Behold The Dreamers é contado sob três focos narrativos: o primeiro visa o conflito pessoal do protagonista Jende Jonga, o qual demonstra uma forte resistência à sua própria inclusão na sociedade estadunidense, na comunidade do Bronx, à época, caracterizada por precariedade econômica e criminalidade. No quesito pertencimento ao grupo de imigrantes, ele não se sente confortável, nem mesmo dentre seus supostos iguais, os haitianos, com os quais compartilha sua primeira moradia, já que ele não se esforça para aprender inglês, não adere ao estilo de vestimentas locais e não se expõe a interações sociais. Essa dificuldade de Jende mostra que ele não se encontra culturalmente aberto; logo, ele se recusa a percorrer a trilha para o Sonho Americano e vencer seus obstáculos, acomodando-se em uma postura vitimizada e impotente. A partir daí, a saga de Jende em Nova York parece estar predestinada pelo seu próprio comportamento reativo.

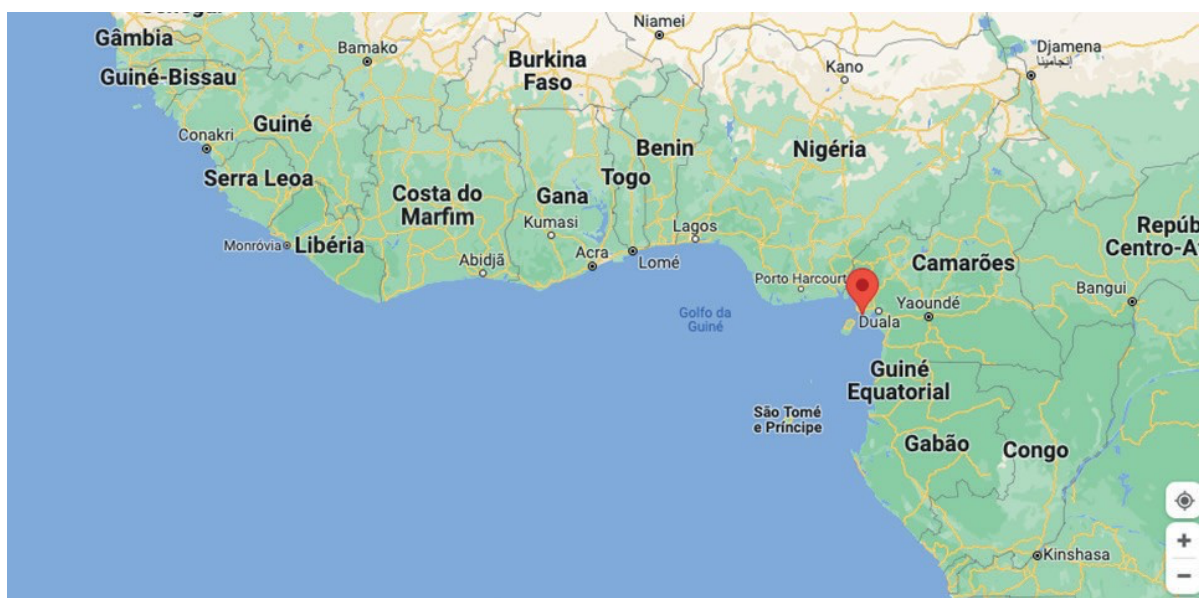
A segunda linha narrativa trata do embate histórico “Nós” *versus* “Eles”, envolvendo o relacionamento da família camaronesa com seus empregadores estadunidenses, o casal Cindy e Clark, cujo nome é de um super-herói (Clark Kent, o mítico *Superman*). Essa relação é marcada pelos clichês históricos sobre a exploração do trabalho do mais fraco pelo mais forte. Jende, como motorista particular, tem a oportunidade de estar bem próximo de Clark e de ser seu confidente em questões íntimas e delicadas, porém, sua subalternidade o impede de relacionar-se simetricamente com Clark, mesmo nesse contexto.

A terceira linha narrativa, o contexto histórico, transcorre como pano de fundo para a trama, pois o recorte cronológico do romance antecede a crise das hipotecas de setembro de 2008 e a eleição de Barack Obama, para presidência dos Estados Unidos, quando a própria identidade sociopolítica de grande parte do povo estadunidense encontrava-se alinhada à postura dos democratas, em defesa de uma política de inclusão das minorias, tendo como exemplo contundente a candidatura de um afro-americano. A narrativa permeia as mazelas e os conflitos culturais e de interesses entre duas famílias, durante a explosão da bolha financeira de Wall Street: uma de camaroneses, tentando se estabelecer em Nova York, e outra de norte-americanos brancos e ricos, lidando com as consequências da crise.

2. A AUTORA E SUA ORIGEM

Imbolo Mbue, nascida na cidade litorânea de Limbe, República dos Camarões, decide, aos 16 anos (1998), com o apoio da família, inclusive financeiro, imigrar para os Estados Unidos a fim de estudar na Rutgers University, onde se formou em administração de empresas. Mais tarde, obteve um mestrado na Teachers College, Columbia University. Atualmente, ela vive no Harlem, Nova York, com o marido e os filhos e se tornou oficialmente uma cidadã estadunidense em 2014. Inspirada pela recessão de 2008, lançou, aos 36 anos de idade, a obra *Behold the Dreamers* (2016), que lhe rendeu o prêmio PEN/FAULKNER.

Figura 01: Localização geográfica de Limbe nos Camarões.



Fonte: Google Maps.

O livro é considerado pela crítica um romance afro-americano (BADY, 2016). Essa opinião revela o caráter da identidade plural da autora que relata orgulhar-se de ser muito africana, porém também diz sentir-se muito americana, por compartilhar o modelo de pensamento da sociedade estadunidense, por ter vivido mais da metade de sua vida nos Estados Unidos. Imbolo Mbue confessa um sentimento paradoxal, quase contraditório, quando tenta definir a nacionalidade de sua identidade. Como a trama é inspirada na problemática de viver nos Estados Unidos, especificamente em Nova York, em tempos de recessão, o registro de identidade estadunidense no enredo fica bastante claro. Ao mesmo

tempo, o texto traz características peculiares à cultura africana, bem como detalhes sociais, culturais e econômicos da típica família camaronesa que empreende ou tem o sonho de empreender a imigração aos Estados Unidos. Além disso, *Behold the Dreamers* é também um romance africano porque os hibridismos e o tom otimista do texto celebram a cultura camaronesa.

Mbue, quando escreveu a história, ainda não era cidadã americana, e estava na sua trilha para a conquista do Sonho Americano. Possivelmente, ela não imaginava que seu romance seria um *best-seller* e que seria contemplada com o prêmio PEN/FALKNER e um milhão de dólares pelos direitos autorais de sua obra. Logo, o sucesso foi para Mbue uma grata consequência de uma ideia original trabalhada com determinação.

Pode-se dizer que Mbue fez a coisa certa, no lugar certo, na hora certa, pois apesar de o referido prêmio, publicamente, ter o objetivo cultural de encorajar novos autores de ficção, a temática abordada pela autora era assunto de muito interesse comercial e político naquele momento. Portanto, receber o prêmio PEN/FALKNER rendeu à Imbolo Mbue não apenas reconhecimento como autora, que atende à missão da fundação PEN/FALKNEER, mas também notoriedade política e social, haja vista que sua narrativa fez rema com o discurso dos democratas em relação a flexibilização das políticas de imigração estadunidenses, como corrobora Gabriel Ruan Sousa (2017), em seu artigo publicado na revista *Época*, ao dizer que a obra *Aqui Estão os Sonhadores* é um romance para Trump ler: com uma história sobre imigração e crise econômica.

2.1 República dos Camarões e África

As grandes navegações europeias, nos séculos XV e XVI, iniciaram uma nova era para a humanidade: a caravela leve com suas velas manejáveis, a pólvora de canhão e a bússola proporcionaram à Europa o controle do mar e de todo o sistema comercial do mundo (NIANE, 2010). A caravela trouxe do além-mar para o litoral da África o Outro, o Outro desconhecido até então, e movido por interesses e valores opostos aos povos e reinos originários do continente. Pode-se inferir que esse é o início da saga das potências imperialistas na África.

Nesse contexto, situam-se as primeiras incursões de Portugal no litoral africano no século XIV e, conseqüente, a colonização portuguesa. Embora os portugueses tenham

chegado à costa de Camarões em 1500, mesma época em que vieram ao Brasil, a malária impediu uma colonização europeia significativa; mesmo assim, a exploração das riquezas e o tráfico negreiro se fizeram presentes até o século XIX.

Em 1884, apenas poucos anos após a extinção do tráfico negreiro ocidental, os europeus continuam e intensificam o processo de roedura do continente, dando início à violência geográfica, segundo Leila Hernandez. Tal assalto ao continente africano está relacionado ao desenvolvimento do capitalismo ocidental, propiciado pela Revolução Industrial na Inglaterra, entre o final do século XVII e meados do século XIX, já que a Europa precisava de matérias-primas para a indústria, mão-de-obra barata para sua extração e mercados consumidores. Assim, a Europa, passou a retalhar e explorar o território africano, rico em terras férteis ainda inexploradas e os povos nativos. Sob a liderança da Inglaterra, maior potência econômica no período, outras nações europeias passam a disputar territórios em busca da ampliação de sua presença na África (HERNANDEZ, 2008).

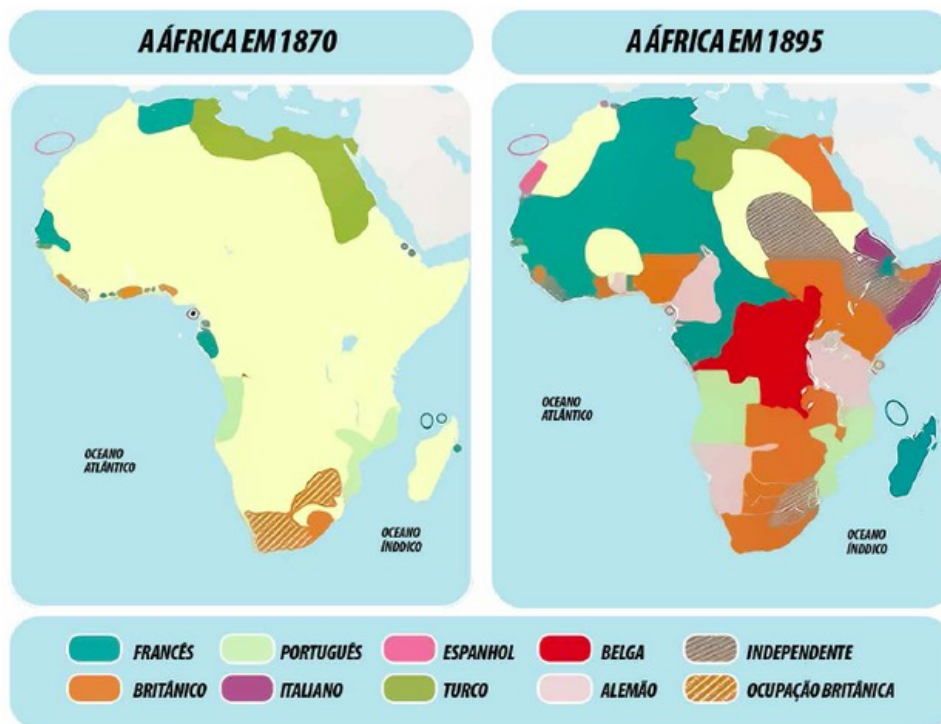
Nos anos de 1884 e 1885, foi realizada a chamada Conferência de Berlim, com a participação de treze potências europeias, dos Estados Unidos da América e do Império Otomano, cujo propósito era debater a ocupação da África e dividir amistosamente, entre si, a soberania sobre territórios africanos, de acordo com o direito internacional. Os africanos não foram convidados para a reunião, e foi nessa conferência que aconteceu a Partilha da África, dentre as nações imperialistas. As estruturas existentes ou afiliações religiosas e étnicas não foram levadas em consideração pelas potências imperialistas, e não o serão pós-1ª Guerra Mundial e pós-2ª Guerra Mundial.

As nações poderosas do século XIX participaram em peso, a saber: Grã-Bretanha, Estados Unidos, Dinamarca, Rússia, Portugal, Bélgica, Império Alemão, Suécia, Espanha, França, Holanda, Itália, Noruega, Império Austro-Húngaro e Império Turco-Otomano. Mesmo países que não tinham colônias na África participaram, posto que queriam um pedaço do território africano ou garantir tratados de comércio (CURADO, 2021).

Apesar de as reuniões entre as referidas potências na Conferência de Berlim objetivarem solucionar os litígios de fronteiras disputados pelas mesmas na África, isso não ocorreu, e a consequência foi a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O conflito se realizou entre dois grandes blocos: Alemanha, Áustria e Itália (formavam a Tríplice Aliança), e França, Inglaterra e Rússia (formavam a Tríplice Entente). E sendo a África parte desses países europeus, a guerra chegou ao continente e os nativos lutaram nos

exércitos nacionais. Segundo Hilke Fischer, esses homens foram arrancados de suas raízes, desprezados pelas populações locais, fizeram falta nos campos. As colheitas sofreram ou foram saqueadas e destruídas pelas tropas de passagem para garantir que não sobraria comida para seus perseguidores (FISCHER, 2014).

Figura 02: A África antes e depois da Conferência de Berlim (1898-1895).



Fonte: CURADO, 2021.

De acordo Jürgen Zimmerer, professor de história da Universidade de Hamburgo, a guerra dizimou algumas regiões, a tal ponto que elas precisaram de décadas para se recuperar, se é que realmente se recuperaram (FISCHER, 2014). Durante a Primeira Guerra Mundial, tropas da França e da Inglaterra invadiram Camarões e apropriaram-se do território até então dominado pelos alemães. Após a Guerra, um mandato da Liga das Nações atribuiu à França cerca de 80 por cento do seu território e 20 por cento à Grã-Bretanha, tornando-os os “novos senhores” do país. Quando as potências vitoriosas assinaram o Tratado de Versalhes para selar o fim da guerra, elas estabeleceram o direito dos povos à autodeterminação. Mas isso não se aplica à África. A delegação do Congresso Nacional da África do Sul que se deslocou especialmente a Versalhes não foi recebida. A mudança veio para a África muito mais tarde (FISCHER, 2014).

Em 1939, já na modernidade, quando a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha, os Aliados recrutaram nas suas colônias cerca de meio milhão de soldados e operários, para libertar a Europa do fascismo. Apesar de os noticiários na Europa falarem em "voluntários", o veterano congolês Albert Kuniuku, de 93 anos, desconstrói essa versão, "foi um verdadeiro recrutamento forçado. Todos os jovens trabalhadores foram recrutados. Nenhum deles tinha mais de 30 anos", sublinha o antigo soldado (KRINNINGER; MWANAMILONGO; SAMPAIO, 2020).

Até hoje, se discute se os soldados coloniais africanos teriam servido apenas como "bucha de canhão". Segundo Krinninger, Mwanamilongo e Sampaio (2020), o que é certo é que os soldados africanos acabaram por ter contato com soldados europeus e com a vida na Europa. Isso teve um impacto na sua consciencialização e, consequentemente, também na sua ação política nos países de origem.

"Durante a guerra, vimos os brancos nus e não nos esquecemos disso", disse o escritor e cineasta senegalês Usman Sember, ele próprio um antigo soldado colonial (KRINNINGER; MWANAMILONGO; SAMPAIO, 2020). Tornou-se, então, relevante o significado de pertencer a grupos étnicos específicos, muitas vezes, lançados uns contra os outros pelos poderes coloniais.

Para Jürgen Zimmerer, "o verdadeiro colapso dos impérios coloniais está ligado ao fim da Segunda Guerra Mundial." (FISCHER, 2014).

Camarões é o único país africano que, no decurso da sua história, pertenceu a três diferentes Impérios Coloniais Europeus: Alemanha, Grã-Bretanha e França. Até o final do século XIX, quase todo o continente africano havia sido dividido e colonizado pelas potências europeias, inclusive Camarões que se tornou uma Colônia Alemã de Kamerun, em 1884. Nesse ano, a Alemanha estabeleceu o protetorado de Kamerun e no ano seguinte, o protetorado se tornou uma colônia. Segundo estudos do historiador George Prothero, o domínio alemão foi marcado por um tratamento duro para com as pessoas da colônia, que foram violentamente forçadas a trabalhar em grandes plantações de cacau e borracha no sudoeste de Camarões (PROTHERO, 2022).

Oficialmente a República dos Camarões, Camarões é um país situado na região ocidental da África Central. A sua capital é Yaoundé e as línguas oficiais são o inglês e o francês. Esta nação é muitas vezes apelidada de "África em miniatura", pela sua diversidade geológica e cultural: tem mais de 200 grupos linguísticos diferentes e o país é conhecido pelos seus estilos musicais nativos e diversificados. Após a Primeira Guerra

Mundial, o território foi dividido entre a França e o Reino Unido. Em 1960, a parte dos Camarões administrada pelos franceses tornou-se independente. A parte sul dos Camarões sob domínio britânico, fundiu-se com o resto do país em 1961, para formar a República Federal dos Camarões. O país foi renomeado República Unida dos Camarões em 1972 e República dos Camarões em 1984. Este país é conduzido desde 1982 por Paul Biya, do Movimento Democrático Popular dos Camarões (CAMARÕES, 2021).

Assim como o Brasil sofre o reducionismo de sua imagem a futebol e carnaval, em Camarões, também, é o futebol que povoa o imaginário da população, inclusive nas escolas, nas faculdades do interior, como se o país se resumisse a esse esporte. Esse reducionismo também se faz ao continente em que ele está inserido, a África, a qual é vista não como continente, mas como um país unitário, tornando invisível a dimensão da sua diversidade cultural, política, religiosa e linguística. Outra visão reducionista da África nos é expressa pelo historiador africano Ali A. Mazrui, ao afirmar que

[...] alguns não temeram ofender simultaneamente as mulheres e a África, chegando ao ponto até de denominar esta última como 'o continente-mulher', em alusão a uma suposta passividade e penetrabilidade de seu povo frente à expansão imperialista das grandes potências no continente. (MAZRUI, 2010, p. 24).

Para corroborar esse reducionismo no tocante aos manuais e estudos disponíveis sobre a história da África, havia um certo consenso em afirmar que, durante muito tempo, e ainda hoje, a maior parte deles apresenta uma imagem tendenciosa, eurocêntrica, do continente africano, desfigurando e desumanizando especialmente sua história, uma história quase inexistente para muitos até a chegada dos europeus e do colonialismo no século XIX (MAZRUI, 2010).

Tendo em vista esses cenários imaginários e visões eurocêntricas da República dos Camarões e de seu continente, e por ser a terra natal da escritora Imbolo Mbue e da fictícia família camaronesa, protagonista no seu romance *Behold the Dreamers* (2016), torna-se interessante e necessário contextualizá-lo historicamente, afinal, Camarões, assim como outros países africanos, têm uma história importante a ser trazida à baila.

Figura 03: Mapa de Camarões e sua localização na África.



Fonte: World Maps.¹

Berço de antigas civilizações, Camarões apresenta grande diversidade étnica, cerca de 230 grupos étnicos diferentes e falam mais de 200 dialetos. A história de Camarões tem início no seu povoamento há 50 mil anos, segundo evidências arqueológicas, com fortes comprovações da existência de reinos e estados importantes em tempos mais recentes (DELANCEY; BENNEH, 2021).

¹ <https://www.worldatlas.com/upload/ec/04/20/cm-02.jpg>

Mais de 40% do território camaronês é coberto por florestas tropicais e, ao longo do país, existem savanas e formações de origem vulcânica. Os recursos naturais mais abundantes são o petróleo, a bauxita, o minério de ferro e a madeira. Apesar disso, 70% de sua população vive da agricultura ou da pecuária. Aproximadamente 40% da população está abaixo do nível de pobreza, segundo o Banco Mundial (WORLD BANK, 2019). Camarões, assim como outras nações da África Subsaariana, apresenta vários problemas socioeconômicos. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de apenas 0,460; a expectativa de vida ao nascer é de 50 anos. A subnutrição atinge 23% dos habitantes; a taxa de mortalidade infantil é uma das mais altas do mundo: 85 óbitos a cada mil nascidos vivos.

A economia camaronense é pouco desenvolvida, sendo agricultura baseada no cultivo de algodão, café, mandioca, milho, cacau e sorgo. A pecuária e a pesca são outras atividades importantes, e o petróleo e o calcário são as principais riquezas naturais. A indústria, por sua vez, atua nos seguintes segmentos: alimentício, de bebidas, madeireiro e petrolífero. O Produto Interno Bruto (PIB) do país atingiu a marca de 23,4 bilhões de dólares em 2009, sendo a moeda oficial o Franco CFA da África Central. Os índices elevados de analfabetismo, 32%, e a pobreza extrema da República dos Camarões, configuram-se em principais motivos pelos quais a população camaronense tem o imaginário coletivo de imigrar para os países desenvolvidos em busca de melhores condições de vida, em alguns casos, especificamente para os Estados Unidos, a fim de realizar o famoso Sonho Americano.

Jende, o protagonista de *Behold the Dreamers*, estereotipa esse camaronês. Faz-se interessante então, refletir sobre os motivos pelos quais ele, mesmo falando francês, escolhe imigrar para os Estados Unidos em vez de ir França. Ele, possivelmente, não imaginava como o fato de não falar inglês poderia dificultar sobremaneira sua integração nos Estados Unidos, além disso, pelo fato de ter seu primo já morando nos Estados Unidos há algum tempo, imaginou que se sentiria mais apoiado.

Este êxodo da África em busca de uma vida melhor é mundialmente reconhecido e, portanto, faz parte do consciente coletivo do mundo todo, inclusive dos estadunidenses, que, cada vez mais, são expostos ao desafio da convivência com imigrantes africanos, mexicanos, brasileiros, paquistaneses, indianos, dentre outros.

A mulher de Jende observa como se dá, na realidade, essa convivência quando ela e seu marido Jende visitam o *Columbus Circle*, região central de *Manhattan*:

Pela primeira vez estava notando uma coisa: estava percebendo que a maioria das pessoas na rua conversava com alguém parecido com elas. De ambos os lados da rua, para Leste e para Oeste, via pessoas andando junto com gente do seu tipo: um homem branco de mãos dadas com uma mulher branca; um adolescente negro rindo com outros jovens negros (ou latinos); uma mãe branca empurrando um carrinho ao lado de outra mãe branca; uma mulher negra batendo papo com outra mulher negra. Viu um quarteto de homens asiáticos de smoking, e um grupo de amigos com diferentes cores de pele mas vestidos no mesmo estilo chique. A maioria das pessoas se apegava a gente do seu próprio tipo. Até mesmo em Nova York, até mesmo num lugar de muitas nações e culturas, homens e mulheres, jovens e velhos, ricos e pobres, preferiam sua própria espécie quando se tratava de se manter próximo. E por que não? Era muito mais fácil fazer isso do que gastar a própria e limitada energia tentando fundir-se num mundo do qual não se esperava jamais fazer parte. Era isso que tornava Nova York tão maravilhosa: havia um mundo para todo mundo. Ela tinha seu mundo no Harlem e nunca mais tentaria forçar caminho num mundo no centro, nem mesmo por uma única hora. ² (MBUE, 2016b, p. 109-110).

Torna-se interessante observar que a percepção de Neni quanto à diversidade de grupos no espaço público é bastante romântica, pois, encantada, fala que, em Nova York, “havia um mundo para todo mundo”, e se dá conta, sem mágoa ou ressentimento, de que seu espaço nesse mundo já estava limitado ao Harlem, desde quando pisou nos Estados Unidos da América. Naquele momento, Neni não tinha consciência dos resquícios da segregação racial nos Estados Unidos e da persistente desigualdade socioeconômica, inerente ao próprio sistema capitalista.

Os conflitos étnicos típicos à convivência dos cidadãos dos Estados Unidos com imigrantes africanos, também ficam explícitos no raciocínio de Neni, em uma festa oferecida por seu primo aos amigos, em um bar na cidade, quando fica evidente a diferença entre a relação do cidadão estadunidense e com um afro-americano, que é o caso de seu primo Winston:

² *She was noticing something for the first time: She was realizing that most people on the street were walking with someone who looked like them. On both sides of the street, going east and west, she saw people walking with their kind: a white man holding hands with a white woman; a black teenager giggling with other black (or Latino) teenagers; a white mother pushing a stroller alongside another white mother; a black woman chatting with a black woman. She saw a quartet of Asian men in tuxedos, and a group of friends who had different skin colors but were dressed in similar elegant chic styles. Most people were sticking to their own kind. Even in New York City, even in a place of many nations and cultures, men and women, young and old, rich and poor, preferred their kind when it came to those they kept closest. And why shouldn't they? It was far easier to do so than to spend one's limited energy trying to blend into a world one was never meant to be a part of. That was what made New York so wonderful: It had a world for everyone. She had her world in Harlem and never again would she try to wriggle her way into a world in midtown, not even for just an hour. (MBUE, 2016a, p. 94-95).*

[...] ela não tinha uma única amiga de fora da África e não chegara nem perto de fazer amizade com uma branca. Uma coisa era estar na mesma classe que eles, trabalhar para eles, sorrir para eles no ônibus; outra coisa totalmente diferente era rir e bater papo com eles durante horas, assegurando-se de enunciar cada palavra para não dizerem que o seu sotaque era difícil demais de entender. Não havia como ela passar um tempo com uma mulher branca e ser ela mesma, como era com Betty ou Fatou.³ (MBUE, 2016b, p. 105-106).

Já em relação ao afro-americano quando estava com amigos brancos, como seu primo Winston:

[...] nada lhe dava mais vergonha que negros passando constrangimento na frente de brancos, comportando-se do jeito que os brancos esperavam que eles se comportassem. Esse era o motivo de ela ter tanta dificuldade de entender afro-americanos – eles passavam constrangimento na frente dos brancos a torto e a direito, e não pareciam se importar.⁴ (MBUE, 2016b, p. 106).

Novamente, Neni não parece perceber que a exposição ao conflito étnico para o afro-americano não é uma escolha, mas uma imposição naturalizada pela suposta superioridade do homem branco estadunidense, e esta subalternidade lhe é imposta na convivência social.

2.2 A trama do romance *Behold the Dreamers*

O contexto histórico do romance antecede a crise das hipotecas de setembro de 2008 e da eleição de Barack Obama para presidência dos Estados Unidos, quando a própria identidade sociopolítica do povo estadunidense iniciava um movimento político menos ortodoxo, em direção a uma posição menos direitista extremada, pois, naquele momento, os democratas defendiam a ideologia de inclusão das minorias sociais, tendo como exemplo contundente disso, a candidatura de um afro-americano, Barak Obama. A

³ *She didn't have a single non-African friend and hadn't even come close to being friends with a white person. It was one thing to be in the same class with them, work for them, smile at them on the bus; it was a whole other thing to laugh and chat with them for hours, making sure she enunciated every word so they wouldn't say her accent was too difficult to understand. No way could she spend time with a white woman and be herself the way she was with Betty or Fatou.* (MBUE, 2016a, p. 90-91).

⁴ *Nothing shamed her more than black people embarrassing themselves in front of white people by behaving the way white people expect them to behave. That was the one reason why she had such a hard time understanding African-Americans— they embarrassed themselves in front of white people left and right and didn't seem to care.* (MBUE, 2016a, p. 91).

narrativa permeia as mazelas e os conflitos culturais e de interesses entre duas famílias, durante a explosão da bolha financeira de Wall Street: por um lado, camaroneses tentando se estabelecer em Nova York, e, por outro, norte-americanos brancos e ricos de Wall Street, lidando com as consequências da crise.

Com o auxílio de novas tecnologias de geolocalização e georreferenciamento, pudemos conferir que a distância entre Camarões e os Estados Unidos é de 11.076 km.

Figura 04: Distância de Camarões até Estados Unidos.



Fonte: Google Maps.

Como inúmeros recém-chegados à América, os membros da família Jonga têm sua saga marcada pelos sonhos de sucesso indisponíveis para eles em sua terra natal. A imigração indocumentada, o abismo crescente entre ricos e pobres e o racismo velado de uma cultura declarada “pós-racial” convergem nesta nova geração de dolorosos encontros com o Sonho Americano. Escolhem a cidade de Nova York como cidade esperança para empenharem seus esforços em direção à conquista do sucesso e, com descrições da vida na megalópole, a narrativa se torna verossímil. A história desenrola-se durante a crise das hipotecas que se deflagrou em setembro de 2007, da eleição de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos no ano seguinte, e é contada na terceira pessoa do singular, por um narrador onisciente e onipresente. Supostamente, a autora toma o papel

de narradora para criar uma ficção da história de sua vida, sobre os fatos ocorridos quando imigrou para os Estados Unidos. Mbue cria personagens, inclusive o de narradora que, de certa forma representam os vários papéis sociais vividos por ela ao se mudar para os Estados Unidos.

Behold the Dreamers concentra-se, especialmente, nas histórias de duas famílias, as quais podem ser vistas como retratos paradigmáticos de comunidades maiores. Segundo Braga,

Os Edwards são a representação da típica família estadunidense branca de classe alta, descendente de antigos imigrantes europeus. Já os protagonistas, os Jonga, representam a experiência contemporânea dos africanos que imigram, dispersados de sua terra natal para regiões estrangeiras, formando comunidades em países como os EUA. Essas comunidades são interpretadas como diaspóricas, isto é, são grupos humanos no exterior. Os personagens camaroneses de Mbue, enquanto vivem em diáspora, são obrigados a rever as aspirações de vida que têm em suas mentes, ao serem confrontados com os dilemas da sua condição diaspórica no país hospitaleiro. (BRAGA, 2019, p. 173, 174).

Braga afirma, ainda, que a catastrófica crise financeira global de 2008 parece constituir um cenário estratégico, escolhido por Imbolo Mbue para evidenciar como a vida de imigrantes sem qualificação deteriora-se rapidamente, fazendo a noção de Sonho Americano se tornar extremamente frágil no contexto do século XXI (BRAGA, 2019). Assim, Mbue aproveita-se de um dado histórico real para conferir verossimilhança a sua trama. Jende não consegue encontrar outro emprego que pague o mesmo do anterior. Agora, ele precisa lavar louças por muitas horas ao dia, em troca de menos da metade do salário como chofer: “veja como até alguns americanos estão sofrendo (...) estão dormindo nas ruas, indo dormir famintos, perdendo seus empregos e casas todos os dias nessa... nessa crise econômica, diz Jende a Nine.” (MBUE, 2016, p. 307).

A imigração de Jende, o protagonista, e de sua esposa Neni não é motivada por guerras, perseguição política ou religiosa, fome ou pobreza extrema, mas pela escassez de oportunidades financeiras, educacionais e profissionais de sua cidade natal, Limbe:

Ele teria de voltar para casa. Teria de regressar a um país onde perspectivas de uma vida melhor eram direito de nascença de poucos abençoados, a uma cidade da qual sonhadores como ele fugiam diariamente. Ele e sua família teriam de retornar a New Town de mãos vazias, sem nada além de relatos sobre o que tinham visto e feito nos Estados Unidos, e quando as pessoas perguntassem por que haviam

retornado e se mudado de volta para a casa caindo aos pedaços de seus pais, teriam de contar uma mentira, uma mentira muito boa, porque seria o único jeito de escapar da vergonha e da indignidade. Com a vergonha era capaz de conviver, mas com seu fracasso como marido e pai...⁵ (MBUE, 2016b, p. 72).

Morando no Harlem, Neni estuda na BMCC (*Borough of Manhattan Community College*), e goza de situação legal por ser estudante, com intenção de ingressar na faculdade de farmácia, enquanto seu marido Jende, trava uma batalha com a Imigração pelo pedido de asilo, dirige um táxi, objetivando proporcionar uma vida melhor para sua família. Sua grande chance surge quando ele consegue um emprego como motorista do executivo do banco Lehman Brothers, Clark Edwards. Os Jonga logo têm suas vidas cruzadas com a dos Edwards. Jende promete e demonstra lealdade inquestionável ao sr. Edwards e Neni inicia um relacionamento mais complexo com sua esposa Cindy, que a contrata temporariamente para servir em festas em sua casa de veraneio nos Hampton's e cuidar de seu filho Mighty. Neni sente-se agradecida por receber frequentes doações de roupas e sobras de comidas dos eventos sociais oferecidos pela família Edwards. O vínculo estreito entre patroa e empregada, permite a Neni perceber que o relacionamento do casal está desmoronando, pois ela descobre segredos intrincados da vida de Cindy, uma mulher alcoólatra e depressiva.

— Eu venho de uma família pobre. Uma família muito, muito pobre.
 — Eu também, madame. [...]
 — Não, você não entende... Ser pobre para vocês na África é tudo bem. Lá a maioria de vocês é pobre. A vergonha de ser pobre não é tão ruim para vocês... "Aqui, é vergonhoso, humilhante, muito doloroso" [...] Mas eu saí daquilo tudo, como pode ver. Eu batalhei, fiz faculdade, consegui um emprego, meu próprio apartamento, aprendi a me comportar bem e me encaixar sem esforço nesse novo mundo, para que nunca mais fosse olhada de cima para baixo, ou vista como um pedaço de merda. Porque eu sei o que sou, e ninguém pode jamais tirar as coisas que consegui por mim mesma.⁶ (MBUE, 2016b, p. 141-142).

⁵ *He would have to go back home. He would have to return to a country where visions of a better life were the birthright of a blessed few, to a town from which dreamers like him were fleeing daily. He and his family would have to return to New Town empty-handed, with nothing but tales about what they'd seen and done in America, and when people asked why they'd returned and moved back into his parents' crumbling caraboa house, they would have to tell a lie, a very good lie, because that would be the only way to escape the shame and the indignity. The shame he could live with, but his failings as a husband and father...* (MBUE, 2016a, p. 60).

⁶ *I came from a poor family. A very, very poor family". "Me, too, madam". Cindy shook her head. "No, you don't understand," she said. "Being poor for you in Africa is fine. Most of you are poor over there. The shame of it, it's not as bad for you". Neni closed her eyes and nodded as if she completely understood and agreed. "Over here, it's embarrassing, humiliating, very painful," [...] "But I came away from all that, as you can see. I worked my way through college, got a job, my own apartment, learned how to carry myself well and fit effortlessly in this*

Na paisagem étnica estadunidense, Jende vislumbra-se com a possível vitória de Barack Obama nas eleições presidenciais e o sonho de uma América onde a igualdade de etnias seria possível e viável. Porém, o sonho de Jende não se realizaria, já que a maior crise financeira dos Estados Unidos implode e causa imensos danos colaterais, lançando os Jonga e os ricos e brancos Edwards em um turbilhão de insegurança e desconforto, pois os dois chefes de famílias perdem seus empregos, vivendo um momento de desespero e de medo, culminando com o desentendimento entre as esposas.

A crise de Wall Street e o desemprego de Jende provocam em Neni o temor e

[...] a vergonha que experimentaria se tivesse de voltar a Limbe; a sensação de fracasso da qual não poderia nunca fugir por não ter dado aos filhos uma vida boa, uma vida plena de oportunidades, o tipo de vida que seria absolutamente impossível em Camarões. (MBUE, 2016b, p. 261).

Essa sensação de fracasso faz com que Neni decida chantagear a ex-patroa, Cindy, para conseguir dinheiro, utilizando “o segredo” que guarda sobre ela – uma foto de Cindy prostrada na cama, depois de ingerir antidepressivos com álcool. Questionada por Jende, ela rebate “guardei o segredo dela”, e ela “manda o marido despedir você?”. Mesmo assim, Jende não se convence, e Neni, que tem consciência de tudo que os patrões fizeram por eles, continua questionando ou se justificando:

Nós também não fomos bons para eles? Por que é que eles e os problemas deles são mais importantes do que nós e os nossos problemas? (MBUE, 2016b, p. 298).

[...]

— Ela pensou que podia nos usar, africanos imbecis que não sabem se virar sozinhos. Ela pensa que não somos tão inteligentes quanto ela; [...]

— Isto não tem nada a ver com ser africano!

— Tem sim! Pessoas de dinheiro, elas acham que o dinheiro pode fazer qualquer coisa neste mundo. Podem contratar você quando bem quiserem, despedir você quando bem quiserem, não significa nada para elas.⁷ (MBUE, 2016b, p. 298-299).

new world so I would never be looked down on again, or seen as a piece of shit. Because I know what I am, and no one can ever take away the things I've achieved for myself. (MBUE, 2016a, p. 123-124).

⁷ *Were we not good to them, too? Why is it that they and their problems are more important than us and our problems? [...] She thought she could use us, stupid African people who don't know how to stand up for themselves. She thinks we're not as smart as she is; [...] "This has nothing to do with being African!" "Yes, it does! People with money, they think their money can do anything in this world. They can hire you when they like, fire you when they like, it means nothing to them. (MBUE, 2016a, p. 271-272).*

Pelas justificativas acima, Neni ficou com a consciência tranquila, afinal, “tudo que ela estava fazendo era tentar ajudar a situação deles.” (MBUE, 2016b, p. 299).

Jende vê sua vida desmoronar diante das barreiras intransponíveis à sua legalização, à obtenção de seu *green card*, que lhe daria estabilidade no país. Ele sabia que “o sistema de imigração pode ser cruel.” (MBUE, 2016b, p. 261):

Para que isso aconteça terei de gastar muitos anos e muito dinheiro comparecendo ao tribunal de imigração. E então talvez o juiz ainda assim decida não me dar o asilo, o que significa que o governo acabará me deportando no fim das contas.⁸ (MBUE, 2016b, p. 409).

A crise financeira provoca em Jende um enorme estresse emocional e físico por ter de lidar com o desemprego, a preocupação com a “mulher e dois filhos que preciso alimentar, vestir e abrigar todo dia”, a situação dos *papier* (documentos) e ansiedade por ter sempre que ‘comparecer perante o juiz de imigração para continuar implorando que ele, por favor, não me deporte’, com a situação de sua mulher que ‘tem que manter o visto de estudante’ e, para isso, ‘ela precisa voltar para a escola’, mas se sente incapaz ‘de pagar as mensalidades’. O dilema de ter que voltar ao seu país de origem para sobreviver culmina com a violência doméstica (MBUE, 2016b, p. 335). Por fim, diante de tanto estresse e por tudo o que havia enfrentado desde o momento do desemprego, Jende finalmente se convence de que o Sonho Americano é ‘uma ilusão’ como lhe disse o jovem Vince e decide: “estou pronto pra voltar para casa, para Limbe.” (MBUE, 2016b, p. 338-342), invocando um sentimento positivo no retorno, com novos sonhos e a esperança de uma vida feliz em sua terra natal.

Em contrapartida, seu ex-patrão Clark, após a falência do Lehman Brothers e falecimento de sua esposa Cindy, empenha-se em um novo recomeço fora de Nova York e anuncia que “Mighty e eu estamos de mudando para a Virgínia”, com novo emprego, porém, agora, com um trabalho que gostava fazer, mais perto da família e dos amigos dele e de Cindy, pensando como isso faria bem para o filho. Em relação a seu filho Vince, ele está tranquilo com a vida que o filho leva (MBUE, 2016b, p. 404). Evidencia-se, então, que o famigerado Sonho Americano não é para todos.

O romance é bem-sucedido em humanizar essas relações e colocá-las no mesmo

⁸ For that to happen I will have to spend many years and a lot of money going to immigration court. And then maybe the judge will still decide to not give me asylum, which means the government will deport me in the end. (MBUE, 2016a, p. 372).

nível de importância, e isso o torna, um livro mais sobre famílias e sonhos do que sobre imigração propriamente dita. Tanto que o africano Jende e o estadunidense Clark, por vieses diferentes, acabam chegando à mesma conclusão: “Família é tudo.” (MBUE, 2016b, p. 404).

2.3 Personagens

Jende Jonga é o protagonista de Mbue no romance. Nascido em Limbe (Camarões), ele chega a Nova York em 2004, com ajuda financeira de seu primo afro-americano Winston, em busca do Sonho Americano, sonho que lhe era negado em seu país por inexistir possibilidade de ascensão social para os pobres. Em 2006, consegue trazer sua mulher e filho que haviam ficado em Limbe e, depois de um tempo, nasce sua filha estadunidense. Jende tem visto de visitante e para obter um *green card* (aprovação de seu pedido de asilo), luta contra o cruel sistema de imigração. Após entrevista no Lehman Brothers, consegue o cargo de motorista de um executivo chamado Clark Edwards, com ótimas condições de trabalho e, sob sua perspectiva, excelente remuneração. A recessão de 2008 desfez seu Sonho Americano e, relutante, viu-se obrigado a voltar para sua terra natal com a família.

Neni Jonga é a esposa do protagonista Jende e mãe de dois filhos, Liomi e Timba. Ela está nos Estados Unidos com visto de estudante, cuida da casa e trabalha como auxiliar doméstica de saúde, por meio de uma agência que a pagava em dinheiro, pois ela não tinha permissão de trabalho. É também uma estudante, cursando química no Borough of Manhattan Community College, e acalenta o sonho de ser farmacêutica. Esporadicamente, Neni também trabalha para a esposa do executivo Clark, Cindy, limpando e cozinhando em sua segunda residência, fora de Nova York.

Clark Edwards é estadunidense, casado e pai de dois filhos. Migrante, sai do interior do país para Nova York em busca do Sonho Americano e prioriza sua carreira à família. Tem cargo de executivo no banco de investimento Lehman Brothers, na Wall Street, e é chefe de Jende Jonga. Em 2008, o banco de investimento Lehman Brothers pediu a maior concordata da história dos Estados Unidos e seu casamento, aparentemente perfeito, se desgasta. Com a morte de sua esposa, e contratado por uma nova empresa, volta para sua terra natal para que seus filhos fiquem mais próximos da família e amigos.

Cindy Edwards, esposa do executivo Clark, é estadunidense, mãe de dois filhos, Mighty e Vince e professora de etiqueta. Nascida em uma família pobre, batalhou para sair dessa condição por meio do trabalho, dos estudos, aprendendo a se comportar bem para se encaixar sem esforço nesse novo mundo que Clark lhe proporciona e para nunca mais ser olhada, com desprezo. Porém, torna-se depressiva quando constata que é vã sua luta para manter seu *status quo*, seu casamento perfeito e sua família unida e feliz. Com a pressão esmagadora da falência do Lehman Brothers, seu casamento, sua saúde mental deteriora-se, culminando em subentendido suicídio.

3. A IDENTIDADE DO IMIGRANTE

A trama do romance, a qual transcorre sobre uma família camaronesa em busca de inclusão social, profissional e política nos Estados Unidos, é emblemática e representativa do projeto de inúmeras pessoas de diversos países que para lá imigram com o objetivo de alcançar prosperidade. Este estudo analisa a forma como a autora revela as características de uma identidade em transformação, de indivíduos que tentam assimilar e adquirir traços desejáveis em um país símbolo da riqueza e do sucesso (BAUMAN, 2015).

Evidentemente, os aspectos culturais do país de origem dos personagens imigrantes confrontam-se com a cultura norte-americana, com a qual precisam interagir para integrar-se ao novo ambiente, e isto provoca a necessidade de incorporação de valores culturais da pátria de acolhimento e a ressignificação da identidade, em relação as suas interações sociais e políticas nos Estados Unidos, mas sem, no entanto, abdicar dos seus referenciais identitários de origem. O protagonista de Mbue, quando em terras estadunidenses, percebe a diferença de oportunidades de ascensão socioeconômica entre seu país e os Estados Unidos:

— Porque... porque no meu país, senhor – Jende disse, a voz dez decibéis mais baixa, muito menos solto e animado do que estivera antes de ouvir que alguém corria perigo de ser despedido –, para a gente se tornar alguém, primeiro tem que ter nascido alguém. Se você não vem de uma família com dinheiro, pode esquecer. Se você não vem de uma família com nome, pode esquecer. É assim que as coisas são, senhor. Alguém como eu, o que é que eu posso algum dia vir a ser num país como Camarões? Eu vim do nada. Sem nome. Sem dinheiro. Meu pai é um homem pobre. Camarões não tem nada... — E você acha que os Estados Unidos têm alguma coisa para você? — Ah, sim, senhor, muita coisa, senhor! – respondeu Jende, a voz voltando se avolumar. — Os Estados Unidos têm alguma coisa para todo mundo, senhor. Veja o Obama, senhor. Quem é a mãe dele? Quem é o pai dele? Não são gente importante no governo. Não são governadores nem senadores. Na verdade, senhor, ouvi dizer que estão mortos. E veja o Obama hoje. O homem é um negro sem pai nem mãe, tentando ser presidente de um país! ⁹ (MBUE, 2016b, p. 48).

⁹ *Because ... because in my country, sir," Jende said, his voice ten decibels lower, far less unbound and animated than it had been before he heard that someone was in danger of being fired, "for you to become somebody, you have to be born somebody first. You do not come from a family with money, forget it. You do not come from a family with a name, forget it. That is just how it is, sir. Someone like me, what can I ever become in a country like Cameroon? I came from nothing. No name. No money. My father is a poor man. Cameroon has nothing—" "And you think America has something for you?" "Ah, yes, sir, very much, sir!" he said, his voice escalating once more. "America has something for everyone, sir. Look at Obama, sir. Who is his mother? Who is his father? They are not big people in the government. They are not governors or senators. In fact, sir, I hear they are dead. And look at Obama today. The man is a black man with no father or mother, trying to be president over a country! (MBUE, 2016a, p. 40).*

Além disso, para gerar empatia, demonstrar gratidão e interesse, Jende esforça-se para aprender a língua e a maneira de abstrair sentidos em inglês:

Era a primeira vez que tinha a chance de escrever algo diariamente desde seus tempos de estudante na Abrangente Nacional, então aproveitava a oportunidade para empregar frases e expressões que aprendera lendo o dicionário que possuía desde a escola secundária; exibir sentenças e tempos verbais que tinha tirado de jornais e que esperava que provassem para a madame que pensava com cuidado ao escrever.¹⁰ (MBUE, 2016b, p. 231).

Inevitavelmente, o esforço de adaptação à nova cultura empreendido pelos camaroneses em questão é constante e observado ao longo da narrativa. Talvez a identidade destes imigrantes assimile aspectos da nova cultura, de maneira perene e significativa. É interessante observar que o personagem Jende percebe este esforço de adaptação como parte do sacrifício necessário à conquista do Sonho Americano, pois ele faz questão de manter-se fiel às raízes. Sua esposa, Neni, por sua vez, aprecia as vantagens de fluir no modo de vida nova-iorquino, pois para ela, mulheres negras em Nova York são mais livres e independentes do que em Camarões.

O protagonista da história de Mbue, Jende, enfrenta o conflito da transposição das fronteiras geográficas e, como imigrante camaronês nos Estados Unidos, percebe que a sua ideia a respeito das dificuldades ao se mudar para Nova York é ingênua, pois as fronteiras virtuais da cultura africana em relação à estadunidense, vistas a partir dos recursos midiáticos disponíveis hoje, são muito mais permeáveis do que se revelam quando ele tenta viver e realizar o Sonho Americano sob a etnocentria do Tio Sam. O primeiro desafio de Jende, quando chega sozinho aos EUA, foi ter de morar com outros imigrantes, de culturas diferentes, para conseguir permanecer na Big Apple e, ainda, economizar dinheiro para trazer sua família ainda morando em Limbe:

Naquele dia, ficara deitado a manhã e a tarde toda na cama de cima de seu beliche, no apartamento no porão que dividia com os porto-riquenhos no Bronx, o tempo lá fora frio demais para dar um passeio, as pessoas nas ruas desconhecidas demais para comemorar com elas o espírito especial

¹⁰ *This was his first chance to write something on a daily basis since his student days at National Comprehensive, so he took the opportunity to employ phrases and expressions he hadn't found a way to use in everyday conversation; throw in words he'd learned from reading the dictionary he'd owned since secondary school; display sentences and tenses he'd picked up from the newspaper and which he hoped would be proof to the madam that he was thinking carefully as he wrote. (MBUE, 2016a, p. 207).*

do dia. (MBUE, 2016b, p. 266).¹¹

Então, Jende constata que precisa desvencilhar-se de várias características de sua identidade africana e assimilar traços da cultura local, para ter alguma chance de sobreviver ali. Sua esposa Neni, quando chegou aos Estados Unidos com o filho, intuitivamente, passa a orientá-lo em relação aos trajés, o linguajar e comportamentos adequados a um imigrante, candidato a uma vaga de emprego em Nova York. Vejamos a seguinte passagem:

Neni havia sugerido que ele também destacasse seu admirável senso de humor, talvez com alguma piada. Afinal, dissera ela, que executivo de Wall Street, depois de passar horas quebrando a cabeça sobre como ganhar mais dinheiro, não apreciaria entrar no carro e encontrar seu chofer pronto com uma boa piada? Jende tinha concordado e preparado uma resposta, um breve monólogo que concluía com uma piada sobre uma vaca num supermercado. Com certeza funcionaria muito bem, dissera Neni. (MBUE, 2016b, p. 12).¹²

A adaptação ao estilo de vida e cultura dos Estados Unidos varia em grau de dificuldade, dependendo de alguns fatores, pois, em primeiro lugar, imigrantes caucasianos, vindos de cultura europeia, parecem identificar-se mais facilmente do que aqueles não caucasianos, de culturas com sistemas econômico, político, social, religioso e educacional muito diferentes do ocidente rico. Do ponto de vista da cultura da sociedade receptora, o mesmo processo ocorre, pois, os estadunidenses, por sua vez, também se mostram mais empáticos a imigrantes com traços identitários mais parecidos com aqueles de seus colonizadores:

[...] a professora disse com uma breve risada, um leve sotaque (hispanico? italiano?) infiltrando-se através de sua voz branda e fazendo Neni se perguntar se ela era imigrante ou filha de imigrantes. Se fosse imigrante, não parecia ser uma imigrante pobre, não com o deslumbrante anel de brilhante no dedo e a bolsa de grife sobre a mesa. Ela era nova na escola e parecia não ter mais de vinte e quatro anos, provavelmente só um ou dois anos lecionando, e para Neni estava claro, pelo comportamento entusiasmado e o sorriso fácil da jovem, que ela estava gostando do trabalho, e que

¹¹ *On that day he had lain on his upper-level bunk bed all morning and afternoon in the basement apartment he shared with the Puerto Ricans in the Bronx, the weather outside too cold for a walk, the people on the streets too unknown to celebrate the specialness of the day with.* (MBUE, 2016a, p. 239).

¹² *Neni had suggested he also highlight his wonderful sense of humor, perhaps with a joke. After all, she had said, which Wall Street executive, after spending hours racking his brain on how to make more money, wouldn't appreciate entering his car to find his chauffeur ready with a good joke? Jende had agreed and prepared an answer, a brief monologue which concluded with a joke about a cow at a supermarket. That should work very well, Neni had said.* (MBUE, 2016a, p. 06).

independentemente do motivo de ter aceito o emprego, acreditava naquilo a que se dedicava, na diferença que estava fazendo nas vidas de seus alunos. Era evidente que ela não estava nem perto de desiludida.¹³ (MBUE, 2016b, p. 77).

Outro fator determinante na construção da identidade do imigrante é o nível de educação formal e sua proficiência na língua inglesa. Jende é um homem de pouca escolaridade em seu país de origem e, também, não se empenha em estudar nos Estados Unidos, diferentemente de seu primo Winston, “que obteve a cidadania americana ao entrar para o exército e conseguir se formar em direito, o que lhe proporcionara uma vida de classe média.” (MBUE, 2016b, p. 174-175), validando esse aspecto:

Mesmo se Jende tivesse documentos, Winston continuou, sem uma boa educação, e sendo um africano negro imigrante, talvez nunca conseguisse ganhar dinheiro suficiente para poder ter a vida que gostaria de ter, sem falar em ganhar o suficiente para possuir uma casa ou pagar os estudos na sua esposa e de seus filhos. Talvez pudesse nunca ser capaz de ter realmente uma boa noite de sono.¹⁴ (MBUE, 2016, p. 355).

Já, sua esposa Neni, tenta o caminho do primo de Jende, Winston, entrando nos Estados Unidos com objetivo de estudo, tanto é que ela se mostra mais hábil no estilo americano de ser, como vemos nesta passagem:

E pela primeiríssima vez na vida, tinha um sonho além do casamento e da maternidade: tornar-se farmacêutica como aquelas respeitadas em Limbe por oferecer saúde e felicidade em frascos de comprimidos. Para realizar esse sonho, precisava ir bem nos estudos, e ela estava indo bem — mantendo uma média de B+. Três dias por semana ia à escola e, depois das aulas, caminhava pelos saguões carregando seus grossos livros didáticos de álgebra, química, biologia e filosofia, radiante porque estava crescendo para se tornar uma mulher culta. Sempre que podia, sentava-se na biblioteca para fazer os deveres de casa, ou ia à sala dos professores em busca de conselhos sobre o que precisaria fazer para conseguir notas melhores e entrar numa boa

¹³ *Oh, nothing too bad,” the teacher said with a short laugh, a faint accent (Hispanic? Italian?) seeping through her warm voice and causing Neni to wonder if she was an immigrant or a child of immigrants. If she was an immigrant, she didn’t appear to be a poor one, not with the dazzling diamond ring on her finger and the Coach bag on the table. She was new to the school and seemed no older than twenty-four, probably only a year or two into teaching, and it was clear to Neni, from the young woman’s cheerful demeanor and easy smile, that she was enjoying her job, and that regardless of why she initially took the job, she believed in what she was doing, in the difference she was making in the lives of her students. It was evident she was nowhere close to being as disillusioned.* (MBUE, 2016a, p. 64).

¹⁴ *Even if Jende got papers, Winston went on, without a good education, and being a black African immigrant male, he might never be able to make enough money to afford to live the way he’d like to live, never mind having enough to own a home or pay for his wife and children to go to college. He might never be able to have a really good sleep at night.* (MBUE, 2016a, p. 322).

faculdade de farmácia.¹⁵ (MBUE, 2016b, p. 20).

A condição financeira do imigrante constitui-se no terceiro fator que interfere no sucesso de seu projeto de imigração. Imigrantes que contam com recursos financeiros advindos do país de origem, e que geralmente se mudam para estudar, tendem a ter mais sucesso, pois podem esperar a oportunidade de realizar seu Sonho Americano. Jende não traz posses nem dinheiro de seu país de origem e, ao contrário de sua esposa Neni, apresenta resistência aos estudos e aquisição dos novos quesitos culturais. Ele não tem grandes pretensões e simplesmente quer conseguir um emprego estável e financiar seu próprio apartamento. Entretanto, quando a situação financeira da família se torna insustentável, a esperança de permanecer nos Estados Unidos seria a manutenção do status de estudante de Neni, porém, Jende não consegue mantê-la estudando sem trabalhar:

Mas se as coisas começarem a ficar ruins demais para nós neste país, você tem o seu visto de estudante, eu tenho o governo tentando me deportar, você precisa continuar na escola para manter o seu visto de estudante, o nosso dinheiro começa a acabar, um de nós fica doente, e a quem vamos recorrer?¹⁶ (MBUE, 2016b, p. 341).

Tenho uma mulher e dois filhos que preciso alimentar e vestir e abrigar todo dia. Minha mulher deveria voltar à escola para manter seu visto de estudante, e eu não sei se serei capaz de pagar as mensalidades lavando pratos em restaurantes. Ela talvez tenha que largar a escola e viver sem nenhum tipo de documento. Talvez ela também acabe diante de um juiz de imigração, implorando para, por favor, permanecer no país para poder achar um jeito de terminar a escola. Esqueça a escola, há dias em que nós nem temos o suficiente para uma boa refeição com frango. Eu estou poupando as minhas economias ao máximo para estar pronto para o dia em que chegar o pior, mas agora eu me pergunto para que estou economizando? O pior já chegou, e as minhas costas estão arrebrandando. Então, sim, doutor, eu tenho muitos grandes fatores de estresse na minha vida.¹⁷ (MBUE, 2016b, p. 335).

¹⁵ *And for the very first time in her life, she had a dream besides marriage and motherhood: to become a pharmacist like the ones everyone respected in Limbe because they handed out health and happiness in pill bottles. To achieve this dream, she had to do well in school, and she was doing just that— maintaining a B-plus average. Three days a week she went to school and, after classes, walked the school's hallways with her bulky algebra, chemistry, biology, and philosophy textbooks, glowing because she was growing into a learned woman. As often as she could, she sat in the library to do her homework, or went to office hours to hound professors for advice on what she needed to do to get better grades so she could get into a great pharmacy school.* (MBUE, 2016a, p. 14).

¹⁶ *But if things start to get too bad for us in this country, you have a student visa, I have the government trying to deport me, you need to stay in school to keep your student visa, we start running out of money, one of us gets seriously sick, who are we going to turn to?* (MBUE, 2016a, p. 309).

¹⁷ *I have a wife and two children who I need to feed and clothe and shelter every day. My wife is supposed to return to school to keep her student visa, and I don't know if I'll be able to afford her international student*

Considerando os três quesitos mínimos que constituem as fronteiras para o Sonho Americano e influenciam no processo migratório bem-sucedido, Jende enfrenta barreira nos três, pois ele é negro, tem pouca educação formal, não é fluente em inglês, e mudou-se para os Estados Unidos absolutamente sem recursos financeiros.

Harari (2018, p. 230) corrobora essa ideia, propondo que a imigração seja considerada um trato entre três condições ou termos básicos: o país anfitrião permite a entrada de imigrantes; em troca, os imigrantes têm de adotar as normas e os valores centrais do país anfitrião, mesmo que isso signifique renunciar a alguns de seus valores e normas tradicionais; se os imigrantes se assimilarem em um grau considerado suficiente, com o tempo, tornam-se iguais e integrais do país anfitrião. “Eles” passam a ser “Nós”.

Posto isto, ainda que Jende fosse ucraniano ou grego, ele teria uma certa fronteira cultural para cruzar, caso quisesse imigrar, por exemplo, para o Reino Unido. Sendo africano e querendo realizar o Sonho Americano, nos Estados Unidos, essa fronteira alarga-se exponencialmente, até porque ele próprio também tem preconceito étnico, considerado o seu comentário:

— Talvez porque não tenham negros ali, e querem ter uma família negra – rebateu Jende. — Esse tipo de gente branca está sempre tentando provar aos amigos o quanto gostam de negros.¹⁸ (MBUE, 2016b, p. 255).

Percebe-se pela fala de Jende que ele tem uma ideia pré-concebida de como os estadunidenses enfrentam seu preconceito étnico. Na verdade, pelo curto tempo que se encontra nos Estados Unidos, ele ainda não teria experiência de vida longa o bastante nos Estados Unidos para ter este julgamento. Jende não considera que alguns brancos podem realmente gostar dele e de sua família. Essa dificuldade em acreditar em sua inclusão na cultura estadunidense tem suas raízes não apenas nas situações, vividas neste país, de racismo, marginalização e opressão do imigrante negro, mas antes disso, na história do continente africano. Jende carrega uma herança transgeracional de uma África colonizada por brancos.

tuition by washing dishes at restaurants. She may have to drop out of school and live without any kind of papers. Maybe she'll end up in front of an immigration judge, too, begging to please be allowed to remain in the country so she can find a way to finish her school. Forget about school, we don't even have enough to cook a good meal with chicken some days. I am holding on tightly to my savings so that I'll be ready for the day when worse comes to worst, but now I ask myself what am I saving it for? The worse has come to the worst, and my back is breaking. So, yes, Doctor, I have many major stressors in my life. (MBUE, 2016a, p. 304).

¹⁸ *Maybe because they don't have black people there, and they want to have a black family,” Jende retorted. “Those kind of white people are always trying to prove to their friends how much they like black people. (MBUE, 2016a, p. 229).*

3.1 Conflito identitário e as barreiras à inclusão do imigrante

A teoria de Figueiredo (2005), revela que a definição de identidade data de momentos históricos remotos justifica o fato de, na pós-modernidade, o conceito de identidade ser intensamente debatido e evoluir para empregos cada vez mais fluidos, com contornos entrelaçados, desde a sociologia até à antropologia, política, passando pela economia, cultura, literatura. Então, tendo em vista a amplitude e o emaranhado do conceito de identidade, Bauman (2005) explica que, na pós-modernidade, a constituição e definição de identidade encontram-se relacionadas a um processo de múltiplas particularidades culturais, e, portanto, precisam ser abordadas por meio de considerações inéditas pertinentes ao aqui e agora, contemplando a tecnologia de comunicação atual, e, principalmente a questão da possibilidade da presença virtual (identidade real x identidade virtual) e da velocidade de veiculação de informação. Além disso, o colapso do estado de bem-estar social e o crescimento da sensação de insegurança gerada pelo aumento da flexibilidade no local de trabalho, nas relações interpessoais e nos modelos de família também devem ser considerados quando se pensa em identidade.

Consoante com Bauman (2005), Figueiredo (2005) afirma que a questão da identidade abarca também problemas acerca de visões essencialistas e críticas negando a possibilidade de uma identidade fixa. Ainda segundo Figueiredo, fala-se, cada vez mais, de identidades plurais ou, ainda, de identificações, com caráter provisório, pois encontram-se em constante transformação.

Por outro lado, em contraste com o movimento contemporâneo de pluralização da identidade, uma força de unificação identitária jaz sob os conglomerados econômicos, pois países unificados, em blocos, podem movimentar, atrair e ganhar mais dinheiro. A União Europeia, por exemplo, tende a induzir os cidadãos de seus vários países membros a ter uma identidade única. Contudo, para construir um bloco econômico hegemônico, basta a assinatura de alguns contratos e trâmites burocráticos de curto prazo, ao passo que um bloco de identidade única precisa ser lapidado por meio do território, do tempo e da presença. Este amálgama é difícil de ser alcançado, pois questões etnocêntricas e de peculiaridades nacionais, principalmente das nações mais antigas e das mais bem-sucedidas, militam contra uma identidade sociocultural única.

Evangelista (2006) usa Karl Marx para discutir o conceito de identidade no contexto da globalização, especificamente, dentro da ótica pós-moderna. Na sociedade

contemporânea capitalista, a realidade não é a ideal. A destacada socialização da informação apresentada, muitas vezes, como benefício do mundo globalizado fica mais distante da população com menor capital. Assim, a abrangência deste novo sistema de informação manipulada torna-se cada vez maior devido à sua política de acúmulo e relação estreita e dependente de um padrão de capital global (JAMESON, 1996).

Esse acesso guiado à informação promove um condicionamento massivo por parte da indústria cultural vigente e os valores da acumulação de capital se sobressaem aos de igualdade. Contudo, mesmo ainda vivendo os efeitos de um sistema conservador, a teoria marxista apresenta-se como notável ponto de partida para a crítica necessária à pós-modernidade ou à identidade pós-moderna (EVANGELISTA, 2006).

Etimologicamente, o termo identidade deriva do latim “identitas”, e refere-se ao “idêntico”, ou seja, um antônimo geral de “diferente”. Analisando o significado das duas palavras, no entanto, e sem deixar de lado um contexto específico, percebe-se que a identidade é, antes de tudo, construída a partir da diferença. Isto é, não existe identidade sem diferença. A afirmação de uma determinada identidade só é necessária, e de certa forma possível, porque existe a necessidade de diferenciá-la de outras identidades. Como exemplifica Silva (2000):

Quando digo “sou brasileiro” parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. “Sou brasileiro” – ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros. (SILVA, 2000, p. 35).

Ambas, identidade e diferença, não se esgotam em si mesmas, pois não são coisas dadas naturalmente, eternizadas pela natureza, mas sim construções simbólicas em constante processo de transformação. A identidade, portanto, não é apenas um conceito senão um produto, que nasce e se desenvolve em um contexto social específico, determinante para sua definição. Quer dizer, a identidade não pode ser concebida fora das relações sociais, pois, desta forma, perde o seu significado. Indo um pouco além, Silva (2000, p. 73) afirma que: “Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade”.

Nesse sentido, Quijano (2005) postula que a identidade é uma categoria relacional, intersubjetiva e histórica. Trata-se de parte integrante das relações estabelecidas, durante um período, em um dado momento e local e, como tal, pode sofrer transformações ou deixar de existir. Partindo dessa premissa, Giddens (2002) entende que a identidade

pressupõe um significado, concomitantemente, sendo um processo contínuo de recapitulação e interpretação, isto é, para o autor, a identidade é a criação da constância por meio do tempo, a verdadeira união do passado com um futuro antecipado. Portanto, percebe-se que as identidades não são dadas de forma natural, isto é, não representam o simples ato de afirmar “algo” sobre “alguém”. Assim, por trás da afirmação “sou brasileiro” existe também uma espécie de afirmação do tipo “não sou argentino”.

Ferdinand de Saussure teoriza que um signo é exatamente tudo aquilo que os outros não são. O mesmo ocorre com o homem, pois um é tudo aquilo que o resto das pessoas do planeta não pode ser. Em relação à identidade humana, o psiquiatra austríaco Viktor Frankl (1993) usa o mesmo raciocínio de Saussure, pois, para ele, a existência humana representa uma forma especial de ser: “‘ser-pessoa significa um absoluto ser-diferentemente’. Com efeito, o essencial e valioso ‘caráter de algo único’ de cada homem não significa senão que ele é precisamente diferente de todos os outros homens.” (1989, p. 117). Assim, cada homem é único e irrepetível, tem um modo próprio de existir, um “ser-assim” e isto lhe permite responder a circunstâncias irrepetíveis, afirmando valores que só ele seria capaz de fazê-lo naquele momento, daquela maneira.

Moreiras (2001, p. 264) compartilha a mesma percepção de Saussure e Arendt, quando, oportunamente, inicia sua discussão sobre hibridismo e consciência dupla com um texto de Leslie Marmon Silko, extraído do *Almanac of the Dead*, “fico furioso quando ouço a palavra idêntico”, continuou Calabazas. “Isto não existe. Em lugar algum. Nunca. Tudo o que você tem a fazer é parar e pensar. Parar e olhar”.

Mais uma vez, a tese Saussuriana é reafirmada por Romano Guardini, por esclarecer que a pessoa é um espaço impossível de ser possuído por qualquer outra instância, pois pertence, exclusivamente, a si e estabelece uma relação única consigo próprio, na qual não cabe nenhum outro, “me encontro só comigo; que não posso ser representado por nenhum outro, e que sou único.” (1963, p. 152). Hannah Arendt endossa o caráter único do homem, corroborando os autores acima mencionados e, ao mesmo tempo, elabora uma antítese ao antepor, simultaneamente, o caráter de inclusão da identidade humana, concordando com a noção de igualdade, pluralidade, fluidez e compartilhamento de Bauman (2005). A pensadora esclarece que, se os homens não fossem iguais, não haveria possibilidade de compreensão entre eles, nem seria possível prever necessidades de homens futuros. Além disso, se não fossem diferentes de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da

ação para se fazerem entender. Mbue ilustra bem essa questão em vários momentos como, por exemplo, o dia em que Neni, com sua prima Fatou, encontra-se com seu professor de cálculo em um café. Quando ele diz a elas que não é casado, Fatou pergunta:

— Namorada? – Namorado.

— As duas perguntam em uníssono: Namorado?

— Suponho que as damas não conheçam muitos homens com namorados?

— Ainda em choque Fatou disse: “Eu não conheço homem gay do meu país. Mas na aldeia a gente tinha um homem que ia que nem mulher. Pendurava a mão para o ar e balançava a *derrière* muito bonito quando dançava”. Toda gente falava que ele devia ser mulher por dentro, mas ninguém chamava ele gay... E a gente não tem não palavra pra gay. Então, estou feliz de conhecer você!

— Neni, responde e é perceptível o choque em sua voz “Mas eu pensei que o senhor falou que gostava de crianças, professor... Mas como o senhor pode... eu pensei”

— Ah, eu adoro crianças. Eu sempre quis filhos. Assim que eu terminar a escola, meu namorado e eu, nós realmente esperamos poder adotar. (MBUE, 2016b, p. 91-92).

Nessa seara, Bauman (2005) corrobora Arendt, atribuindo diferentes significados associados ao uso do termo identidade, e estes contribuem para desmoronar as bases da sua ideia universalista, pois não é possível definir identidade sem dividir tanto quanto, ou mais do que, unir, considerando-se o caráter includente de identidade sendo complementado por seu caráter simultâneo de segregar, isentar e excluir. Assim, Bauman admite o cunho contraditório, porém interativo, do conceito de identidade. Trata-se, então, de uma ideia, literalmente, dialética.

4. O SONHO AMERICANO

O Sonho Americano é um *ethos* nacional dos Estados Unidos, uma variedade de ideais de liberdade que inclui a chance de sucesso e prosperidade, maior mobilidade social para as famílias e um futuro melhor para os filhos, e pode ser alcançado por meio de trabalho duro em uma sociedade sem obstáculos. Para Jende, em seu país, não existiam possibilidades para as pessoas não “bem-nascidos”, diferentemente das possibilidades sonhadas para a vida nos Estados Unidos, onde a chance de se tornar respeitável, de ter um filho também respeitável, sendo que para isso, o destino dependeria apenas de seus esforços e “trabalho duro”. O desejo de um futuro melhor para o filho, que poderia um dia se tornar um “grande homem” como Clark, era o que motivava todos os esforços de Jende.

Na definição do Sonho Americano, por James Truslow Adams, em 1933, a vida deveria ser melhor, mais rica e mais completa, com oportunidades para todos, proporcionais a suas habilidades ou conquistas, independentemente de sua classe social ou circunstâncias de nascimento. Considerando as tendências comportamentais do homem contemporâneo e a história da raça humana, como um todo, a definição de Adams do Sonho Americano é paradoxal e, constitui-se, em si, uma utopia, pois a condição de igualdade de oportunidades contemplada por este autor para a realização de tal sonho nunca existiu, não existe e é pouco provável que existirá algum dia.

Enquanto a maior parte das nações construiu suas identidades por meio de elementos como língua, geografia, religião, dentre outros, Cullen (2003) chama atenção para como os Estados Unidos, em grande medida, se construíram por meio de uma ideia que perpassava o imaginário e o inconsciente coletivos. A ânsia por liberdade de religião, pensamento e expressão induziu uma quantidade considerável de ingleses protestantes puritanos, os chamados *pilgrims fathers*, isto é, “pais peregrinos”, que foram os primeiros a imigrar para a América do Norte, e ali fundar as primeiras colônias, e estas, a posteriori, deram origem aos Estados Unidos da América. Esses imigrantes partilhavam da fé puritana e, assim como os católicos ingleses, eram perseguidos, no século XVII, pela monarquia absolutista anglicana. Essas perseguições acabaram por levá-los a sair dos domínios britânicos. O navio utilizado para a viagem dos peregrinos chamava-se *Mayflower* (Flor de Maio). Ao todo, o navio transportou cerca de 102 passageiros e 25 tripulantes e permaneceu ancorado na costa estadunidense por dois meses, aguardando o inverno passar.

Durante esse tempo, muitas doenças acometeram os passageiros, e dos 102 que estavam a bordo, apenas 53 sobreviveram. Estes remanescentes elaboraram e assinaram o chamado *Mayflower Compact* (Pacto do Flor de Maio). Kernal (2010) esclarece que esse documento traçava regras a serem seguidas quando finalmente estivessem em terra firme, assentados na colônia e sempre é lembrado pela historiografia norte-americana como um marco fundador da ideia de liberdade, ainda que o documento dedique longos trechos à glória do rei James da Inglaterra. No início do inverno seguinte, em 1621, os colonos sobreviventes na terra prometida decidiram celebrar a vida e a colheita com uma festa de *Thanksgiving* (Ação de Graças). Kernal narra a organização da celebração de Ação de Graças:

[...] utilizaram sua primeira colheita de milho, já que a plantação de trigo europeu tinha falhado, e convidaram para a festa o chefe Massasoit, da tribo Wampanoag, que os havia auxiliado desde a sua chegada. Desde então, os norte-americanos repetem, no mês de novembro, a festa de Ação de Graças, reforçando a ideia de que eles querem ter os “pais peregrinos” de Massachusetts como modelo de fundação. (KARNAL, 2010, p. 46).

Kernal desconstrói a partir desses fatos históricos a ideia fundante dos Estados Unidos,

Os ‘pais peregrinos’ (*pilgrim fathers*) são tomados como fundadores dos Estados Unidos. Não são os pais de toda a nação, são os pais da parte “WASP.” (em inglês, *White Anglo-saxon Protestant*, ou seja, branco, anglo-saxão e protestante) dos EUA. Em geral, a historiografia costuma consagrá-los como os modelos de colonos. Construiu-se uma memória que identificava os peregrinos, o *Mayflower* e o Dia de Ação de Graças como as bases sobre as quais a nação tinha sido edificada. Como toda memória ela precisa obscurecer alguns pontos e destacar outros. [...] A população das colônias crescia rápido, passando de 2.500 pessoas em 1620 (sem contar índios) para três milhões um século depois. Nesse grande contingente, embrião do que seriam os Estados Unidos, misturam-se inúmeros tipos de colonos: aventureiros, órfãos, membros de seitas religiosas, mulheres sem posses, crianças raptadas, negros e africanos, degredados, comerciantes e nobres. Tomar, assim, os peregrinos protestantes como padrão é reforçar uma parte do processo e ignorar outras. (KARNAL, 2010, p. 46-47).

Portanto, em sua gênese, a semente do Sonho Americano é inglesa e germinou do espírito de menos de 53 pioneiros, já que nem todos os sobreviventes do *Mayflower* assinaram o pacto, fato este que também explica o caráter democrático e o valor pela

liberdade e direito de escolha do povo estadunidense. A partir de então, ele foi repetidamente contado nas aulas de história e literatura estadunidenses e questionado ao longo dos anos por uma tradição literária que aborda o assunto, mas continua sobrevivendo graças ao seu caráter maleável e à sua capacidade de renovação.

Tendo em vista suas origens, a realização do Sonho Americano tem uma marca registrada, o movimento, a locomoção, o ato de avançar em direção à alguma coisa melhor do que aquilo que o ambiente e o contexto do aqui e agora oferecem. Assim, ao chegarem à “América”, os *pilgrims* também não se estabeleceram na costa do Atlântico, acreditando que mais para frente, ao adentrarem o terreno, encontrariam melhores condições e mais abundância. Quando no centro do país, ainda não estavam satisfeitos, e foram rumo ao Oeste, sonhando sempre com alguma coisa melhor.

Então, o *far West* (Oeste longínquo) passou a ficar mais próximo dos cidadãos americanos na segunda metade do século XIX. A imigração para o Oeste também povoou o imaginário das pessoas e as guerras sangrentas com os índios em algumas das regiões bem como o universo que girava em torno da linha férrea, onde ficavam as diligências e por onde passavam os trens, produziam as figuras dos *cowboys*, do *sheriff*, dos bandidos e sequestradores, dos prostíbulos e muitas outras. Sem contar as paisagens desérticas, típicas do Oeste dos Estados Unidos. Esses elementos, até hoje, estão presentes no modo como os estadunidenses retratam o Oeste, seja em desenhos animados, no cinema, em séries de TV, seja na literatura (FOHLEN, 1989, p. 18).

Quando os conquistadores finalmente chegaram ao fim do Oeste e, fatidicamente, caíram no Oceano Pacífico, também não se deram por satisfeitos, continuaram a expedição pela fortuna, agora, de volta ao Leste. Embora o Leste tenha se desenvolvido bastante, não foi o suficiente para a realização do antigo ideal, eles, então, foram para outros países e, depois, para o espaço sideral. Esse movimento incessante de busca constitui-se no cerne do Sonho Americano.

Vale destacar que, mesmo após a proclamação da Independência dos Estados Unidos, outros povos passaram a incorporar a luta por riqueza com grande intensidade. A construção da identidade do povo estadunidense contou com a participação de imigrantes de uma série de nacionalidades. O enorme crescimento econômico dos Estados Unidos dependia de uma mão-de-obra massiva, que foi providenciada pelos grandes movimentos populacionais do fim do século XIX no mundo. Expulsos de seus países pelo crescimento demográfico, modernização agrícola, pobreza e opressão política e religiosa,

25 milhões de imigrantes chegaram aos Estados Unidos, entre 1865 e 1915, um contingente mais de quatro vezes superior ao dos 50 anos anteriores. Nas últimas quatro décadas do século XIX, a maioria dos imigrantes veio de origens tradicionais como Reino Unido, Irlanda, Alemanha, Canadá, México e Escandinávia. Entre 1890 e 1914, os países da Europa do Sul e Leste e Japão aumentaram o número de imigrantes significativamente. A maioria dos imigrantes depois de 1900 era jovem e vinda de áreas rurais para trabalhar nas grandes cidades (PURDY, 2010).

Muitos irlandeses, por exemplo, imigraram para os Estados Unidos devido à facilidade em realizar grandes colheitas agrícolas. Os irlandeses, essencialmente católicos, são responsáveis pela pequena diversidade religiosa nos Estados Unidos, onde a maioria é protestante e, apesar de seu espírito desbravador, enfrentaram a barreira religiosa à realização de seu Sonho Americano.

Os italianos, também católicos, imigraram em grandes números aos Estados Unidos, entre os séculos XIX e XX. Boa parte deles se mudou em decorrência das condições de miséria na Itália naquela época. Os Estados Unidos foram também um destino muito procurado por causa da eclosão de guerras. Por exemplo, muitos poloneses chegaram, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial.

Há uma relação intrínseca e estreita entre o quesito prosperidade, que originou o Sonho Americano, e o povo judeu, pois os Estados Unidos se tornaram um dos principais destinos dos judeus que buscavam guarida quando perseguidos pelo nazismo. Com isso, formou-se uma grande comunidade judaica na América no Norte, formada por sobreviventes dos campos de concentração e por filhos de imigrantes que conseguiram deixar a Europa rapidamente. O número de judeus passou a aumentar durante o século XX, como consequência da chamada “Guerra Santa”, na qual israelenses e palestinos disputavam territórios. Muitos sobreviventes também enxergaram os Estados Unidos como principal destino para manter a família em segurança. Da mesma maneira, os cubanos que não concordavam com o regime ditatorial do país também fugiram em massa para os Estados Unidos durante o governo de Fidel Castro.

Todas essas etnias encontraram um mercado extremamente próspero, podendo vislumbrar novos projetos de vida e até criar negócios em território estadunidense. A estrutura social que prima pela liberdade, privacidade e igualdade bem como a estrutura física, com espaço, condições estéticas e de infraestrutura que os Estados Unidos oferecem promovem segurança e uma imensa sensação de felicidade para quem é imigrante.

Com o passar do tempo, o Sonho Americano tornou-se frágil e contraditório. Os mexicanos, por sua vez, por serem vizinhos, e por não terem em seu país tal estrutura facilitadora de boas condições socioeconômicas, passaram a imigrar em massa para os Estados Unidos. As regras para migração se tornaram muito mais rígidas, exigindo uma série de aprovações para que se pudesse entrar no país. Esse enrijecimento das regras gera, até hoje, um estresse diplomático entre Estados Unidos e México, já que mexicanos e cidadãos de países da América Central e do Sul frequentemente aventuram-se a cruzar a fronteira de forma ilegal, arriscando suas vidas em busca desesperada por sua vida melhor.

Da mesma maneira, dentre os africanos que adentraram os Estados Unidos, poucos realizaram algum sonho, pois vieram como escravos e não imigrantes. Situação parecida ocorreu em relação aos trabalhadores chineses que construíram as linhas ferroviárias e não viveram uma experiência de vida estimulante. A febre do ouro na Califórnia atraiu centenas de milhares de imigrantes de todo o mundo, mas muito poucos alcançaram o “sonho californiano”. Nestes casos, o Sonho Americano revelou-se um pesadelo.

A história explica que o Sonho Americano tem suas raízes no princípio de igualdade garantida na Declaração da Independência dos Estados Unidos, que proclamou que “todos os homens são criados iguais”, com direito à “vida, à liberdade e à busca da felicidade”. Este documento empodera os estadunidenses a acreditar e a lutar por aquilo que seus pais fundadores disseram ser seu direito. À luz da Declaração de Independência, seria possível e legítimo que cada cidadão conquistasse seu espaço e prosperidade, por meio de habilidades adquiridas, trabalho e conquistas acumuladas, exatamente conforme o proposto por James Truslow Adams.

Embora a Declaração da Independência tenha proclamado o direito de liberdade aos homens, a origem de liberdade data da antiguidade, o termo vem do latim *libertas* e significa a condição do indivíduo que possui o direito de fazer escolhas autonomamente, de acordo com a própria vontade, sendo um dos temas principais tratados pela tradição da filosofia, primordialmente definida por Aristóteles como a possibilidade de realizar escolhas orientadas pela vontade. Entretanto, a liberdade deveria estar acompanhada do conhecimento, pois para este filósofo, o conhecimento é a ferramenta capaz de ampliar as possibilidades de escolha e tornar o indivíduo mais livre e capaz de realizar sua finalidade, a busca pela felicidade.

Na filosofia medieval e na tradição cristã, a liberdade estava diretamente

relacionada com a faculdade do livre-arbítrio. Os seres humanos são dotados de liberdade por Deus para que possam (livremente) seguir os ensinamentos Dele e alcancem uma vida virtuosa orientada pela fé; já no direito, liberdade relaciona-se aos direitos de cada cidadão. Filosoficamente, ela constitui-se em independência do ser humano, autonomia, autodeterminação, espontaneidade e intencionalidade. Por outro lado, para Kant, liberdade está relacionado com autonomia, é o direito do indivíduo criar regras para si mesmo, que devem ser seguidas racionalmente. Essa liberdade só ocorre realmente, por meio da vontade em conformidade com as leis morais. No século XX, Sartre afirma que a liberdade é a condição de vida do ser humano, o princípio do homem é ser livre. Os seres humanos estariam condenados a ser livres, são obrigados a realizar escolhas e para construir sua própria existência (KARNAL, 2010).

Nas raízes do pensamento liberal desenvolvidas por John Locke, os indivíduos teriam abandonado a liberdade natural e passaram a viver sob o governo de um Estado que pudesse garantir o seu direito à propriedade. A vida passa a ser orientada pelas leis e inaugura-se a liberdade civil. Tendo em vista a contradição e o próprio paradoxo inerente ao conceito de liberdade, pode-se considerar que mesmo a definição kantiana, a qual contempla a autonomia de fazer escolhas dentro do limite legal e moral, não define a liberdade preconizada pelo suposto Sonho Americano, pois para ser próspero, bem-sucedido e feliz o indivíduo, necessariamente, precisa fazer muito daquilo que os outros querem e cumprir as regras sociais, políticas e profissionais do contexto em que se encontra. Então, a busca pelo Sonho Americano, coloca o sonhador em uma trilha de falsa autonomia e escolhas reduzidas, ele acaba tornando-se escravo do próprio desejo (KARNAL, 2010).

O Sonho Americano nada mais é do que o desejo de progresso, liberdade e prosperidade intrínseco ao ser humano. Essa vontade de sucesso e ímpeto de conquista acompanham o *homo sapiens* há milênios. Entretanto, os Estados Unidos, por meio de suas campanhas e propagandas nacionalistas, conseguem tomar para si a autoria de um desejo existencial inerente à humanidade, designando-o de Sonho Americano, atraindo pessoas de todo mundo para o seu território. Entretanto, com um oceano entre o paraíso e quem quer alcançá-lo, a propaganda não parece ser enganosa:

Não é que ela pensasse que a vida nos Estados Unidos não tinha dificuldades – assistira a episódios demais de *Dallas* e *Dinastia* para saber que o país tinha seu quinhão de gente perversa –, mas sim porque

programas como *Um maluco no pedaço* e *The Cosby Show* tinham lhe mostrado que havia um lugar no mundo onde negros tinham a mesma chance de prosperidade que brancos. Os afro-americanos que ela via na TV em Camarões eram felizes e bem-sucedidos, bem-educados e respeitáveis, e ela viera a acreditar que se eles podiam florescer nos Estados Unidos, ela certamente também poderia. [...] Começou a assistir filmes americanos como *Lado a lado* e *Uma babá quase perfeita*, não por lazer, mas também como preparativo, visualizando um futuro em Nova York onde terminaria sua formação, possuiria uma casa, criaria uma família feliz. Embora ao chegar tivesse ficado surpresa que não havia muitos negros vivendo como os das séries de TV, e que praticamente ninguém, negro ou branco, tivesse um mordomo como a família de *Um maluco no pedaço*, tal percepção pouco fizera para mudar sua impressão do que era possível nos Estados Unidos. O país podia ter falhas, mas ainda assim era um belo país.¹⁹ (MBUE, 2016b, p. 344).

Ainda que sucesso e riqueza possam ser compartilhados, as estratégias para alcançá-los pressupõem disputa, dominação e força, pois o poder é hierárquico, isto é, há sempre um número um, e o resto. Portanto, o desejo de prosperidade tem em suas origens o espírito bélico, a necessidade de conquista, por vezes, de uma propriedade do outro e a intromissão em assuntos alheios. Logo, a pré-disposição a incitar guerras e a participar de conflitos jazem na gênese do Sonho Americano. Historicamente, os Estados Unidos protagonizam ou participam de diversos conflitos no planeta, desde a destruição dos Dakotas e dos Cherokees, passando pela guerra de Secessão, as duas grandes guerras mundiais, além do Vietnã, do Iraque, do Afeganistão, por exemplo.

Essa tendência à guerra impulsiona a criatividade em vários setores da indústria e da economia; porém, lamentavelmente, promove o fortalecimento da indústria de armas e de tecnologia bélica, que rendem bilhões de dólares aos Estados Unidos. Assim, o Sonho Americano associa-se ao consumismo desenfreado, pois para realizá-lo, o indivíduo embrenha-se em um modelo empreendedor agressivo, obtendo lucros diferenciados e, muitas vezes, fraudulentos. Esse mecanismo de empreendedorismo é criticado por Clark, por causa dos rumos que sua empresa, o Lehman Brothers, estava tomando. Clark

¹⁹ *It wasn't that she thought life in America had no ills— she'd watched enough episodes of Dallas and Dynasty to know that the country had its share of vicious people— but, rather, because shows like The Fresh Prince of Bel Air and The Cosby Show had shown her that there was a place in the world where blacks had the same chance at prosperity as whites. The African-Americans she saw on TV in Cameroon were happy and successful, well educated and respectable, and she'd come to believe that if they could flourish in America, surely she could, too. [...] She began watching American movies like Stepmom and Mrs. Doubtfire not only for leisure but also as advance preparation, envisioning a future in New York where she would finish her education, own a home, raise a happy family. Though she'd been surprised to learn upon arrival that not many blacks lived like the ones in the sitcoms, and virtually no one, black or white, had a butler like the family in The Fresh Prince, the realization had done little to change her impression of what was possible in America. America might be flawed, but it was still a beautiful country. (MBUE, 2016a, p. 312-313).*

desnuda o mundo dos negócios e suas fraudes corporativas:

— Maluquice é pensar que vamos sobreviver fazendo negócios desta maneira! – berrou Clark, aparentemente inconsciente de quanto tinha levantado a voz. — Nós já cometemos uma tonelada de erros. Estamos nesta merda porque não mostramos grande capacidade de previsão! Temos que pensar muito além do Lehman. Temos que pensar na próxima geração que vai assumir Wall Street depois que tivermos ido embora, em como eles vão nos julgar. Em como a história vai nos julgar!²⁰ (MBUE, 2016b, p. 117).

Além de incentivar o hiperconsumismo individual, o modelo econômico dos Estados Unidos, enquanto país, apesar de conter apenas uma pequena parcela da população mundial, usa uma grande parte das commodities do mundo, como papel, petróleo, carvão, alumínio e cobre, dentre outros. Portanto, o consumo desenfreado e a consequente depredação dos recursos naturais são o resultado, ou, em outras palavras, uma espécie de efeito colateral, da conquista do Sonho Americano. Ora, o indivíduo que alcança riqueza, com alto poder de compra, tende a consumir cada vez mais, e a fazer de seu hábito de consumo frenético uma espécie de validação, de certificação de seu *status* de conquistador. Essa cadeia em *looping* de consumo é perpetuada pelos meios de comunicação de massa e, lamentavelmente pela sétima arte, que tem seu império em Hollywood, e simula, em suas inúmeras produções, a realização fantástica do Sonho Americano, incitando no indivíduo a falsa sensação de poder, de plenitude, mesmo que por instantes. E esse sentido existe implícito em tudo que consumimos, como afirma Lipovetsky ao analisar o significado que os objetos podem ter na sociedade de consumo:

Jamais se consome um objeto por ele mesmo ou por seu valor de uso, mas em razão de seu “valor de troca de signos”, isto é, em razão do prestígio, do status, da posição social que confere. (LIPOVETSKY, 1989, p. 171).

Justamente em busca de pertencimento, depois de um ano e meio morando no Harlem, a imigrante africana Neni vai às compras com sua prima Fatou, e “caminhavam por Chinatown à procura de imitações de bolsas Gucci e Versace.” (MBUE, 2016b, p. 17-18). Após as compras, Neni continua a caminhada agora “com a bolsa no braço, o aplique

²⁰ *What’s crazy is thinking we’re going to survive doing business this way!” Clark shouted, apparently unaware of how much his voice had risen. “We’ve made a ton of mistakes already. We’re in this shit because we haven’t shown great foresight! We’ve got to think far beyond Lehman. We’ve got to think about the next generation taking over the Street after we’re gone, about how they’re going to judge us. About how history’s going to judge us!” (MBUE, 2016a, p. 101).*

cacheado esvoaçando atrás dela.” (MBUE, 2016b, p. 17-18), e se envaidece quando Fatou lhe disse:

Agora você parece a Angeli Joeli. Neni jogou a cabeça para trás e deu um risinho. Como adorava Nova York! Ainda não podia acreditar que estava ali. Não podia acreditar que estava passeando e comprando Gucci, não mais uma mãe solteira, sem emprego, sentada na casa do pai em Limbe... esperando que Jende a salvasse. (MBUE, 2016b, p. 17-18).

Esse próprio “valor de troca de signos” do objeto, mencionado por Lipovetsky, o torna descartável e efêmero, e é rapidamente repostado por outro, pois esse anseio, na maioria das vezes, não é alcançado, por causa da ideologia consumista, da dinâmica de mercado e da chamada democratização do consumo. Daí, a busca constante de novos produtos, novas marcas, novos modelos mais atraentes, que provoquem a mesma sensação de prestígio, de poder, de felicidade. Como afirma Bauman, “Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas.” (BAUMAN, 2008, p. 22).

Consome-se sem haver nenhum tipo de questionamento, como, de onde veio o produto, quem o produziu e como foi produzido. Segundo Lipovetsky,

Vivemos a era que sacraliza socialmente as mercadorias, a era que sacraliza socialmente as mercadorias é aquela na qual nos separamos sem dor de nossos objetos. É a era em que só nos preocupamos com o presente (*Carpe Diem*), que faz com que nos separemos sem dor de nosso futuro, do futuro da nossa sociedade, do futuro do nosso planeta. (LIPOVETSKY, 1989, p. 175).

Outro princípio norteador do Sonho Americano, como ideia originada nos Estados Unidos, e que alimentou a corrida do ouro ao Oeste, seria o da ambição positiva, como observou o governador da Virgínia em 1774: “para sempre, imagine que as Terras mais distantes ainda são melhores do que aquelas em que já estão assentadas”, pelos peregrinos europeus que vieram conquistar a América. Ele acrescentou que “se alcançassem o Paraíso, seguiriam em frente, se soubessem de um lugar melhor para o Oeste”. Este depoimento compara o Oeste do país ao paraíso e explica o espírito insaciável e destemido encorajado nas bases estruturais do direito e das leis do povo estadunidense. Pelas palavras do referido governador, a tendência religiosa dos Estados Unidos, o protestantismo e, dentro dele, mais especificamente o Calvinismo, chancela a ambição

desse povo e viabiliza a busca pela prosperidade, fomentando o estilo de vida capitalista (KARNAL, 2018).

Karnal (2018) postula que protestantismo e capitalismo estão associados profundamente, e diferencia a postura colonizadora católica da protestante, pois a primeira rejeitava e condenava os lucros e o progresso econômico dos fiéis, pois a salvação da alma estaria atrelada à simplicidade e pobreza. Os protestantes, no entanto, particularmente os calvinistas, desenvolveram postura oposta. Deus ama o trabalho e a poupança: o dinheiro é sinal externo da graça divina.

De Masi (2014) corrobora Karnal (2010), afirmando que o Calvinismo ofereceu a legitimação religiosa para o capitalismo, pois seus seguidores são protótipos de homens sérios, ativos, trabalhadores, incansáveis e escrupulosos, cuja força da vocação religiosa os mantém responsáveis e dignos do lucro advindo de seu empreendedorismo e esforço. De acordo com este autor, o indivíduo protestante encerra uma personalidade irrequieta, com maior propensão a libertar-se dos vínculos institucionais e familiares e a desfrutar das oportunidades de mobilidade social, a criar grupos abertos, a celebrar casamentos mistos, a inovar com a coragem típica dos pioneiros, a viver ansiosamente a necessidade contínua de tomar decisões, sem poder contar com os benefícios que a igreja católica oferece, por meio do sacramento da confissão e da infalibilidade das decisões papais; a suprir com o sistema de bem-estar social, com o ativismo do voluntariado, com o empenho político, a pouca assiduidade nas funções religiosas; a conquistar, aqui e agora, sem esperar pela vida ultraterrena, a felicidade que legitima a esperança de estar entre os pré-escolhidos pelo Senhor (DE MASI, 2014, p. 240).

Portanto, a descrição de De Masi (2014) do comportamento e do estilo de vida do protestante constitui-se na prescrição para a realização do Sonho Americano nos Estados Unidos, já que, desvinculado de uma estrutura hierárquica única, preso às suas prerrogativas e à sua infalibilidade, o protestantismo ensina a liberdade de pensamento, a diversidade de opinião, a propensão humana a superar as barreiras ideológicas, relacionando-se diretamente com a verdade e com a honestidade intelectual, sem a mediação de intérpretes e intermediários. Esse *modus operandi* tornou-se tão arraigado nos Estados Unidos que o próprio presidente J. F. Kennedy, o primeiro dos dois únicos católicos a ocupar essa posição, sendo o segundo o atual presidente Joe Biden que, por ocasião de sua candidatura, enfrentou dificuldade em angariar votos, pelo simples fato de ser católico e não protestante.

4.1 O sonho americano dos estadunidenses e do resto do mundo

O Sonho Americano não é apenas um sonho de carros motorizados e salários altos, mas um sonho de ordem social na qual cada homem e cada mulher pode ser apto a obter o mais pleno posto do qual é inerentemente capaz e a ser reconhecido pelos demais pelo que são, sem se levar em conta circunstâncias de nascimento ou classe social.

A ideia de que qualquer um é capaz de alcançar a prosperidade, da forma como desenvolveu Adams, coaduna-se com a Declaração de Independência dos Estados Unidos, na qual Thomas Jefferson proclama os direitos à vida, liberdade e busca pela felicidade. Contudo, está ainda com os puritanos, no processo de colonização do país, a origem do ideal norte-americano: a comunidade recém-descoberta deveria ser como “a cidade sobre a colina”, metáfora para lugar de prosperidade, paraíso, o Éden.

O Sonho Americano é o ideal de futuro para todos os estadunidenses, pois contempla o sucesso em todas as áreas da vida, padrão de vida perfeito, parte do simbolismo do “novo mundo”, onde, do ponto de vista da propaganda governamental dos Estados Unidos, todas as pessoas, de diferentes origens e classes sociais, podem alcançar o *status* desejado.

A possibilidade de o Sonho Americano ter se tornado uma expressão (significante) de sucesso (significado), não apenas no território estadunidense, mas no mundo todo, baseia-se em questões de simbologia, arquétipos e mitos, construídos a partir da linguagem e da identidade de um povo, bem como de sucesso utópico, já que traços inerentes à natureza humana, como insaciabilidade, ganância e inveja forçam os sonhadores a prosseguir uma eterna busca, como se seguissem o canto de uma sereia, demonstrando a fragilidade do conceito.

A ideia de que o capitalismo, em seu estado mais intenso, foi criado e é propagado pelos Estados Unidos da América permeia o planeta há alguns séculos, possivelmente, devido ao fato de este país protagonizar as transações comerciais e a disseminação de produtos e marcas que invadem os quatro cantos da terra. Além disso, também as produções hollywoodianas, garantem a difusão mundial da cultura e do poderio estadunidenses. Entretanto, a matriz da identidade capitalista já existia antes dos Estados Unidos.

Os nascidos nos Estados Unidos trazem, em si, um comportamento de desapego de seus locais de origem e de facilidade de movimentação física e relacional, pois herdaram

essa característica de seus ancestrais, já que, no início da ocupação do território norte-americano, os ávidos recém-chegados mantinham-se em um movimento nômade, de Leste a Oeste, em busca de ouro, riqueza e prosperidade. O espírito de busca daqueles colonizadores, já se revelava insaciável, pois quando chegaram ao fim do continente e contemplaram o oceano Pacífico, decepcionaram-se frente à impossibilidade de seguir avante, por não haver mais terras para explorar, deram meia-volta e rumaram para o Leste, imaginando que, se desenvolvessem o lugar de onde tinham saído, se trabalhassem produzindo e fabricando, estariam, então, felizes. Por conseguinte, o desenvolvimento industrial e econômico deu-se mais rapidamente, na costa Leste.

Walt Disney criou um mundo de fantasia e tornou-se símbolo do Sonho Americano, saindo de uma fazenda em Marceline, no Missouri, para se tornar um marco econômico. Seu empreendimento tornou a cidade de Orlando uma potência turística de ordem mundial. Seu exemplo serve para ilustrar que, com capacidade inventiva e esforço, as oportunidades podem ser aproveitadas, independentemente da origem de cada um. Esse lema de igualdade é muito pregado em terras estadunidenses, tornando a tão falada meritocracia um valor, ainda que fictício, cultivado pelas empresas e corporações nos Estados Unidos.

Arnold Schwarzenegger é um exemplo típico de estrangeiro que também conseguiu realizar seu Sonho Americano. Imigrante austríaco, branco, fisiculturista, ele chegou nos Estados Unidos e conseguiu tornar-se uma estrela do cinema, e, aproveitando sua popularidade, elevou seu sonho ao nível de ser igualado a um nativo estadunidense, e se elegeu governador da Califórnia. Porém, o percurso da busca por abastança para a esmagadora maioria de imigrantes não é nada assim tão estelar. A etnia, a língua, a base cultural, a classe social e a econômica influenciam sobremaneira no desfecho da conquista.

Atraídas pela propaganda que o governo americano veicula de ser uma terra de oportunidades, igualdade e de vigor de leis de proteção à privacidade e direito de escolha de religião e ideologia política, muitas pessoas tentam sair de seus países por motivos de perseguição política ou religiosa. O personagem da obra em questão, Jende, quando enfrenta seu processo de legalização nos Estados Unidos, é aconselhado por seu advogado, um nigeriano, a dizer, no Tribunal de Imigração, que estava sendo perseguido e discriminado na República dos Camarões, por sua ideologia político-religiosa. Embora isso não fosse verdade, essa a justificativa poderia dar certo. Mbue expressa isso na

seguinte passagem:

Jende endireitou-se na cadeira, juntou as palmas das mãos sobre o colo e começou a contar sua história. Falou de seu pai, agricultor, de sua mãe, mercadora e criadora de porcos, de seus quatro irmãos e de sua casa simples em New Town, Limbe. Falou de ter frequentado o fundamental na Escola Principal de CBC, e da interrupção do ensino médio na Escola Secundária Abrangente Nacional depois de ter engravidado Neni.

— Hein? Você parou porque engravidou uma garota? — Bubakar perguntou, anotando alguma coisa.

— Sim – respondeu Jende. – O pai dela me meteu na cadeia por causa disso.

— Bum! É isso aí! – Bubakar disse enquanto erguia o rosto do bloco de notas, os olhos brilhando de empolgação.

— O que é isso aí? – indagou Winston.

— O asilo dele. A história que vamos contar para a Imigração.

Winston e Jende se entreolharam. Jende achou que Bubakar devia saber o que estava dizendo. Winston parecia achar que Bubakar não devia saber nada do que estava dizendo.

— Do quê está falando? – perguntou Winston. – A prisão aconteceu em 1990, há catorze anos. Você vai convencer um juiz de que meu primo está com medo de perseguição lá em Camarões por ter engravidado uma moça e ter sido preso muito tempo atrás? [...]

Penso que a história é a nossa melhor chance para o seu asilo. Alegamos perseguição baseada no fato de pertencer a um determinado grupo social. Tecemos uma história sobre como você tem medo de voltar para casa porque tem medo de que a família da sua namorada queira matá-lo para que vocês dois não se casem.

[...]

— Assim que você conseguir me fornecer todas as evidências.

— Evidências? Como o quê?

— Como o quê? Como seu registro da prisão. Certidões de nascimento de seus filhos. Dos dois. Certidão de óbito da menininha. Cartas. Montes de cartas, de gente dizendo que ouviu que esse homem diz que vai matar você se algum dia o vir novamente. Gente que ouviu os irmãos, os primos dele, qualquer um da família, falando que vai destruir você. Fotografias, também. Na verdade, tudo e qualquer coisa sobre você e essa garota e o pai dela. Você consegue arranjar isso para mim? [...] Você tem que usar o seu bom senso e conseguir para mim alguma coisa que eu possa mostrar a essa gente. Hein? É como diz aquele cara Jerry Maguire, mostre-me o dinheiro. Essa gente do Serviço de Imigração vai dizer, mostre-me as evidências. Mostre-me as evidências! Está me entendendo? ²¹ (MBUE, 2016b, p. 26-30).

²¹ Jende sat up in his chair, clasped his hands on his lap, and began telling his story. He spoke of his father the farmer, his mother the trader and pig breeder, his four brothers, and their two-bedroom caraboot house in New Town, Limbe. He spoke of attending primary school at CBC Main School, and the interruption of his secondary education at National Comprehensive Secondary School after he impregnated Neni. "Eh? You stopped because you pregnant a girl?" Bubakar said, jotting down something. "Yes," Jende replied. "Her father put me in prison because of it". "Boom! That's it!" Bubakar said as he lifted his head from his writing pad, his

Hoje, ainda, o Tio Sam cerca-se de uma aura de esperança e salvação para pessoas que, em seus países de origem, encontram-se vulneráveis socialmente ou sofrem algum tipo de repressão e, assim, são impedidas de crescer e alcançar seus objetivos. Aqueles que podem escapar de locais onde os governos são totalitários, ou onde há perseguição religiosa, ideológica ou dificuldade de sobrevivência, e conseguem cruzar a barreira da imigração nos Estados Unidos, podem experimentar a possibilidade de uma terra com melhores oportunidades. Essa utopia coloca os Estados Unidos em um patamar muito elevado em comparação com outros países em todos os aspectos, incutindo a imagem da nação em todo o imaginário mundial como uma grande potência, com somente coisas boas para seus habitantes, o Éden na terra.

Segundo Karnal (2018), os olhos dos imigrantes queriam as terras fartas e as promessas de ascensão social. Nenhum outro país parece ter recebido tantos observadores e tantos imigrantes como os Estados Unidos. Nas últimas décadas do século XIX, surgiram movimentos sociais variados – feministas, planejadores urbanos, religiosos, sindicalistas, socialistas – criticando a falta de direitos políticos, a miséria nas cidades grandes, a concentração aguda de riqueza nas mãos dos industriais e dos grandes proprietários. Isso gera insatisfação na sociedade. Os protestos nas ruas encantam Neni pela liberdade de expressão que há nos Estados Unidos, quando vê,

Do outro lado do parque, sob um arco, um grupo de jovens segurava cartazes, entoando frases de protesto contra o resgate do dinheiro dos bancos. Resgatem a gente, não os opressores! Por que vocês estão usando os nossos impostos para nos destruir?

Neni ficou parada ao lado da fonte vazia, observando-os, admirando sua paixão pelo país. Um deles em particular era uma beleza de assistir, um rapaz branco com cabelos rasta que se empinava e agitava os punhos

eyes glowing with excitement. "What is it?" Winston asked. "His asylum. The story we'll tell Immigration". Winston and Jende looked at each other. Jende was thinking Bubakar must know what he was talking about. Winston looked like he was thinking Bubakar must know nothing about what he was talking about. "What're you talking about?" Winston asked. "The imprisonment happened in 1990, fourteen years ago. How are you going to convince a judge that my cousin's afraid of persecution back in Cameroon because he impregnated a girl and got sent to prison a long time ago? [...]" "I think the story is our best chance for your asylum. We claim persecution based on belonging to a particular social group. We weave a story about how you're afraid of going back home because you're afraid your girlfriend's family wants to kill you so you two don't get married". [...]" "As soon as you provide me with all the evidence". "Evidence? Like what?" "Like what? Like your prison record. Birth certificates of your children. Both of them. Death certificate of the little girl. Letters. Lots of letters, from people who'll say that they've heard this man say he's going to kill you if he ever sees you again. People who've heard his brothers, his cousins, anyone in that family talk about destroying you. Pictures, too. In fact, anything and everything about you and this gal and her father. Can you get it for me?" [...]" You got to use your common sense and produce for me something I can show these people. Eh? It's like that man Jerry Maguire says, show me the money. These people at USCIS are going to say, show me the evidence. Show me the evidence! You get me? (MBUE, 2016a, p. 21-24).

contra seus inimigos ausentes. Algum dia, pensou Neni, se a Judson os ajudasse a ficar nos Estados Unidos, ela seria uma cidadã americana e também seria capaz de protestar como eles. Diria o que bem quisesse dizer sobre os poderosos e não teria medo de ser jogada numa prisão do modo que os dissidentes eram jogados em alguns países africanos por falar contra abomináveis regimes autoritários.²² (MBUE, 2016b, p. 261).

Esse encantamento de Neni retrata o sentimento da própria autora Mbue. “Desde criança, sou fascinada por pessoas que se levantam para lutar contra os sistemas de injustiça. Meu coração incha sempre que vejo pessoas marchando em protesto.” (MHUTE, 2021).

Em meio a esse movimento de demanda sociopolítica, escritores e artistas passaram a enfatizar temas de crítica social e conflito em suas obras. Novos setores da população começaram a formular suas próprias noções de liberdade e do Sonho Americano. Para quem não olhasse para além da propaganda da mídia, de empresários e políticos, este sonho de possibilidade de sucesso individual tinha sido aceito por quase todo mundo.

O historiador Eric Foner (1998) argumenta que a ideologia de liberdade e o Sonho Americano foram reconstituídos em formas radicais nesse ambiente cultural: o radicalismo econômico, social e cultural definiu o verdadeiro “americanismo”; a diversidade étnica e cultural foi elogiada como tradição essencial ao espírito do país; e “o jeito americano de viver” passou a significar sindicalismo e “cidadania social” e não a “desenfreada busca pela fortuna”. Apesar da sua popularidade, a identificação cômoda da esquerda com o “nacionalismo americano” resultaria, mais tarde, em complicações quando ocorreu uma contraofensiva conservadora da ‘nova direita’, defensora de políticas de “lei e ordem” e o Estado americano passou a atacar frontalmente essa mesma esquerda. A entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial eclipsaria as políticas domésticas de reforma, trazendo mobilização total, emprego pleno e novas agitações sociais e políticas relacionadas à definição da liberdade e copiosidade. Os estadunidenses

²² *On the other side of the park, beneath the arch, a group of young people held placards, chanting and protesting the bailout. Bail us out, not our oppressors! Why are you using our taxes to destroy us? Death to Wall Street! Paulson the Antichrist! Neni stood by the empty fountain and watched them, admiring their passion for their country. One of them in particular was a pleasure to watch, a dreadlocked young white man who was prancing and shaking his fist at their absent foes. Someday, Neni thought, if Judson could help them stay in America, she would be an American citizen and she would be able to protest like that, too. She'd say whatever she wanted to say about powerful people and have no fear of being thrown into prison the way dissidents were being thrown into prisons in some African countries for speaking out against abominable authoritarian regimes.* (MBUE, 2016a, p. 234).

nutrem esperanças e otimismo, não apenas em suas próprias vidas, mas também nas vidas de seus filhos. Um aspecto essencial do Sonho Americano, a ser realizado nos Estados Unidos, sempre foi a expectativa de que a próxima geração se saísse melhor do que a geração anterior.

O personagem Clark representa exatamente a geração que deveria ter se saído melhor, afinal, ele diz “trabalho duro para dar esta vida à minha família.” (p. 55), e leva a vida de maneira ortodoxa, seus filhos estudam para se tornarem executivos como ele. Clark naturalmente entende o fato de seus pais esperarem seu sucesso, da mesma maneira que ele se sente em relação a seus filhos:

— É mais do que o seu dever como marido e pai. É o seu dever com seus pais, também. Seus irmãos. Quando fui para Stanford eu ia estudar física, para me tornar professor como o meu pai. Então vi o que era possível com um salário de professor e o que era possível com um salário num banco de investimentos, e escolhi este segundo caminho. Não ficar sentado aqui e ser uma desses babacas cheios de razão, porque a minha motivação original para escolher esta carreira nunca foi nobre. Não vou dizer que não sonhei com carros esportivos e jatinhos particulares. Mas agora é diferente. Agora significa tudo para mim o quanto estou cuidando bem da minha família. Não importa quanto as coisas fiquem ruins no trabalho, sei que no fim do dia posso mandar meus pais de férias para ver o mundo, pagar toda despesa médica que apareça, garantir que a minha irmã não sofra porque seu marido morreu, garantir que a minha mulher e meus filhos tenham muito mais do que aquilo que necessitam. ²³ (MBUE, 2016b, p. 169).

Percebe-se então que a busca pelo Sonho Americano é uma espécie de legado transgeracional para os estadunidenses. Vale ressaltar que a realização desse sonho, apesar de ter a prosperidade e o sucesso como quesitos básicos para todos e, apesar de também não ser acessível a todos os estadunidenses, mostra-se sensivelmente diferente para os não nativos, pois o sentimento é de que suas gerações futuras tenham possibilidades de fazer alguma escolha e consigam ser autossustentáveis e, com sorte, tornem-se estadunidenses, e não, necessariamente, sejam melhores que eles. Jende

²³ *It's more than your duty as a husband and father. It's your duty to your parents, too. Your siblings. When I went to Stanford I was going to study physics, become a professor like my dad. Then I saw what was possible on a professor's salary and what was possible on an investment banker's salary and I chose this path. I'm not going to sit here and be one of those selfrighteous assholes, because my original reason for choosing this career was never noble. I can't say I didn't fantasize about the sports car and private jets. But it's different now. Now it means the world to me how well I'm taking care of my family. No matter how bad it gets at work I know that at the end of the day I can send my parents on vacations to see the world, pay for every medical bill that comes up, make sure my sister doesn't suffer because her husband's dead, make sure my wife and sons have far more than what they need. (MBUE, 2016a, p. 147).*

estereotipa esse papel, dizendo

[...] acredito que trabalho duro, e que algum dia terei uma vida boa aqui. Meus pais, eles também terão uma vida boa em Camarões. E o meu filho vai crescer para ser alguém, seja lá o que ele queira ser. Acredito que qualquer coisa é possível para alguém que seja americano. De verdade, senhor. E na realidade, senhor, espero que algum dia meu filho cresça para ser um grande homem como o senhor.²⁴ (MBUE, 2016b, p. 55).

A imigração para os Estados Unidos é intensificada quando o poder governamental sai da mão dos republicanos, que priorizam a realização do Sonho Americano para os descendentes originariamente estadunidenses, pois, quando democrata, a inspeção e a vigilância sobre imigrantes ilegais tornam-se mais instrutivas, tolerantes e condescendentes, já que esta ala política prima pela igualdade e por direitos iguais. Portanto, a dificuldade exacerbada enfrentada pela família Jonga, os personagens da obra de Imbolo Mbue, justifica-se pelo fato de terem pleiteado o *green card* em tempos de George W. Bush. Logo, a possibilidade de enriquecimento tem suas barreiras aumentadas ou reduzidas, dependendo de qual partido político encontra-se no poder. Este fato demonstra que o poder de compra, contemporaneamente, é um subproduto da política dos Estados Unidos, e, como tal, por vezes, constitui-se em ferramenta para manobrar as massas.

Imbolo Mbue expressa, por meio de seus personagens, o desejo e a tentativa de realizar o Sonho Americano na pós-modernidade. A obra *Behold The Dreamers* simboliza a saga de uma família camaronesa em busca de uma vida frutuosa em terras estadunidenses, em um momento histórico, marcado pela crise hipotecária iniciada em 2007 e eleição de Barack Obama em 2008.

Nesse diálogo entre Vince e Jende, o camaronês deixa clara sua esperança em relação ao fato, pois sua perspectiva é a de que os Estados Unidos sempre poderão oferecer alguma coisa para todos os seus imigrantes, que sempre poderão receber uma “parcela de mel e liberdade”, e o maior exemplo é o de Barack Obama, “um negro sem pai nem mãe, tentando ser presidente de um país”:

— Não há nada que você possa dizer, Vince. Nada que você ou qualquer

²⁴ *I believe I work hard, and one day I will have a good life here. My parents, they, too, will have a good life in Cameroon. And my son will grow up to be somebody, whatever he wants to be. I believe that anything is possible for anyone who is American. Truly do, sir. And in fact, sir, I hope that one day my son will grow up to be a great man like you.* (MBUE, 2016a, p. 46).

um possa dizer que me faça deixar de acreditar que os Estados Unidos são o melhor país do mundo e que Barack Obama vai ganhar a eleição e se tornar um dos maiores presidentes na história do país.²⁵ (MBUE, 2016b, p. 120).

Este cenário político/econômico torna a experiência dos personagens camaroneses ainda mais desafiadora, considerando que a família já teria de enfrentar barreiras diversas, inclusive a da identidade cultural diferente. A precária condição financeira de Jende, dificulta o sucesso de seu projeto de imigração, pois ele muda-se para os Estados Unidos somente com a roupa do corpo. Entretanto, o protagonista da obra de Mbue não tem grandes pretensões, ele quer simplesmente ter um emprego estável e financiar seu próprio apartamento. Considerando os três quesitos mínimos, postulados por Harari (2016), que constituem as fronteiras ao Sonho Americano e influenciam no processo migratório bem-sucedido, Jende enfrenta barreira nos três, pois ele é negro, tem pouca educação formal e não é fluente em inglês.

4.2 Pós-Modernismo e Pós-Modernidade

O “Pós-Modernismo” vem sendo objeto de investigação e pesquisa já há várias décadas. De acordo com Perry Anderson (1999), ele surgiu no mundo hispânico, em meados da década de 30, e, aproximadamente 20 anos mais tarde, eclodiu na Inglaterra e nos Estados Unidos. Esta forma de arte trouxe obras de narrativas mais rápidas, como na linguagem cinematográfica, com pouco ou nenhum comprometimento com a história oficial. O impacto estético foi de mudança significativa e, sobretudo, a erosão dos limites entre alta cultura e a de massa e a legitimidade em citar obras do passado (JAMESON, 1998).

O termo pós-modernismo foi citado por alguns autores dos anos 50 e 60, porém, de acordo com Steven Connor (1992), aparentemente, o conceito cristalizou-se a partir da metade dos anos 70, quando a comunidade acadêmica passou a considerá-lo como assunto a ser estudado em disciplinas de estudos culturais, filosofia, arquitetura, cinema e literatura. O uso deste termo tornou-se, então, frequente, apesar das divergências em

²⁵ *There is nothing you can say, Vince. Nothing you or any man can say to me to make me stop believing that America is the greatest country in the world and Barack Obama will win the election and become one of the greatest presidents in the history of America. (MBUE, 2016a, p. 103).*

relação a seu significado e pertinência, pois as fronteiras ou os marcadores de ruptura nos processos envolvendo o modernismo e o pós-modernismo não estavam claros para todos os estudiosos.

Segundo Fredric Jameson (1998), o conceito “Pós-Modernismo” ainda não era amplamente aceito e nem entendido de forma integral, pelo fato de que ainda se desconhece uma parte considerável das obras que o termo envolve, pois o movimento capilarizou-se por todas as artes. O próprio Jameson cita, como ícones do “Pós-Modernismo”, a poesia de John Ashbery, a pop art de Andy Warhol, as músicas de John Cage Philip Glass e Terry Riley, o cinema de Godard e, na literatura, os romances dos autores William Burroughs, Thomas Pynchon e Ishmael Reed.

As mudanças ocorridas nos âmbitos social, econômico e político, após a Segunda Guerra Mundial, são inegáveis. Logo, nesta nova realidade, fazem-se necessários novos conceitos e categorias, agora imprescindíveis, para o entendimento das configurações correntes e de suas evoluções. A característica peculiar e inédita da era pós-moderna é sua instantânea propagação, graças às tecnologias contemporâneas, as quais viabilizam a comunicação simultânea e, assim, a integração mundial. Esta era atende à sociedade pós-industrial, na qual conhecimento e informação tornam-se o bem mais precioso da produção, portanto, a pós-modernidade é prelúdio de uma mudança radical na condição humana.

Portanto, tendo em vista o extremismo e a amplitude das transformações que a era pós-moderna caracteriza, a suposta dificuldade de aceitação e compreensão deste movimento, analisado por Jameson (1996), deve-se à larga variedade de eventos, não somente dentro das artes, pois tais transformações transcendem para áreas da vida e do conhecimento humano, como economia e política, jamais contempladas anteriormente da forma que são no pós-modernismo. O movimento pós-moderno condiciona-se ao avanço do capitalismo globalizado, tardio, marcado por novos padrões de consumo e de produção. Desse modo, a pós-modernidade deixa de ser considerada uma simples ruptura estética, passando a ser entendida a partir da sua correlação à ideologia do mercado e ao próprio mercado (MANDEL, 1990).

Sob a ótica do crítico marxista, o pós-modernismo floresceu como uma força cultural dominante em sociedades capitalistas de riqueza sem precedentes, com alto poder de compra e consumo. Jameson (1996) relata que após o declínio europeu, os Estados Unidos ascenderam à maior potência Ocidental. Segundo este teórico, o

desenvolvimento das expressões culturais do pós-modernismo pode ser considerado o primeiro estilo global especificamente estadunidense, o assim denominado *American Way of Life*, raiz do Sonho Americano de prosperidade e sucesso. Portanto, Jameson (1996) preconiza o pós-modernismo “não como um estilo, mas como uma dominante cultural: uma concepção que dá margem à presença e à coexistência de uma série de características que, apesar de subordinadas umas às outras, são bem diferentes.” (1996, p. 29).

Apesar de a diversidade e a liberdade estarem nas fundações étnicas do próprio país, elas são de difícil acesso para alguns que não conseguem alcançar um estilo de vida, que dado como garantido a uma parte da população, na realidade, nunca existiu. O verdadeiro *American Way of Life*, no fundo, não poderá ser nada se não aquilo que os diferentes grupos de imigrantes, vindos de todo lado do mundo, formaram à volta da ideia de Sonho Americano. Independentemente de onde habitam nos Estados Unidos, do Alasca a Nova York, o que todos têm em comum é a crença, uma certa certeza mística e mítica no valor do próprio trabalho.

Segundo Linda Hutcheon (1994), “o pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia.” (1991, p. 19). Ainda, a teórica canadense enfatiza que o pós-modernismo não pode ser usado como um simples sinônimo para o contemporâneo, pois grande parte das divergências em relação ao uso do termo é devida à convergência da noção cultural de pós-modernismo, e sua estreita relação com o modernismo, e pós-modernidade como a designação de um período ou condição social e filosófica.

Hutcheon (1994), comparando o moderno ao pós-moderno, afirma que este se desenvolveu nitidamente a partir de estratégias do outro, tais como a experimentação autorreflexiva, as ambiguidades irônicas e as contestações à representação realista clássica. Todavia, tanto o modernismo quanto o pós-modernismo preservam suas próprias contradições, ressaltando-as a ponto de passarem a ser as características definidoras desse fenômeno cultural. O pós-modernismo, para a autora, é essencialmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político. Uma das muitas contradições do pós-modernismo é poder, ao mesmo tempo, incorporar autoconscientemente e, com a mesma autoconsciência, contestar esse modernismo do qual se origina e ao qual deve até sua existência vocabular (HUTCHEON, 1991, p. 77).

As observações de Perry Anderson (1999) corroboram as similaridades entre modernismo e pós-modernismo, em sua obra *As origens da pós-modernidade*: “Outrora,

em júbilo ou alarmado, o modernismo era tomado por imagens de máquinas; agora, o pós-modernismo é dominado por máquinas de imagens.” (1999, p. 105). Na concepção deste estudioso, as “imagens de máquinas” seriam as indústrias, e as “máquinas de imagens” a televisão, o computador, a internet e outros meios afins que, segundo ele, “despejam uma torrente de imagens com cujo volume nenhuma arte pode competir”, considerando que “o ambiente técnico decisivo do pós-modernismo é constituído por essas ‘cataratas de tagarelice visual.’” (1999, p. 105). Assim, “máquinas como essas são, na verdade, máquinas de reprodução mais do que de produção.” (JAMESON, 1996, p. 63).

Estudar o pós-modernismo, seu escopo e alcance é, portanto, um exercício antropológico, já que se adentra uma miríade de questionamentos, teorias e interpretações do conceito, quando se almeja contribuir para a compreensão das várias manifestações da cultura denominada “contemporânea”. Assim, inicia-se um debate multilateral, contemplando pensamentos distintos e percepções ideológicas contraditórias, articuladas na dialética intelectual sobre a pós-modernidade. Obviamente, então, não se pretende aqui exaurir essa temática, mas antes, forjar mais uma análise do tema, contribuindo para aquecer a discussão e procurando abordar as representações icônicas vigentes nas sociedades atuais, em suas diversas dimensões culturais.

5. FRONTEIRAS TERRITORIAIS, ÉTNICAS E SOCIAIS DA IDENTIDADE DO IMIGRANTE

Mignolo (2003) afirma que é óbvio relacionar civilização com globalização e sistema mundial colonial/moderno. O teórico designa globalização como “mundialização”. Entretanto, o fenômeno da globalização representa um marco histórico de mudança nos processos civilizatórios, porém não invalida tais processos como eles ocorriam antes da globalização. Provavelmente, a instituição da escrita, como meio de comunicação, bem como a invenção da eletricidade, como tecnologia para transmissão da informação, causou impacto civilizatório tão chocante quanto a globalização. Portanto, a última inovação sempre parece ser a mais avassaladora.

Além disso, embora o conceito de globalização tenha sido dicionarizado há poucas décadas, pois tal ideia passou a circular no final dos anos 1980, o fenômeno, em si, teve início a partir das atividades mercantilistas entre os países. Então, a noção de fronteira, de território e de etnocentrismo sofre mudança toda vez que o homem avança, geográfica, cultural, economicamente e em processos de miscigenação.

Consequentemente, a identidade coletiva de um povo resulta de fatores ambientais e históricos; o africano, por exemplo, tem motivos seculares para ter, hoje, no DNA de sua identidade uma necessidade legítima de reparação, tanto por parte dele quanto daqueles que representam os povos que subjugaram o continente africano. Antes da conferência de 1884, os reinos africanos estavam dentro de fronteiras naturais definidas de acordo com os grupos étnicos que compunham estes reinos. Com a Partilha da África pelas potências imperialistas, ocorre a brutal “violência geográfica”, quando novas fronteiras foram traçadas artificialmente através dos territórios de cada grupo étnico, sem consulta e participação deles. Deste modo, etnias inimigas tiveram de conviver dentro do mesmo território causando sangrentas guerras civis (FISCHER, 2015).

Estudos têm mostrado que as sociedades por meio das quais novas fronteiras foram delimitadas, mais tarde, teriam muito mais probabilidade de sofrer com a guerra civil ou com a pobreza. A conferência causou danos irreparáveis ao continente. Alguns países ainda sofrem com isso até hoje. De acordo com a disciplina Estudos Africanos, acredita-se que a base para as crises atuais na África foi na verdade lançada pela Conferência de Berlim de 1884-1885. A divisão foi feita sem qualquer consideração pela história da sociedade. Pode-se, então, considerar o redesenho arbitrário das fronteiras da

África como a causa raiz dos conflitos na África pós-colonial e, compulsoriamente do enquadramento da etnia africana como minoria a ser protegida e compensada. Os africanos foram forçados a conviver com fronteiras que, muitas vezes, existiam somente no papel. As fronteiras são importantes na interpretação da paisagem geopolítica da África, mas para as pessoas, no terreno, elas têm pouco significado, embora signifiquem muito em termos de identidade (FISCHER, 2015).

A história da dominação da África exemplifica o instinto predador do homem e sua busca insaciável por conquistar e aumentar seus domínios e poder. Nesse sentido, aproveitando a brecha irônica de Mignolo, hoje, seria mais preciso dizer que a civilização se submete a um processo de domínio do cosmos. Afinal, já não basta ao homem conquistar outras terras e outros povos, ele quer estender seus domínios a outros planetas, outras galáxias e outras criaturas.

Hissa (2006) explica que a consciência dessa situação de integração e de complexidade induz a comportamentos menos dogmáticos, menos ingênuos e menos simplificadores. Segundo Hissa, a abordagem dessa questão necessita ser criativa e tolerante ante à diversidade do mundo e das limitações da experiência humana.

A passagem abaixo exemplifica, a experiência empírica de imigrantes camaroneses vivendo na fronteira da ilegalidade nos Estados Unidos:

O terror que tinha apertado seu peito quando Clark Edwards mencionou a palavra “documentos” foi aos poucos soltando as garras. Fechou os olhos e deu graças ao Ser misericordioso, grato por uma meia verdade ser suficiente. O que teria dito se o sr. Edwards tivesse feito mais perguntas? Como teria explicado que sua autorização de trabalho e sua carteira de motorista eram válidas somente enquanto seu pedido de asilo estivesse pendente ou fosse aprovado, e que se seu pedido fosse negado, todos os documentos se tornariam inválidos e não haveria nenhum *green card*? Como poderia ter explicado seu pedido de asilo? Teria havido algum jeito de convencer o sr. Edwards de que era um homem honesto, um homem muito honesto, de fato, mas que agora estava contando mil histórias para a Imigração só para poder se tornar algum dia um cidadão americano e viver para sempre naquela grande nação? ²⁶ (MBUE, 2016b, p. 13-14).

²⁶ *The terror that had gripped his chest when Clark Edwards mentioned the word “papers” slowly loosened. He closed his eyes and offered thanks to a merciful Being, grateful half the truth had been sufficient. What would he have said if Mr. Edwards had asked more questions? How would he have explained that his work permit and driver’s license were valid only for as long as his asylum application was pending or approved, and that if his application were to be denied, all his documents would become invalid and there would be no green card? How could he have possibly explained his asylum application? Would there have been a way to convince Mr. Edwards that he was an honest man, a very honest man, actually, but one who was now telling a thousand tales to Immigration just so he could one day become an American citizen and live in this great nation forever? (MBUE, 2016a, p. 7-8).*

Segundo Carraro e Machado (2018), a palavra fronteira origina-se do francês *frontière*, que significa limite entre exércitos. Entretanto, conceituar fronteira excede a tão somente compreensão dos limites geopolíticos entre regiões ou nações; além disso, necessita de uma reflexão acerca da hibridização cultural ou simbólica dos fronteiriços. Neste caso, a hibridização pode ocorrer por meio das relações fronteiriças. O limite como significado político da fronteira é o que, às vezes, precisa ser esvaziado pelos historiadores para entender-se o enredamento da vida cotidiana da região.

Nesse sentido, Funari (2013) postula que as fronteiras políticas nem sempre representam as mesmas fronteiras culturais. Na antiguidade, por exemplo, onde quer que houvesse gregos, ali estava a Grécia. Em outras palavras, a cultura sempre uniu os povos apartados por montanhas, desertos, rios ou linhas imaginárias. A cultura movimenta-se como uma nuvem que paira sobre a fronteira, não precisando de autorização para fazer sombra a todos os lados, a fim de amparar as identidades.

Logo, a identidade do ser humano é transformada conforme ele se move e se reposiciona em termos econômicos, sociais e territoriais. Da mesma maneira, e de forma concomitante, o processo de construção da identidade tende a alcançar espaços cada vez mais exteriores: todos terão uma identidade universal. Segundo Guillermo Gómez-Peña (2005), o processo de universalização da identidade é alimentado, a princípio, pelos acordos internacionais de livre comércio e por possíveis acordos transculturais, de livre trânsito de arte, de literatura e outras expressões culturais. Este autor ressalta que a homogeneização da identidade tende a ocorrer de maneira anti-osmótica, pois não são as identidades da maioria do planeta (“Eles”) que vão para cima daquelas da minoria (“Nós”). Gómez-Peña observa também que os mais privilegiados financeiramente não têm dificuldade em cruzar fronteiras físicas, porém, conseguem pela própria força econômica manter sua identidade hermética. Ao contrário, aqueles menos favorecidos dificilmente podem se movimentar livremente de um país para o outro e, quando o fazem, esforçam-se para assimilar todas as nuances culturais de onde se encontram.

Embora as fronteiras geográficas permaneçam, elas não representam mais muros aos movimentos sociais, ao direito das línguas, a emergência de novas correntes de pensamentos entre as disciplinas e entre as artes. Esse fluxo constitui-se no ambiente onde a identidade fronteiriça é construída. Todavia, a quantidade de fronteiras e barreiras físicas à movimentação de pessoas aumenta diretamente proporcional à sua necessidade ou vontade de imigrar.

No final da Segunda Guerra Mundial, havia 7 paredes ou cercas de fronteira no mundo. Quando o Muro de Berlim caiu em 1989, havia 15, de acordo com Elisabeth Vallet, professora de geografia da Universidade de Quebec-Montreal. Recentemente, enquanto o presidente Trump empurrava sua promessa de campanha de construir um muro na fronteira com o México, existiam, pelo menos, 77 muros ou cercas ao redor do mundo, muitos erguidos após 11 de setembro de 2001, momento dos ataques terroristas na cidade de Nova York e no Pentágono (HJELMGAARD, 2018).

Apesar dos motivos justificáveis, tais como proteção contra o terrorismo e a violência, preservação das divisas, manutenção da qualidade dos sistemas sociais como empregabilidade, educação e saúde, dentre outros, para o aumento de, aproximadamente, 500% no número de barreiras, é notório que os indivíduos não aceitam o confinamento ou a restrição de sua movimentação no planeta. Além disso, por vezes, as autoridades criam políticas para controlar o movimento de entrada em seus territórios que acabam por prejudicar setores importantes da própria economia interna. O renomado físico contemporâneo Dr. Michio Kaku, descendente de japoneses e cidadão americano, professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (*MIT*), defende que o enrijecimento das políticas de imigração, inclusive a remoção do visto H-1B, o visto dos gênios, representa uma ameaça ao desenvolvimento tecnológico e científico dos Estados Unidos, pois 50% dos candidatos a doutorado do país são estrangeiros e fechar tal porta de entrada de imigrantes provocará um colapso na economia (MATSUOKA, 2020).

A despeito do aumento da dificuldade para se imigrar, as pessoas continuam cruzando distâncias colossais para fugir do perigo eminente ou pobreza extrema, ou buscar a oportunidade de uma vida melhor. Apesar de toda a expansão de fronteiras que o homem conquistou, a suposta nova ordem e nova identidade não são ocidentais e nem orientais, porém a organização e as normas disciplinares e os sistemas regularizadores continuam dentro do parâmetro do conhecimento ocidental (MIGNOLO, 2003, p. 104). Essa dinâmica hegemônica relega os estrangeiros a posições subalternas nos mais variados âmbitos: econômico, social, educacional, cultural e político. Assim, inevitavelmente, os imigrantes agrupam-se com seus iguais, criando comunidades étnicas, em uma tentativa de proteção e de união, bastante semelhante ao modelo primitivo de convivência, adquirindo, conseqüentemente, um modelo de identidade fronteiriça.

Essa suposta identidade fronteiriça sofre preconceito e até hostilização por parte

daqueles originalmente pertencentes àquele lugar, àquela identidade. Percebe-se, então, o conflito “Nós versus Eles” também na construção da identidade fronteiriça. Os imigrantes são vistos como “eles” e os nativos como “nós”. O processo de adaptação e aquisição do novo *modus operandi* não elimina por completo os traços identitários trazidos da cultura de origem desses imigrantes, assim como mencionou Imbolo Mbue sobre si mesma. Essa população tende a se sentir com dupla identidade, a saber, a identidade fronteiriça, a qual é típica de indivíduos que se mudam fisicamente para outros países.

Há também, a possibilidade de uma identidade fronteiriça por motivos políticos e ideológicos, como é o caso de artistas, filósofos, políticos e autores exilados ou expulsos de suas nações porque representavam, à época, ameaça de subversão. O próprio Zygmunt Bauman (2015) declara que:

Segundo o antigo costume da Universidade Charles, de Praga, o hino nacional do país da pessoa que está recebendo o título de doutor *honoris causa* é tocado durante a cerimônia de outorga. Quando chegou a minha vez de receber essa honraria, pediram-me que escolhesse entre os hinos da Grã-Bretanha e da Polônia... Bem, não me foi fácil encontrar a resposta. A Grã-Bretanha foi o país que escolhi e pelo qual fui escolhido por meio de uma oferta para lecionar, já que eu não poderia permanecer na Polônia, país em que nasci, pois tinham me tirado o direito de ensinar. Mas lá, na Grã-Bretanha, eu era um estrangeiro, um recém-chegado – não fazia muito tempo, um refugiado de outro país, um estranho. Depois disso naturalizei-me britânico, mas, uma vez recém-chegado, será possível abandonar essa condição algum dia? [...] Então, talvez deversem tocar o hino polonês? Mas isso também significaria um ato de fingimento: trinta anos antes da cerimônia de Praga eu tinha sido privado de minha cidadania polonesa. Minha exclusão foi oficial, promovida e confirmada pelo poder habilitado a separar quem está “dentro” de quem está “fora”, quem faz parte de quem não faz – e assim eu não tinha mais o direito ao hino nacional polonês...

Janina, minha companheira por toda a vida e pessoa que já refletiu muito sobre as armadilhas e privações da autodefinição [...], encontrou a solução: por que não o hino da Europa? [...] Europeu, sem dúvida, eu era, nunca tinha deixado de ser [...] Nossa decisão de pedir que tocassem o hino europeu foi simultaneamente “includente” e “excludente”. [...] Tirava da pauta uma identidade definida em termos de nacionalidade – o tipo de identidade que me foi negado e tornado inacessível. (BAUMAN, 2015, p. 15-16).

Santos (1993) já previa e postulava que as identidades culturais não são rígidas e, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher,

homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis, em última instância, pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso.

Sabe-se também que as identificações, além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções. Quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas, mas, ao fazê-lo, coloca-se na posição de outro e, simultaneamente, em uma situação de carência e por isso de subordinação. A questão da identidade é, assim, semifictícia e semi-necessária. Para quem a formula, apresenta-se sempre como uma ficção necessária. Se a resposta é obtida, o seu êxito mede-se pela intensidade da consciência de que a questão fora, desde o início, uma necessidade fictícia. É, pois, crucial conhecer quem pergunta pela identidade, em que condições, em relação a quem, com quais propósitos e resultados. Entende-se, por último, que a resposta, com êxito, à questão da identidade traduz-se sempre em uma reinterpretação fundadora, convertendo o déficit de sentido da pergunta no excesso de sentido da resposta. E o faz, instaurando um começo radical, combinando fulgurantemente o próprio e o alheio, o individual e o coletivo, a tradição e a modernidade (SANTOS, 1994).

As fronteiras movem-se na velocidade permitida pelos meios de comunicação. Porém, elas sempre existiram e sempre existirão. Contudo, apresentam-se de maneira diferente em cada momento pré-histórico e histórico. Antes da escrita, as fronteiras eram bastante rígidas, praticamente intransponíveis. Então, a escrita veio para libertar o conhecimento confinado dentro do indivíduo, pois por ela, ele podia expressar seus sentimentos.

Na Grécia antiga, as fronteiras eram forçadas pela dialética dos frequentadores da ágora. Depois, na era medieval, antes da imprensa as fronteiras se movimentavam a partir das interações sociais no mercado de peixes. Mais tarde, Gutemberg chegou para acelerar a mobilidade das fronteiras e, então, culminando com a revolução industrial, as invenções modernas de Thomas Edson, Turing, irmãos Lumière, dentre outros, possibilitaram avanços sem precedentes nas comunicações e na transmissão de conhecimentos. Na pós-modernidade, a revolução midiática ocorreu por meio da internet e da genialidade de Bill Gates, Steve Jobs e, mais contemporaneamente, de Zuckerberg.

Portanto, tendo em vista o avanço galopante das tecnologias que viabilizam a

interação entre as pessoas, a obsessão humana, particularmente nos Estados Unidos, em conquistar novos territórios, rapidamente, levando civis bilionários a excursões espaciais, e o aumento contínuo de pessoas se aventurando à imigração ilegal, e até o êxodo inédito de pessoas bem-sucedidas em seus países para dentro de outras nações com sistemas políticos, filosóficos e religiosos diferentes. Tendo em vista este cenário de intensa circulação de pessoas pelas fronteiras físicas do planeta, inevitavelmente as identidades individuais e coletivas tendem a se tornar mais voláteis, menos fronteiriças. Hoje, mais que nunca, o ser humano não é, ele está.

6. FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO PÓS-MODERNISMO

Visando estudar o arcabouço teórico que embasa o acontecimento pós-moderno, parece pertinente, antes, elucidar semanticamente os termos moderno, modernismo e modernidade, pós-moderno, pós-modernismo e pós-modernidade. Para esse fim, uma reflexão atenta sobre os textos dos estudiosos Domício Proença Filho (1988), Teixeira Coelho (1995) e Terry Eagleton (1997) é primordial. A interpretação comparada dos conceitos de moderno, modernismo e modernidade, inevitavelmente, ocorre em paralelo, dentro do mesmo paradigma, daquela de pós-moderno, pós-modernismo e pós-modernidade. Esse elo pressupõe perpetuação e ruptura e caracteriza o clímax de mudança de um momento histórico para outro bem como as transformações estéticas que caracterizam essas passagens.

Para Coelho (1995), o moderno, no limite, é o novo, e esse novo é a consciência neurotizada da modernidade. O termo moderno é vazio, designa alguma coisa mostrando-a sem conceituá-la, aponta para ela, mas não a define, indica-a sem simbolizá-la. Segundo o autor, as pessoas reconhecem alguma coisa como moderna, mas são incapazes de descrever ou definir em que consiste essa modernidade. Logo, adjetiva-se como moderno qualquer manifestação a qual, de alguma maneira, se contrapõe aos padrões esperados ou comuns; o moderno surpreende e, por vezes, choca. Nesse sentido, moderno rompe com o *status quo*, com o *establishment*, e caracteriza melhor o diferente do que o recém-construído. Como acostuma-se com tudo e habitua-se até ao desagradável, Paz (1996, p. 135) conclui “como os tempos modernos estão condenados a deixar de sê-lo, chamar-se assim equivale a não ter nome próprio”. O modernismo, segundo o teórico é, antes de tudo, um estilo, uma linguagem, um código, um sistema ou conjunto de signos com normas e unidades de significação, expressando uma maneira específica de ver o mundo. Assim, o modernismo seria o fato e a modernidade a reflexão sobre o fato, a ação. Se o modernismo é a certeza, a modernidade é a interrogação, a dúvida e a reflexão.

Por outro lado, para Eagleton (1997) o pós-modernismo constitui-se em um modelo de cultura contemporânea, e pós-modernidade, em um momento histórico específico. Ele explica que

[...] a pós-modernidade é um estilo de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes

narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. (EAGLETON, 1997, p. 7).

E, justamente, em meio a essa quebra de paradigmas e consequente dificuldade de se estabelecer limites claros e critérios legítimos para se fazer análise e crítica, inúmeras histórias pessoais, narradas de forma livre, transformam-se em romances e ganham a categoria de obras pós-modernas. Imbolo Mbue engrossa a fila de autores emergentes nesse período, com uma obra que se caracteriza como autoficção, trazendo o conflito clássico “Nós” *versus* “Eles”, cujos personagens são versões fictícias de sua própria família.

Há um consenso de que o “pós-modernismo” nasceu nas bases do modernismo, opondo-se a alguns aspectos deste último, mas desenvolvendo-se a partir deles. Essa relação contraditória, porém, dialética é o enigma, o combustível para o contínuo debate sobre a definição destes termos, de acordo com o teórico David Harvey (2004), cuja definição de pós-modernidade enfatiza o contraste entre modernidade e pós-modernidade, quanto ao sentido do termo. Segundo este autor, todos concordam que o pós-modernismo representa alguma espécie de reação ao modernismo ou de afastamento dele. Harvey (2004) surpreende-se como o pós-modernismo aceita totalmente o efêmero, o fragmentário, o descontínuo e o caótico, seguindo o conceito de modernidade de Baudelaire. Tal tendência plural e inclusiva do pós-modernismo permite que vozes outrora silenciadas sejam ouvidas.

Entretanto, segundo Harvey (2004), o pós-modernismo não tenta transcender o conceito de modernidade, opor-se a ele, ou sequer definir os elementos eternos e imutáveis que poderiam estar contidos nele, mas espójar-se nas fragmentarias e caóticas correntes da mudança. Ainda para este teórico, o pós-modernismo não é apenas uma versão do modernismo, na tentativa de legitimar-se pela referência do passado, pois genuínas revoluções ocorrem quando as ideias latentes e dominadas de um período se tornam explícitas e dominantes em outro, fechando o *looping* histórico, conceito filosófico secular de Vico (1709), segundo o qual a história se repete ciclicamente em movimento pendular.

Harvey corrobora com Lyotard e Jameson, quando associa a ideia de pós-modernidade às transformações pelas quais passou o capitalismo na última metade do século XX. Para o autor, o pós-modernismo não permite nenhuma representação unificada do mundo, pois não há mais verdades eternas e universais: “As verdades eternas e universais, se é que existem, não podem ser especificadas.” (HARVEY, 2004, p. 49).

Para o filósofo francês Jean Baudrillard (1991), o avanço dos meios de informação e as novas formas de recepção submetidas à tecnologia e à mídia, fazem parte das transformações que determinaram o pós-modernismo. Em seus ensaios *Consumer Society* e *Simulacra and Simulations*, o autor, enfatizando mais a perspectiva da cultura, afirma que a pós-modernidade é sinônimo da sociedade de consumo, da sociedade da imagem e do espetáculo, tentando esconder sua superficialidade, não correspondendo mais a uma realidade, tampouco sabendo distinguir o real do fictício. Segundo Baudrillard (1991), tudo é simulacro, experiências, formas, códigos e objetos sem referência, apresentando-se mais reais do que a própria realidade, ou seja, sendo “hiper-reais”. Interessante observar que o sociólogo contemporâneo Zygmunt Bauman, não nascido, porém erradicado na França, também discorre, em sua obra *Identidade* (2015), sobre exatamente as mesmas questões que Baudrillard, chamando a realidade aumentada de líquida e a efemeridade característica do momento pós-moderno de fluidez.

Na “sociedade do espetáculo”, termo cunhado por Guy Debord em seu livro *Sociedade do Espetáculo*, publicado em 1967, onde a forma mais desenvolvida de mercadoria é a imagem, tudo se transforma em matéria-prima para mídia. Para ele, a cultura como produto, conduz a uma sociedade de consumo e o fenômeno do consumo ultrapassa o ato da aquisição do necessário, invadindo a vida. Segundo Baudrillard, alcança-se o ponto onde o “consumo” tem dominado a vida por completo; onde todas as atividades são sequenciadas no mesmo modo combinatório; onde a escala de gratificação é traçada antecipadamente, uma hora de cada vez; e onde o “ambiente” é completo, inteiramente climatizado, mobiliado e culturalizado. Assim, o “ser” funde-se com o “ter”. Os ricos isolam-se, cercados pela barreira virtual, fortalecendo sua individualidade, em companhia de “coisas” que os definem como homens abastados.

Na concepção pós-modernista de Baudrillard, a verdade foi substituída por simulacros; portanto, perdemos o sentido das coisas. A arte é simulacro da arte, a política simulacro da política. É o predomínio do fingimento, do mascaramento e da simulação. Segundo o autor, “quando o real já não é o que costumava ser, a nostalgia assume todo o seu sentido.” (1988, p. 171).

A esse respeito, Jameson (1996), enfatizando a concepção de Sartre, sugere que o simulacro seria a virtualização da realidade cotidiana concreta, na qual o real é transformado em imagem. Jameson, ao reconhecer a relação intrínseca entre a hiper estimulação do olhar e as novas tecnologias, afirma ser esse fato o causador de um

fenômeno, cunhado por ele, de “esmaecimento do afeto” na cultura pós-moderna. Para o autor “seria incorreto sugerir que todos os afetos, todo sentimento ou emoção, toda subjetividade, tenham desaparecido [...]” (p. 37). Porém, ele sugere que uma overdose de estímulos induz a uma perda do sentido do real, causando uma tensão permanente entre o real e o imaginário.

A produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral: a urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que pareçam novidades (de roupas a aviões), com um ritmo de *turnover* cada vez maior, atribui uma posição e uma função estruturais cada vez mais essenciais à inovação e ao experimentalismo; logo, a produção das mercadorias passou a ser um fenômeno cultural. Com o surgimento de uma indústria planejadora da imagem das mercadorias e das estratégias de marketing, os consumidores passaram a adquirir os produtos tanto por sua imagem quanto por seu uso imediato, fazendo a propaganda, portanto, ser a mediadora essencial entre a cultura e a economia. Esse método inovador de divulgação ganha vigor por não depender de emissoras ou agentes profissionais, isto é, o próprio consumidor/usuário do produto divulga sua nova aquisição em sua rede de contatos, inocentemente acreditando propagar sua opulência, quando, na verdade, ele está viralizando um produto, uma ideia ou um conceito, o que incita os outros a fazer o mesmo. Assim, está instituído o ciclo de consumo do “hiper capitalismo” pós-moderno. Proença Filho (1988) conclui que o mundo real se desmaterializa, converte-se em signo, em simulacro. O consumidor compra a imagem do produto, não o produto em si.

O raciocínio de Baudrillard é corroborado e complementado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman acerca da “sociedade de consumo” e da transformação do “ser” em “ter”. O mercado, por meio dos “impulsos sedutores”, transmite a mensagem de que possuir e consumir objetos é a condição necessária para a felicidade; os grandes centros de compras transformam-se em templos sagrados, lugares transcendentais para aquisição da felicidade. O consumo frenético é a marca do sucesso e a estrada que conduz diretamente ao aplauso público e à fama.

Essa mensagem de possuir e consumir objetos como a condição necessária para a felicidade, para que tenha prestígio, que Neni, personagem do romance estudado, quer levar para sua terra natal. Mesmo inconformada com a violência verbal e física do marido, Neni aceita voltar para Limbe. Jende dá a ela dinheiro para fazer as últimas compras, das coisas difíceis de encontrar em Limbe, brinquedos, comidas, roupas para preservar sua

aura americana, cremes de beleza e hidratantes antienvelhecimento, que conservassem sua beleza e juventude por um longo tempo, e a mantivessem em elevado conceito aos olhos das mulheres da terra. Sendo assim,

Se o consumo é a medida de uma vida bem-sucedida, da felicidade e mesmo da decência humana, então foi retirada a tampa dos desejos humanos: nenhuma quantidade de aquisições e sensações emocionantes tem qualquer probabilidade de trazer satisfação da maneira como o “manter-se ao nível dos padrões” outrora prometeu: não há padrões a cujo nível se manter – a linha de chegada avança junto com o corredor, e as metas permanecem continuamente distantes, enquanto se tenta alcançá-las. (BAUMAN, 1998, p. 56).

Nessa seara de Baudrillard e Bauman, Jameson (2001) considera que a produção de bens de consumo é um fenômeno cultural, pois compra-se o produto tanto por sua imagem quanto por sua identidade imediata. Hoje, existe uma indústria voltada exclusivamente para criar imagens para bens de consumo e estratégias de venda. Portanto, a propaganda tornou-se uma mediação fundamental entre a cultura e a economia, e se inclui certamente entre as inúmeras formas da produção estética. Em 2001, a ponderação de Jameson sobre o papel da propaganda não contemplava o fenômeno de viralização comum duas décadas depois, quando o próprio consumidor se responsabiliza por divulgar o que ele acaba de comprar. Esse fenômeno facilita e reduz os custos de marketing da indústria e do comércio. Finalmente, o capitalismo, em sua forma mais intensa, no início do século XX, é caracterizado pelo marketing viral e instantâneo e pelo consumo compulsivo.

Jean-François Lyotard também pensa o tema “pós-modernismo”, sugerindo que o saber muda de status ao mesmo tempo em que as sociedades entram na idade dita pós-industrial e as culturas na idade dita pós-moderna. Em sua obra *La Condition Postmoderne: Rapport Sur Le Savoir* (1979), este autor expande o conceito, tratando a pós-modernidade como a mudança geral na condição humana. Para ele, a condição pós-moderna é definida como um estado de incredulidade em relação às “metanarrativas”, fruto do progresso das ciências, atribuindo à crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia, o desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação (1993, p. xxiv).

O filósofo considera que a pós-modernidade seria o momento quando as grandes metanarrativas se esgotam, e a multiplicidade de participantes, interesses e jogos

diferentes, cujas regras não são claras, transformam a ciência em apenas mais um jogo de linguagem, não podendo mais reivindicar o papel de soberana dentre as outras formas de conhecimento e não tendo mais legitimidade para ser uma base inquestionável. Consequentemente, ao perder a condição de definir o mundo, a ciência perde seu caráter emancipatório. Nesse diapasão, Jürgen Habermas (1994) postula que o pós-modernismo é o cenário propício para críticas culturais generalizadas, levando ao que ele denomina uma crise de legitimação, afetando a vida social contemporânea, pois parece já não existirem critérios claros de valor para coisa alguma.

Então, após definir a condição pós-moderna como um estado de incredulidade em relação às metanarrativas, Lyotard (1993) questiona os sistemas narrativos, avaliando as narrativas dominantes de legitimação e emancipação e concluindo que a pós-modernidade não se caracteriza por uma narrativa mestra norteadora, mas por narrativas menos expressivas e múltiplas que não se encontram subordinadas a nenhum modelo padrão universal. Em contrapartida, Steven Connor (1992) critica o ceticismo de Lyotard quanto aos fundamentos da razão universal e a necessidade de uma guerra à totalidade, pois o filósofo francês coloca em xeque a ideia totalizadora e apesar de visar à diversidade, não constrói os alicerces para garanti-la.

Jameson (1996) concorda com Connor em relação à imperfeição/impureza da teoria de Lyotard, pois acredita que há nela uma contradição inerente, já que apresenta sua teoria sobre o desaparecimento das narrativas mestras em forma de uma grande narrativa. Assim, torna-se utópico expressar um posicionamento ou elaborar uma crítica sem utilizar-se das metanarrativas. Contudo, segundo Anderson (1999), pelo menos um lado da argumentação de Lyotard é semelhante à de Jameson, pois a premissa dos dois pensadores, exposta de maneira ainda mais enfática por Lyotard, é que a narrativa é um exercício fundamental e inevitável da mente humana.

Jameson (2001) caracteriza o pós-modernismo pelo desaparecimento da, outrora, nítida fronteira entre a alta cultura e a cultura de massa ou comercial, “desestratificando” as expressões artísticas e denunciando a perda da capacidade humana de conhecer e referenciar o próprio passado, pelo surgimento de novos tipos de discursos, revelando o gosto pela expressão do imperfeito, do cafona nas diversas áreas, e pelo desaparecimento do sujeito individual, da genialidade singular, abrindo espaço para réplicas, cópias e imitações anônimas. Este crítico marxista sugere a existência de um movimento de resgate dos antigos textos, aqueles originalmente mais sérios e mais bem elaborados, a

qual funciona como forma de repreensão às banalidades do pós-moderno,

Pastiches pós-modernos de uma ética e de uma filosofia antigas, pastiches das antigas “teorias políticas”, pastiches das teorias da modernidade – uma repetição vazia e não-paródica do discurso e conceitualização antigos, a realização das antigas estratégias filosóficas como se elas ainda tivessem um conteúdo, a resolução ritual de “problemas” que há muito tempo se tornaram simulacros, a fala sonâmbula de um historicamente já extinto. (JAMESON, 2001, p. 101).

Além disso, o teórico estadunidense afirma que o pastiche eclipsou a paródia:

[...] não há mais escopo para a paródia, ela teve seu momento, e agora essa estranha novidade, o pastiche, vem lentamente tomar seu lugar. O pastiche, como a paródia, é o imitar de um único, peculiar ou idiossincrático, é o colocar de uma máscara linguística, é falar em uma linguagem morta. (JAMESON, 1996, p. 44).

Posto isto, percebe-se que para Baudrillard, Lyotard e Jameson, a pós-modernidade contempla a pluralidade, a multiplicidade de expressões fundindo o social e o cultural. Neste sentido, Connor preconiza que a pós-modernidade encerra, em si, uma contradição, tendo em vista a própria dificuldade de defini-la e descrevê-la.

Jameson observa que a pós-modernidade, em decorrência da proliferação da trivialidade e nebulosidade da linha limítrofe entre a alta e a baixa cultura, abre espaço para o kitsch. No tocante a este assunto, Eagleton (1997) defende que a ironia seria uma característica comum ao estilo pós-moderno. Este autor critica o pós-modernismo:

Um estilo de cultura que reflete alguma coisa dessa mudança de época, cuja arte é superficial, descentrada, infundada, autorreflexiva, brincalhona, derivada, eclética e pluralista, obscurecendo as fronteiras entre a alta cultura e a cultura popular, assim como entre a arte e a experiência cotidiana. (EAGLETON, 1997, p. 07).

Diferentemente de Eagleton (1997), Linda Hutcheon enfatiza que a ironia e a paródia foram utilizadas como ferramentas eficientes de crítica política, pelos satíricos, em momentos históricos mais remotos, logo não são invenções jocosas do pós-modernismo, e essa alusão desconsidera a história da arte.

O recurso irônico funciona como um dispositivo retórico que pode ser utilizado para defender ou atacar um ponto de vista, valendo-se da contradição semântica ao se declarar algo quando se quer significar outra coisa, via de regra, diametralmente oposta. A ironia permite, implícita ou explicitamente, reforçar, debater e contrapor os discursos

oficiais. Sem desconsiderar sua existência, por meio do jogo semântico entre o dito e o não dito, entre o declarado e o não declarado, a estudiosa decreta existir algo, além disso, que caracteriza a ironia ainda mais particularmente. Sendo assim, a ironia seria uma estratégia discursiva atuando no nível da linguagem verbal ou da forma, seja ela musical, visual ou textual, como vemos neste trecho da obra analisada:

— É mesmo? – Tom disse ironicamente. — Até onde devemos voltar para não estarmos longe demais na curva? Até os anos setenta? Por que não saltamos todos dentro de um Buick 75 enquanto todo mundo está nos ultrapassando em modelos 2008? É isso que você está pedindo, certo? Porque já que nos tornamos tão impiedosos, vamos ser mais doces e meigos.²⁷ (MBUE, 2016b, p. 116).

E ainda,

Quer dizer, o nível de miopia aqui... — Adotou um tom irônico e balançou a cabeça.

— Eu tenho me manifestado o quanto posso... Não, não vou... O que me deixa estarecido é como ninguém mais, quero dizer, ninguém mesmo, exceto talvez Andy, vê como é ridículo que estejamos fazendo a mesma coisa repetidas vezes esperando de alguma forma sobreviver. Precisamos mudar de rumo. Agora. Repensar totalmente a nossa estratégia...²⁸ (MBUE, 2016b, p. 48).

O status cultural, o repertório linguístico e os recursos cognitivos daquele que interpreta contribuem essencialmente para efeito irônico do texto ou elocução, já que a efetividade da ironia depende da atribuição de sentidos, de acordo com uma dada situação, um contexto particular e determinados propósitos; então, pode-se dizer que o recurso da ironia surte níveis de efetividade, dependendo da competência do interpretador, a qual varia de acordo com seu conhecimento e consciência do contexto ironizado. Sob este ponto de vista, para Hutcheon, a ironia é inerente à comunicação, podendo ser usada como uma arma. Ela serve de tática a uma miríade de ideais políticos e pode corroborar ou criticar duramente os diversos interesses. Ao teorizar sobre as vertentes da ironia, focando na polêmica da intencionalidade, a autora discorre:

²⁷ “Really?” Tom said derisively. “How far back should we go so we’re not too far ahead of the curve? Back to the seventies? Why don’t we all jump into a ’75 Buick while everyone is passing us by in ’08 models? That’s what you’re asking for, right? Because we’ve become so ruthless, let’s try and be sweet and nice. (MBUE, 2016a, p. 100).

²⁸ I mean, the level of shortsightedness here... ” He scoffed and shook his head. “I’ve spoken up as much as I can ... No, I won’t... What baffles me is how no one else, I mean no one, except for maybe Andy, sees how ridiculous it is that we’ve been doing the same things over and over and expecting that somehow we’ll survive. We’ve got to change course. Now. Completely rethink our strategy... (MBUE, 2016a, p. 40).

[...] as questões políticas sensíveis que surgem ao redor do uso e da interpretação da ironia invariavelmente enfocam o problema da intenção (quer do ironista, quer do interpretador). E como a ironia coloca em primeiro plano a política da agência humana dessa maneira, ela se tornou uma importante estratégia de oposição. (HUTCHEON, 2000, p. 28-29).

Portanto, a ironia, em níveis variados, impacta emocionalmente aqueles que conseguem percebê-la e, ao mesmo tempo, possivelmente, é entendida como ruído por aqueles que não podem compreendê-la. Esse recurso baseia-se, então, nas interações semânticas e paradigmáticas dos significantes e significados envolvidos, e suas inúmeras intenções e interpretações. A ironia vale-se da possibilidade de conotar todas as denotações (HUTCHEON, 2000). Portanto, o texto irônico evidencia a contradição, a ambiguidade e até o paradoxo do mundo.

No caso da obra aqui estudada, a escolha do tradutor George Schlesinger por “aqui estão” para traduzir *behold*, semanticamente, atende à nuance de “contemplar”, em português, dentro do paradigma de olhar, ver, observar; no entanto, não captura o significado de reverenciar, conceder e premiar que “contemplar.” (ele foi contemplado com o Oscar em duas categorias cinematográficas) encerra em português e *behold* (*behold your king!*), em inglês. Ainda sobre o título, vale observar que, ambos *dreamer* e “sonhador” pertencem aos mesmos paradigmas, carregando o mesmo espectro de nuances de significado, desde a mais concreta (aquele que dorme e sonha), até as mais abstraídas (sendo positivo, aquele que idealiza, com detalhes, o que vai realizar, aquele com visão arrojada do futuro, e pejorativo, aquele que tenta realizar algo impossível ou que nem mesmo tenta executar concretamente e com dedicação, mas apenas deseja). Além disso, tanto o título de Mbue quanto o título de Schlesinger podem ser percebidos como irônicos, se “aqui estão” for interpretado como uma seta vermelha (imagem usada para acusar, zombar, apontar o dedo e dedurar) e sonhadores como os trouxas, os bobos.

Hutcheon (1991), ao citar Eagleton, mostra como o teórico considera a ironia como um recurso que condena o pós-modernismo à trivialidade e à depreciação do seu valor, mas ela aponta o equívoco de Eagleton, pois o jogo da ironia é inerente à seriedade por ela objetivada. Segundo a teórica,

A inclusão da ironia e do jogo jamais implica necessariamente a exclusão da seriedade e do objetivo na arte pós-modernista. A compreensão errônea desse aspecto é sinônimo da compreensão errônea da natureza de grande parte da produção estética contemporânea – mesmo que sirva para uma teorização mais organizada. (HUTCHEON, 1991, p. 48).

A autora considera a perda do estilo peculiar e individual como um desafio que liberta e se põe contra a unidimensionalização de nós mesmos, de nossa subjetividade e de nossa criatividade, revelando uma análise positiva da emergência dessas características, em oposição ao negativismo de Jameson ao analisar a mistura de estilos (pastiche), a crítica da forma (paródia) e a pluralidade identitária (morte do sujeito).

Ao passo que Jameson (2001) considera a pluralização e a morte do sujeito como um “tema da moda” na teoria contemporânea, para Hutcheon (1991), é preciso haver um conhecimento sólido a respeito do sujeito, segundo ela, descentralizar não é negar, e ela defende que o pós-modernismo denuncia a pluralização do sujeito e não o seu desaparecimento: ele problematiza radicalmente toda a noção de subjetividade. Ao fazê-lo, não o destrói, mas o remodela. Esta “redelimitação” do sujeito, de acordo com a tendência pós-moderna, consiste em reconhecer e perceber o que mudou. Sobre esta polêmica, Huyssen (1986), corrobora que situar o sujeito é também o admitir, desenvolvendo noções alternativas e diferentes de subjetividade.

Vale observar que o debate dos autores supracitados converge em um fenômeno sociocultural que impacta diretamente a chamada morte ou pluralização do sujeito, este é reflexo da transformação da identidade do indivíduo contemporâneo. Esse fenômeno, acelerado pela rapidez e efemeridade das relações, das ideias e dos conhecimentos circulantes influencia diretamente o esvanecimento da subjetividade e o fortalecimento de identidades plurais, afinal, hoje, o que se busca é a equalização, a compensação dos danos do passado e a igualdade. Assim, o sujeito plural na literatura, e nas artes de um modo geral, é um espelho do amálgama identitário típico da pós-modernidade.

Quanto à paródia, considerada como uma forma de revisitar o passado da arte e da história, Hutcheon (1991) declara-a como um paradoxo pós-moderno, pois ela não é a destruição do passado; na verdade, parodiar é sacralizar o passado e questioná-lo ao mesmo tempo. Assim, tanto a paródia quanto a ironia são formas de engajamento da história por meio da arte pós-moderna que, ao usá-las como estratégias discursivas, inscreve e subverte seu alvo.

Ambos, Hutcheon e Jameson, concordam sobre o pós-modernismo ser um desafio às ideias dadas como certas, considerando-o, também, como uma “tendência cultural dominante”, expressão cunhada por Jameson, e concordando que o fenômeno é caracterizado pelos resultados da dissolução da hegemonia burguesa por ação do capitalismo recente e pelo desenvolvimento da cultura de massa. Ainda segundo

Hutcheon, a crescente uniformização da cultura de massa é uma das forças totalizantes que o pós-modernismo desafia, porém com uma ressalva: “Desafiar, não negar.” (1991, p. 22). Esta uniformização e enfraquecimento da burguesia possibilita às classes sociais menos privilegiadas sonhar com ascensão social e econômica. Além disso, a massificação apaga os spots individuais e lança holofotes na multidão, sugerindo a pluralização do sujeito.

Cabe adicionar que a autora diferencia a cultura de massa como sendo a “comercial, popular e tradicional” e a cultura de minoria a “erudita, sensível e elitista”. Para ela, ambas são manifestações da sociedade do capitalismo recente, cuja realidade social é estruturada por discursos (no plural), sendo isso, portanto, um dos ensinamentos do pós-modernismo. Justamente nesse movimento surge uma lacuna, uma possibilidade de sonho de prosperidade para aqueles que antes encontravam-se esmagados e escondidos dentro da indigência e do ostracismo, afinal, quando os fortes são equalizados aos fracos, “Nós versus Eles”, o jogo acaba em empate: todo mundo é igual, logo o sujeito é múltiplo, com múltiplas identidades.

Hutcheon acrescenta que os “excêntricos”, os fora do centro, os marginalizados pela ideologia dominante, têm agora uma brecha para conquistar posições mais para o centro, colocando em xeque os sistemas centralizados, totalizados, hierarquizados e fechados. O pós-modernismo, entretanto, não os destrói. Limitando-se a questionar, reavalia os conceitos de margem e fronteira, administrando o espaço entre o centro e a margem, aceitando as diferenças. Entretanto,

O pós-modernismo não leva o marginal para o centro. Menos do que inverter a valorização dos centros para a das periferias e das fronteiras, ele utiliza esse posicionamento duplo paradoxal para criticar o interior a partir do exterior e do próprio interior. (HUTCHEON, 1991, p. 98).

Portanto, esse processo de descentralização questiona os valores impostos pela sociedade, considerando e refletindo sobre o diferente, o heterogêneo, o híbrido e o provisório, pois o universo pós-moderno não pode ser considerado de limitações, mas de mistura, hibridez. Assim, o discurso pós-moderno, por meio de sua autorreflexividade, mais do que denunciar uma determinada perspectiva ideológica, promove o questionamento de nossas próprias interpretações e, por conseguinte, as interpretações dos outros. Depreende-se, então, que não há como ignorar o termo “pós-modernismo”, quer para aceitá-lo, quer para apenas refletir sobre ele ou rechaçá-lo.

6.1 O Sonho Americano na Pós-Modernidade

O sistema capitalista eclipsou o socialista. Claude Jessua finaliza seu livro *Capitalismo* com as palavras do economista Josef Alois Schumpeter ao definir o sistema:

[...] o capitalismo define-se pela apropriação privada dos meios de produção; pela coordenação de decisões por meio da troca, em outros termos, pelo mercado; finalmente pela acumulação de capitais através de instituições financeiras, ou seja, pela criação do crédito. Essa definição tem o efeito de opor o capitalismo ao socialismo no grande conflito contemporâneo entre os dois sistemas. (SCHUMPETER apud JESSUA, 2009, p. 9).

Entretanto, a definição do termo, de acordo com Jessua (2009), nunca foi utilizada com rigor. Até Marx e Engels aludiam ao capitalismo como modelo de produção que atendia às ambições da burguesia, rendendo ao termo uma semântica negacionista que indicava injustiça e exploração das classes menos favorecidas. Jessua (2009) pontua que o termo “capitalismo” passou a ser objeto de análise acadêmica a partir do século XX, quando estudos científicos objetivavam compreender a natureza desse sistema e suas interações.

No embate entre socialismo e capitalismo, posiciona-se o conceito de Sonho Americano, o qual representa a possibilidade de os chamados indivíduos explorados e injustiçados vislumbrarem sua inserção na máquina capitalista, conquistando prosperidade financeira, posição social, notoriedade e poder. Assim, de acordo com Karnal (2018), o Sonho Americano representa a vertente positivista do capitalismo e, ao mesmo tempo, a oportunidade pós-moderna de pessoas supostamente excluídas, dentro do sistema capitalista, desfrutarem de bem-estar e se sentirem parte da engrenagem socioeconômica. Afinal, os ricos bem-sucedidos não precisam perseguir esse sonho.

Sob o olhar de Jessua, Schumpeter, aparentemente, equivocou-se quando previu que o capitalismo seria eclipsado pelo socialismo, pois atualmente, testemunha-se seu fortalecimento. Mais que isso, “capitalismo” encontra-se intimamente atrelado à pós-modernidade em relação a sociedade, cultura e ao modelo econômico pós-industrial. Entretanto, pode ser mais sensato dizer que, enquanto Jessua teoriza sob o olhar dos fenômenos atuais, Schumpeter por sua vez, parece prever o que o homem ainda vai descobrir na era pós-capitalista, quando um novo modelo socioeconômico será implementado para resgatar o homem dos destroços deixados pelo capitalismo selvagem.

Então, Schumpeter não se equivocou, ele apenas previu mais distante.

Estudiosos enxergam o capitalismo de maneiras diferentes. Eagleton (2005) critica o pós-modernismo comparando-o ao capitalismo, amalgamando dois conceitos de categorias distintas, pois o primeiro é um momento histórico e o segundo, um modelo econômico vigente neste momento. Este autor defende a ideia de que ambos os pós-modernistas e neoliberais percebem as normas públicas, valores intrínsecos, hierarquias dadas, padrões de autoridade, códigos consensuais e práticas tradicionais como entraves ao progresso. Porém, os neoliberais assumem sua posição em nome do mercado; já os pós-modernistas radicais, ao contrário, combinam essas aversões com a cautela um tanto estúpida do comercialismo. Terry Eagleton (2005) expressa um paralelismo quando afirma que, após o enfraquecimento do socialismo, o pós-modernismo estaria para a cultura como o capitalismo está para a sociedade e sua economia.

Em meio à derrocada do socialismo, a parcela da população assistida dos países que tinham governos com ideologias socialistas encontrou-se em uma nova situação, de negligência às suas necessidades e condição, pois não é mais beneficiada por programas assistenciais expressivos, já que a ascensão do capitalismo preconiza a meritocracia e a competição em todos os setores. Então, aqueles que são sobressalentes à máquina capitalista, apegam-se à ideia de que se imigrarem para a fonte do império econômico, serão agraciados com prosperidade e felicidade. O Sonho Americano representa exatamente essa fantasia de enriquecimento comum a todos os imigrantes rumo aos Estados Unidos (KARNAL, 2018).

Então, a partir da eleição de Barack Obama, em 2008, por ser democrata, Afro-Americano e atencioso à demanda dos imigrantes e de outras minorias, antes, não atendidas, o Sonho Americano ganha força e muito mais popularidade que em qualquer outro momento da história.

O romance *Behold the Dreamers* encontra-se imbuído do fenômeno acima descrito, já que os personagens camaroneses travam uma luta inglória por pertencimento e aceitação nos Estados Unidos, porém o fazem na esperança de alcançá-los, apesar de serem desmotivados. No romance, Vince, filho de Clark, o patrão, em suas conversas com Jende, tenta desconstruir esse imaginário que lhe parece tão falso, entretanto, Jende parece não conseguir enxergar a realidade e se entrega ao autoengano:

Mas hoje, trajando o terno verde risca de giz trespassado que vestia no

dia em que chegara à América, só conseguia pensar na sua capacidade de impressionar um homem que nunca tinha visto. Por mais que tentasse, nada podia fazer a não ser pensar nas perguntas que fariam, nas respostas que teria de dar, na maneira como teria de andar, falar e se sentar, nas vezes em que precisaria falar ou escutar e assentir, nas coisas que teria de dizer ou não dizer, na resposta que precisaria dar se perguntassem sobre sua situação legal no país. Sua garganta estava seca. As palmas das mãos, úmidas. Sem poder alcançar o lenço no metrô lotado para o centro, enxugou as mãos nas calças. ²⁹ (MBUE, 2016b, p.9-10).

De acordo com o analista político norte-americano Walter Russel Mead (2006), o sistema capitalista “do milênio.” (fim do século XX) prega valores como a produtividade e a interdependência, acarretando mudanças nas estruturas do capitalismo mundial. Os Estados Unidos, por terem se adaptado a essas transformações com mais velocidade do que as outras nações do mundo, conseguem ampliar sua capacidade econômica, manobra que aumenta o sentimento de antiamericanismo em várias partes do mundo, porém, contraditoriamente, ao mesmo tempo, aumenta o desejo de inúmeros imigrantes de realizar seu Sonho Americano nesse país. A vontade de se mudar para os Estados Unidos e conseguir ter uma vida mais abastada torna-se comum em países que mais sofrem com essas mudanças, pois, lá, as pessoas não têm o amparo do poder público. Segundo Mead, os Estados Unidos sofrem um aumento da criminalidade e da violência com o relaxamento das barreiras à imigração. Porém, o presidente Obama, de certa forma, incrementa a imagem dos Estados Unidos como a terra da felicidade quando ele próprio leva o troféu de presidente que eliminou Bin Laden, consequentemente reduziu o terrorismo do mundo. Além disso, sua própria etnia, seu governo democrata, com medidas proativas em relação ao combate à pobreza, prometendo melhorar o acesso das minorias ao sistema capitalista, reforçaram o ideal de viver nos Estados Unidos para realizar o Sonho Americano.

Fredric Jameson, por meio de sua obra *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* (1996), declara que, longe de apresentar-se como um momento de ruptura inominável, o pós-modernismo mostra-se como uma intensificação do passado e não a dominante cultural de uma ordem social totalmente nova, sob o nome de sociedade

²⁹ *But today, dressed in the green double-breasted pinstripe suit he'd worn the day he entered America, his ability to impress a man he'd never met was all he could think about. Try as he might, he could do nothing but think about the questions he might be asked, the answers he would need to give, the way he would have to walk and talk and sit, the times he would need to speak or listen and nod, the things he would have to say or not say, the response he would need to give if asked about his legal status in the country. His throat went dry. His palms moistened. Unable to reach for his handkerchief in the packed downtown subway, he wiped both palms on his pants.* (MBUE, 2016a, p. 3-4).

pós-industrial. Assim, evidencia-se que, para o autor, o momento atual não reflete um rompimento, mas uma superação contemporânea em relação ao modelo de desenvolvimento capitalista estruturado no passado, ou seja, trata-se de um reflexo e aspecto concomitante de mais uma modificação sistêmica do próprio capitalismo.

Para o conceito de “capitalismo tardio”, Jameson invoca a obra do economista Ernest Mandel, que expõe os rumos da terceira fase do capitalismo, batizada de “globalização”. Os pré-requisitos tecnológicos básicos para a então chamada nova “onda longa” foram dados no final da Segunda Guerra Mundial. Quanto ao qualitativo “tardio”, o teórico justifica:

O que “tardio” geralmente transmite é mais um sentido de que as coisas são diferentes, que passamos por uma transformação de vida que é de algum modo decisiva, ainda que incomparável com as mudanças mais antigas da modernização e da industrialização, menos perceptíveis e menos dramáticas, porém mais permanentes, precisamente por serem mais abrangentes e difusas. [...] a expressão capitalismo tardio [...] é não só uma tradução quase literal da outra expressão, pós-modernismo, mas também seu índice temporal parece já chamar a atenção para mudanças nas esferas do cotidiano e da cultura. (MANDEL, 1996, p. 24-25).

Portanto, percebemos que a maneira como Jameson define o seu objeto de estudo é a mesma pela qual ele define o pós-modernismo, ou seja, como uma lógica implícita em toda a produção cultural originada pela transformação do sistema social capitalista rumo ao capitalismo tardio, ou, usando outros slogans cunhados pelo autor, “capitalismo multinacional”, “sociedade do espetáculo ou da imagem”, “capitalismo da mídia” ou “o sistema mundial”. Observam-se, também, renovações tecnológicas e a expansão dos aparelhos de reprodução técnica, econômica e cultural do capitalismo, tais como os sistemas de indústria cultural e “grande mídia”, a TV, o cinema, o rádio, a imprensa, a propaganda e um mercado monopolizado e bens culturais que avançam sobre a chamada alta cultura artística e intelectual.

Essa expansão do capitalismo ultrapassa as fronteiras dos Estados Unidos e chega aos países dominados, subdesenvolvidos, com muita força, mudando inclusive hábitos, costumes e valores dos camaroneses, como esclarece Winston quando seu primo Jende resolve voltar para Camarões e o consulta sobre em qual área abrir seu próprio negócio:

Havia táxis suficientes em Limbe, e *benskins* — com seu alto índice de acidentes que haviam feito muita gente jurar que motocicletas eram invenção do diabo — tinham a tendência de em pouco tempo perder a

preferência do público. Mas comida, disse Winston, sempre seria necessária. [...] Ouvi dizer que há bares abrindo por toda a cidade. Dizem que há um boteco que vende até Heineken e Budweiser. [...] — É assim que a gente sabe que esse domínio americano foi longe demais — disse Winston. — Paysans deixaram de querer Guinness e 33 Export e passaram a querer Budweiser e Heineken.³⁰ (MBUE, 2016b, p.388-389).

Aproveitando-se da americanização dos camaroneses, Jende tenta convencer Neni a voltar para Limbe, “Talvez você nem sinta tanta falta de Nova York porque Limbe agora tem tanta coisa de Nova York”. Mas, não, ela não escuta.” (MBUE, 2016b, 389), e buscando aprovação de seu primo, diz:

Mas não é verdade? Tudo que ela vê aqui ela vai ver em Limbe. As moças em Limbe agora, ouvi dizer que elas parecem a Beyoncé. E agora ninguém mais quer tomar country mimbo. Vinho de palma está saindo de moda. Agora todo mundo é americano ou europeu... uma boate no West End que até vende cerveja Cristal em copo.³¹ (MBUE, 2016b, p. 389).

Jende, na sequência, completa:

E Motorola Razr. [...] Minha mãe me pediu para trazer um Razr para poder ter o telefone mais bacana entre suas amigas com quem ela lavra a terra. Não me pergunte para que ela leva o celular à plantação. Não há rede ali. Ela viu em um filme nigeriano, e agora ela quer um.³² (MBUE, 2016b, p. 389).

Winston em tom de ironia, finaliza: “Porque ela haveria querer de ficar para trás no século XX.³³ (MBUE, 2016b, p. 389).

Sob a pressão da grande máquina da publicidade e do marketing, a maioria das pessoas não adquire apenas aquilo que necessita, os valores na sociedade de consumo não

³⁰ *There were enough taxis in Limbe, and benskins—with their high accident rates which had left many swearing that motorcycles were the devil's creations—were bound to fall out of favor with the public soon enough. But food, Winston said, would always be needed. [...] “I hear drinking spots are opening all over town like no man's business. They say there's even a spot that sells Heineken and Budweiser. [...] “That's how you know this American domination has gone too far, Bo,” Winston said. “Paysans have gone from wanting Guinness and 33 Export to wanting Budweiser and Heineken.” (MBUE, 2016a, p.353-354).*

³¹ *But isn't it true? Everything she sees here, she's going to see in Limbe. The girls in Limbe now, I hear they all look like Beyoncé. And no one wants to drink country mimbo anymore. Palm wine is falling out of fashion. Everyone is American or European now. Emmanu told me a club in West End even sells Cristal glass by glass. (MBUE, 2016a, p. 354).*

³² *“And Motorola RAZR,” Jende said. “My mother asked me to bring back a RAZR for her so she can have the nicest phone among all her friends who she goes to farm with. Don't ask me why she takes her cell phone to the farm. There's no network there. She saw a RAZR in a Nigerian movie, she wants it.” (MBUE, 2016a, p. 354).*

³³ Note-se que, como o romance se passa no século XXI, é possível que Mbue deixou o século XX expresso nesta passagem para dar uma característica de obsolescência ao personagem Winston.

estão hierarquizados por condições de vida, mas sim por necessidade de ter sempre o novo, porque isso faz parte da cultura do supérfluo e da aparência. Quando as pessoas se apercebem de que há certo conjunto de fatores a lhes dar *status*, que, no caso da mãe de Jende, é a aquisição do *Razr*, fica evidente que a sociedade atual explora essa situação, e um dos objetivos da publicidade é criar essa onda, apesar de seus efeitos perversos. Mbue deixa essa questão subjacente no livro, levantando a dúvida se a mãe de Jende, desejosa de um *Razr*, aparelho que representa modernidade e acesso a uma tecnologia avançada, já tem acesso às velhas tecnologias, como água canalizada, eletricidade, dentre outras, na região em que vive com sua família. Essa contradição, embora implícita nas entrelinhas do livro, evidencia a sobreposição do supérfluo frente às necessidades básicas, sem o desenvolvimento de uma cultura de cidadania, de luta pelos direitos básicos de viver, todavia mostrando a tendência de homogeneização comportamental que a globalização infringe no mundo.

Estimulados por várias razões como a crise humanitária, as perseguições, questões econômicas, falta de infraestrutura e problemas enfrentados no próprio país, os imigrantes buscam uma vida mais estável em outros lugares. Especificamente em Camarões, o intenso deslocamento interno das pessoas dá-se, principalmente, pela existência do conflito armado e da violência entre o governo e os separatistas nas regiões anglófonas, as quais continua inabalável.

Logo, quando Imbolo Mbue, em seu romance *Behold The Dreamers*, narra a história da família Jonga, ela recria o ideal de riqueza, a partir de suas experiências em Limbe, de acordo com o ponto de vista camaronês, imigrante, em um momento histórico mais atual, no início do século XXI. No caso da África, esse movimento voluntário para fora do país e do continente, na procura de uma vida melhor não é simples, pois se encontra carregado de problemas políticos, étnicos, laborais e de classe social, assim como de falsas percepções do Ocidente. Apesar da saudade e do amor à pátria natal, os imigrantes preferem viver condições adversas, enfrentando a exclusão social, o racismo, a xenofobia e a violência nas ruas no país estrangeiro, à voltar para seu país, pois têm consciência de que se o fizerem, o que os espera é um “futuro de pobreza e prostração”, como enfatiza Jende (p. 25).

O terceiro estágio do capitalismo, também chamado de tardio, portanto, permitiu que a sociedade pós-moderna se consolidasse como sociedade de consumo, sociedade das mídias, sociedade da informação, sociedade eletrônica ou high-tech e similares. Segundo

Jameson (1996), com o surgimento desse período, o sujeito passou a incorporar novos elementos à sua subjetividade. O individualismo, a identidade pessoal e a singularidade que o constituíam no modernismo, cederam lugar, na pós-modernidade, a uma identidade múltipla, dada pela identificação como um todo. Assim, o sujeito tornou-se fragmentado e superficial e, portanto, perdeu sua historicidade. Mbue destaca bem essa questão através de seu personagem Vince, filho do executivo Clark e estudante de direito na Universidade de Columbia. Segundo ele, a própria universidade engendra esse processo, doutrinando seus estudantes e disseminando total alienação, e dá como exemplo a faculdade e o curso que frequentou:

[...] na faculdade de direito [...] olho para os meus colegas [...] fico triste só de vê-los desperdiçando todas aquelas horas preciosas de suas vidas sendo doutrinados com mentiras para poderem entrar no mundo e perpetuar as mentiras. Eles não sabem que estão prestes a se tornar peças de uma máquina impiedosa que se especializa em arrancar as entranhas de inocentes [...] sem qualquer consciência do fato de que estão vivendo numa sociedade dirigida por uma instituição maquinadora de sangue-frio.³⁴ (MBUE, 2016b, p. 122).

Para Jameson (1998), essas modificações acarretaram o que ele denomina “morte do sujeito”, ou seja, a perda do individualismo. Por conseguinte, como aponta, o sujeito pós-moderno torna-se vulnerável à esquizofrenia. O autor não se refere à esquizofrenia no sentido clínico de uma psicose, mas emprega a definição do psicanalista francês Jacques Lacan que a considera uma questão de disfunção linguística, no sentido do rompimento com uma linearidade temporal terminando na perda da identidade pessoal. Desse modo, a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2015).

Sob essa perspectiva, o caso dos filhos da prima Fatou, que também viera de Limbe com seu marido, com os filhos nascidos em Nova York, uns já adolescentes e outros adultos:

[...] eram americanos que nunca tinham estado na terra natal dos pais.

³⁴ [...] law [...] I look at my classmates and I feel terrible – just saddens me to see them spending all those precious hours of their lives being indoctrinated with lies so they can go into the world and perpetuate the lies. They don’t know they’re about to become pieces of a ruthless machine that specializes in ripping out the innards of innocents [...] completely mindless of the fact that they’re living in a society ruled by a cold-blooded cabal. (MBUE, 2016a, p. 105).

Todos os sete, três na casa dos vinte e quatro adolescentes, não queriam saber de viver na África Ocidental. Alguns deles nem sequer se consideravam africanos. Quando pessoas perguntavam de onde vinham, diziam com frequência, ah, nós somos daqui mesmo, Nova York, Estados Unidos. Diziam isso com orgulho, acreditando. Só quando incitados, admitiam com relutância que bem, na verdade, nossos pais são africanos. Mas nós somos americanos, sempre acrescentavam. O que magoava Fatou e a fazia se perguntar, seria possível que seus filhos pensassem que eram melhores do que ela porque eram americanos e ela africana? ³⁵ (MBUE, 2016b, p. 393).

Assim, a descentralização ou fragmentação do indivíduo, causando uma crise de identidade, desloca-o do mundo social em que vive e de si mesmo, fazendo-o entrar em colapso, com exemplificado pela mágoa de Fatou. Indaga-se, portanto, se seria possível explicar a sociedade atual sem mencionar o capitalismo, a mídia, a sociedade de consumo, a indústria de entretenimento e o Sonho Americano, imbricados no tecido social e cultural circundantes das condições pós-modernas.

Não obstante, embora as produções sejam reconhecidas como destinadas ao mercado consumidor, ao afirmarmos (como defende Jameson) que o fenômeno pós-moderno está condicionado restritamente às estruturas econômicas norteadoras da nossa sociedade, estaríamos negando-o como expressão de várias culturas, e não apenas de uma Cultura, como argumenta Hutcheon (1991). Se a arte for considerada criadora de produtos culturais objetivando apenas à venda, obedecendo às exigências do mercado consumidor, descaracterizaríamos a natureza híbrida e plural do pós-modernismo, concernente à harmonização das diversas linguagens e culturas transitantes nos discursos contemporâneos.

Muito do ceticismo de Jameson (1996), refere-se ao fato de ele julgar o Pós-modernismo como uma dominante cultural vazia, desprovida de análise crítica, pois os produtores culturais tendem a voltar ao passado, por meio da imitação de estilos mortos, a fala por meio de todas as máscaras estocadas no museu imaginário de uma cultura, agora, global. Como afirma este autor, mais do que a canibalização aleatória de todos os estilos do passado ou pastiche, as adaptações e as apropriações fazem parte do processo

³⁵ [...] her children were Americans who had never been to their parents' homeland. All seven of them, the three in their twenties and four teenagers, wanted nothing of living in West Africa. Some of them didn't even consider themselves African. When people asked where they were from, they often said, oh, we're from right here, New York, America. They said it with pride, believing it. Only when prodded did they reluctantly admit that well, actually, our parents are Africans. But we're Americans, they always added. Which hurt Fatou and made her wonder, was it possible her children thought they were better than her because they were Americans and she was African? (MBUE, 2016a, p. 358).

de criação. Segundo Hutcheon (1991), o passado como referente não é enquadrado nem apagado, como Jameson gostaria de acreditar: ele é incorporado e modificado, recebendo uma vida e um sentido novos e diferentes. Dessa forma, na reformulação e extensão do passado, uma obra asseguraria sua autonomia como obra.

Para Jameson (1998), o passado é compreendido como “uma vasta coleção de imagens”, um depósito de estilos prontos para se tornarem mercadorias, resultado do acelerado consumo das sociedades pós-industriais, expandindo o capital a outras áreas até então imunes à lógica da mercadoria. O que este autor afirma ser “imitação de estilos mortos”, pois as inovações estilísticas não são mais possíveis, Hutcheon considera como “recriações”, reinterpretações de textos anteriores. A estudiosa não nega que as contradições do pós-modernismo sejam as mesmas da sociedade governada pelo capitalismo que ela denomina “recente”, mas observa o seguinte: seja qual for o motivo, sem dúvida essas contradições se manifestam no importante conceito pós-moderno da ‘presença do passado’. E esse passado é posto em xeque, pois não representa um retorno nostálgico, mas uma problematização de suas formas estéticas e sociais, por meio de reflexões críticas.

6.2 A ficção na Pós-Modernidade

A importância da ficção não está somente na estrutura do narrar ou na sua representação, mas na arte de fazê-lo. No processo narrativo pós-moderno, evidencia-se a influência dos elementos midiáticos e do cinema, representados pela progressão de imagens, cortes bruscos, e flashes, responsáveis pela sua fragmentação. Todavia, apesar de deixar o leitor um tanto confuso, estes textos privilegiam a interatividade, pois permitem a sensação de estar vivendo o presenciado na ficção.

É o caso de parte significativa da produção cultural e midiática dos Estados Unidos no século XX, relacionadas ao consumo de imagens modelares de um padrão de estilo de vida, denominado como *American Way of Life*, por meio da disseminação da comunicação de forma massiva, em particular, do cinema norte-americano nos anos 1950, o qual ultrapassou as fronteiras nacionais e alcançou o mundo, levando consigo a imagem de um país e de cidadãos exemplares, cuja forma de viver deveria ser uma referência, como ainda o é em determinadas instâncias. O Sonho Americano é reproduzido no cinema, programas

de TV, literatura, jornais e revistas, mas chega a Camarões, principalmente por meio dos filmes que indicam que “havia um lugar no mundo onde negros tinham a mesma chance de prosperidade que brancos”, como nas produções *Lado a lado* e *Uma babá quase perfeita*, filmes que Neni assistia em Limbe, quando estava prestes a viajar para a América, “não por lazer, mas também como preparativo, visualizando um futuro em Nova York onde terminaria sua formação, possuiria uma casa, criaria uma família feliz”. A TV também mostra “os afro-americanos felizes e bem-sucedidos, bem-educados e respeitáveis” e faz acreditar que “se eles podiam florescer nos Estados Unidos’, qualquer africano também poderia. Ao ultrapassarem as fronteiras dos Estados Unidos, os imigrantes simbolizam o sucesso para outras culturas e povos. Tornam-se ícones de um estilo de vida modelar, principalmente quando se estabelecerem em Nova York, cidade que se configura no sonho de pessoas provenientes de várias partes do país, como a família Clark, e do exterior, como a família de Jende Jonga (MBUE, 2016b, p. 344).

Como escritora pós-moderna, Imbolo Mbue narra sua própria história, suas próprias experiências e sua percepção das experiências daqueles com quem convive. Sobre essa íntima relação entre a realidade vivida e a história narrada, o crítico literário brasileiro Silviano Santiago faz a seguinte reflexão sobre o narrador pós-moderno:

Quem narra uma história é quem a experimenta, ou quem a vê? Ou seja, é aquele que narra ações a partir da experiência que tem delas, ou é aquele que narra ações a partir de um conhecimento que passou a ter delas por tê-las observado em outro? (SANTIAGO, 2002, p. 44).

Apoiando-se na ficção de Edilberto Coutinho, o autor tenta desvendar o mistério acerca da figura do narrador pós-moderno, atando sua constatação à pergunta acima. Para ele, o narrador se subtrai da ação narrada e, ao fazê-lo, deixa a ficção dramatizar a experiência de alguém, identificando-se com o leitor, que seria um segundo observador. Assim, considerados observadores da experiência alheia, ambos se encontram privados da exposição da própria experiência na ficção. Santiago acrescenta que,

São essas as posturas fundamentais do homem contemporâneo, ainda e sempre mero espectador ou de ações vividas ou de ações ensaiadas e representadas. Pelo olhar, o homem atual e narrador oscilam entre o prazer e a crítica, guardando sempre a postura de quem, mesmo tendo se subtraído à ação, pensa e sente, emociona-se com o que nele resta de corpo e/ou cabeça. (COUTINHO, 2002, p. 59).

Ao tecer suas reflexões sobre o narrador pós-moderno, o crítico assume que a experiência de um olhar “de fora” marca a narrativa pós-moderna, colocando em questão a autenticidade e, conseqüentemente, a credibilidade do relato, pois seriam vinculadas a algo externo a ele. Desta maneira, Santiago revela que o narrador pós-moderno tem consciência de o “real” e o “autêntico” serem construções de linguagem.

Nessa seara, Hutcheon (1991) afirma que uma obra literária já não pode ser considerada original, pois qualquer texto só obtém sentido e importância enquanto parte de discursos anteriores. Contesta-se qualquer pretensão em relação às noções humanistas de singularidade e originalidade que possam ser atribuídas ao romance. A teórica consolida-se com a definição de Michel Foucault com relação à intertextualidade, para quem

[...] as fronteiras de um livro nunca são bem definidas: por trás do título, das primeiras linhas e do último ponto final, por trás de sua configuração interna e de sua forma autônoma, ele fica preso num sistema de referências a outros livros, outras frases: é um nó dentro de uma rede. (FOUCAULT apud HUTCHEON, p. 167).

Esta autora preconiza que os romances pós-modernos criam e centralizam um mundo, contestando-o depois., partindo da noção de que a linguagem é uma prática social, um instrumento para manipulação e controle. Hutcheon afirma que o pós-moderno questiona os sistemas totalizantes visando o poder. Assim, os romances, afrontando as noções ideológicas consagradas, não procuram persuadir os leitores a interpretar o mundo à sua maneira, mas criam condições para o questionamento das interpretações. Nesse sentido, fica evidente o enfraquecimento dos pressupostos ideológicos subjacentes à noção humanista do Homem como sujeito coerente e contínuo.

Para as autoras Milani e Aguiar, essa nova forma integra valores éticos como norteadores de negócios e requer o pensamento em estratégias e políticas que envolvam uma relação socialmente responsável por parte das empresas, tornando-as agentes e parceiras de uma sociedade mais sustentável. Além disso, essa forma deve envolver o público com o qual se relaciona (MILANI e AGUIAR, 2017, p. 828).

Fischer (2002, p. 74-75) corrobora as autoras acima mencionadas, defendendo que no início do século XX, correntes de pensamento buscaram ampliar a relação da empresa com o ambiente social, ressaltando a importância da interação das organizações com o sistema social do qual faziam parte. Conforme a autora,

[...] desta reflexão surge o conceito de responsabilidade social empresarial ou corporativa, que é cunhado, no âmbito da teoria das organizações, como uma das funções organizacionais a serem administradas, no fluxo das relações e interações, que se estabelecem entre os sistemas empresariais específicos e o sistema social mais amplo. (FISCHER, 2002, p. 75).

Nesse contexto, a notória empresa Lehman Brothers, banco de investimento e provedor de outros serviços financeiros, com atuação global, cria a Fundação Lehman Brothers. O personagem Vince, jovem rebelde, estudante de direito na Universidade de Columbia, faz uma reflexão crítica dessas fundações quando questiona sua mãe sobre o real objetivo de uma grande empresa, como a que seu pai está associado, ter uma Fundação como a Fundação Lehman Brothers: “Será que o objetivo da Fundação Lehman é fazer do mundo um lugar melhor? Será que eu sei o que o Lehman Brothers faz? Eu tenho noção de como as corporações estão destruindo o mundo?” (MBUE, 2016b, p. 157).

Segundo Hutcheon (1991), esse procedimento estético de descentralização da subjetividade desafia as noções tradicionais de perspectiva, pois o narrador, antes onisciente, transfere responsabilidade ao leitor que passa a colaborar com o texto, participando, efetivamente, no processo de fabricação de sentido. A obra de Mbue é intrigante nesse aspecto porque, ao transferir a responsabilidade ao leitor, ela o coloca no seu presente, inserido em uma sociedade na qual deve atuar conscientemente, como cidadão que é, buscando respostas para os problemas e questões que essa sociedade apresenta. Pode-se dizer, então, que se tem um narrador que protagoniza a narrativa de vida de inúmeros indivíduos, dando-lhes voz.

Jameson (1996) acrescenta, ainda, como características da ficção pós-moderna, a ruptura da temporalidade e o emprego de sentenças isoladas e sem nenhum apoio. Porém, o teórico aponta que, por meio dessa fragmentação textual, o presente, isolado, invade o sujeito e carrega uma misteriosa carga de afeto, ilustrando uma ocorrência na textualidade denominada por ele “esquizofrênica”. Essa esquizofrenia, baseada em Lacan, conforme já explicitado, seria um distúrbio de linguagem. Assim, “se somos incapazes de unificar presente, passado e futuro da sentença.” (p. 53), estaremos fadados a viver em um permanente presente. Por conseguinte, se o sujeito perde essa capacidade de unificação,

[...] fica bastante difícil perceber como a produção cultural de tal sujeito poderia resultar em outra coisa que não “um amontoado de fragmentos” e em uma prática da heterogeneidade a esmo do fragmentário, do

aleatório. (JAMESON 1996, p. 52).

Em uma cultura cada vez mais dominada pelo espaço, não se pode mais medir a vida pelo tempo. Para Jameson, a consequência disso seria a transformação do romance histórico em uma vasta coleção de imagens, um enorme simulacro fotográfico, explicitando, de forma clara, a questão da fragmentação pós-moderna e evidenciando a crise de historicidade.

Segundo Connor, enquanto a literatura modernista deleitava-se no afastamento autorreflexivo de um mundo real sólido e não-discursivo, o mundo real transformou-se em literatura, configurando, portanto, um paradoxo. O pós-modernismo encarregou-se de remoldar a relação entre texto e mundo, tornando a textualidade co-extensiva com o real. Para o teórico, uma vez que o real se transformou em discurso, já não há separação entre texto e mundo a ser transposta. O autor considera o texto literário pós-moderno “autoconsciente”, “descentrado”, “cético” e “galhofeiramente polimorfo”. Sendo assim, é um objeto ideal de análise para uma teoria da literatura a qual suspeita de toda forma de identidade ou de rigidez.

Em relação ao romance pós-moderno, Brian McHale (1992) assinala a passagem de um dominante epistemológico (modernismo) a um ontológico (pós-modernismo), onde personagens mostram-se confusos acerca do mundo em que vivem e de como deveriam reagir a ele. Trazendo à tona as condições de compreensibilidade desse mundo, o caráter ontológico do romance pós-moderno revela a preocupação com a criação de mundos autônomos. Esses, ligados por textos literários, só se fundamentam nos seus próprios mecanismos textuais, fazendo a subjetividade ceder lugar à textualidade. Contudo, essas preocupações epistemológicas e ontológicas não são mutualmente exclusivas, pois não há uma transformação absoluta, mas uma mudança de ênfase ou de “dominante” na filosofia literária.

Logo, a fragmentação, o pluralismo e a autenticidade de outras vozes e outros mundos constituem o problema da comunicação, pois agora o conhecimento pode ser codificado de todas as maneiras, algumas das quais mais acessíveis que outras. Desse modo, legitima-se o pensamento dos pós-modernistas, ou seja, não podemos aspirar a nenhuma representação unificada do mundo, tampouco retratá-lo como totalidade. Assim, o discurso pós-moderno, por meio de sua autorreflexividade, mais do que denunciar uma determinada perspectiva ideológica, faz-nos questionar nossas próprias interpretações e, por conseguinte, as interpretações dos outros.

Assim, não há como ignorar o termo “pós-modernismo”, quer para aceitá-lo, quer para apenas refletir sobre ele ou rechaçá-lo. Correndo o risco de desconsiderar aspectos importantes ou enfatizar outros eventualmente menores, procuramos somente articular elementos que contribuíssem, assim, para uma reflexão e problematização do conceito. Resulta de nossas considerações a observação de que o pós-moderno não só gera teorias necessárias ao entendimento de suas origens, como também demanda teorias capazes de entender seus efeitos.

A diversidade de experimentações estéticas na literatura contemporânea, caracterizada por fragmentações, intertextualidade, pluralidade de narradores e paradoxos, ora seduzem por sua estimulante provocação, ora perturbam por sua ausência de resolução. Acepções tidas como certas, precisas, doutrinárias e uniformes, deram lugar, neste período pós-moderno, à negação das crenças absolutas, antes tão livres de dúvidas e hoje repletas de relativismos, constituindo uma força problematizadora em nossa cultura atual, um fenômeno contraditório que insere conceitos e depois os subverte.

Para Hutcheon (1991), alguns críticos não aceitam os questionamentos, contradições e os paradoxos do pós-moderno, ansiando por respostas totalizantes que o pós-modernismo não pode e não vai oferecer, pois privilegia a diferença e o questionamento. Ainda, segundo a autora, no pós-moderno não existe nenhum desejo de romper com o passado, mas sim a tentativa de inserir uma nova historicidade e uma nova problematização da noção de conhecimento histórico.

Capitalismo tardio, capitalismo recente, capitalismo multinacional, sociedade do espetáculo ou da imagem, capitalismo da mídia, sistema mundial, sociedade de consumo, high-tech e tantos outros termos associados ao pós-modernismo, conceituam e tentam definir a alegada relevância e expansão do papel da cultura e da economia nas sociedades contemporâneas. Porém, mais do que entender esses conceitos, é preciso levantar sempre questões sobre a produção, transmissão e disseminação do conhecimento e da cultura pós-moderna, procurando investigar e compreender o leque de fenômenos associados a essa categoria.

7. A NARRATIVA DE METAFICÇÃO, HISTÓRIA E AUTOFICÇÃO

Segundo Hutcheon (1991), até o século XIX, antecedente à “história científica” de Ranke, a literatura e a história pertenciam ao mesmo ramo do saber e buscavam interpretar a experiência, com o objetivo de orientar e elevar o homem. Depois desse advento, as duas passaram a constituir disciplinas distintas, creditando-se à história o poder de relatar fatos que realmente ocorreram e à literatura a invenção de histórias.

Entretanto, atualmente, a arte pós-moderna e a crítica da história e da ficção têm contestado essa diferença, concentrando-se na verossimilhança entre essas duas formas de escrita. O pós-modernismo, por meio da “Metaficção Historiográfica”, conceito cunhado por Hutcheon, problematiza a questão de que tanto a história quanto a ficção possuem inter-relações determinadas historicamente e, por conseguinte, não podem ser pensadas em termos absolutos, pois variam ao longo do tempo. No tocante a essa forma de escrita, Hutcheon explica:

Com esse termo, refiro-me àqueles romances famosos e populares que, ao mesmo tempo, são intensamente autorreflexivos, e mesmo assim, e maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos [...]. Na maior parte dos trabalhos de crítica sobre o pós-modernismo, é a narrativa – seja na literatura, na história ou na teoria – que tem constituído o principal foco de atenção. A metaficção historiográfica incorpora todos esses três domínios, ou seja, sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas (metaficção historiográfica) passa a ser base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado. (1991, p. 21-22).

Expondo a ficcionalidade da própria história, os romances metaficcionais negam a possibilidade de distinção entre história e ficção, uma vez que só podemos conhecer a história com a mediação de formas de representação ou de narrativa. Baseando-se nesse pressuposto, toda a história é uma espécie de literatura.

A Metaficção Historiográfica lida com o problema do status dos fatos e a natureza de suas evidências, seus documentos. Assim, demonstra que a ficção é historicamente condicionada e a história é discursivamente estruturada, ampliando o debate sobre as implicações ideológicas entre poder e conhecimento. Os vestígios do passado não são naturais, mas uma tradução realizada pelas convenções da sociedade de onde partiu. Segundo Hutcheon, à questão epistemológica referente à maneira como conhecemos o passado se reúne a questão ontológica referente ao status de vestígios desse passado

(HUTCHEON, 1991, p. 161). Dessa forma, os livros caracterizados pela autora como metaficções historiográficas recorrem às citações de fontes e referências do passado com o intuito de evidenciar o conhecimento histórico como lacunar, ideológico e sujeito aos indícios do passado, pois sem eles a escrita da história não seria possível.

Por meio de reflexões críticas acerca de práticas e valores do passado à luz do conhecimento do presente, muitos textos trazem à baila a problematização entre as narrativas ficcionais e os acontecimentos históricos, defendendo que a ficção busca inspiração na História e colocando a história como um construto discursivo. Propondo a narrativa como construto e, assim, organizadora de possíveis verdades, essas considerações levam o leitor a desconfiar também da narrativa da história, destituindo-a, de certa forma, de sua natureza incontestável.

A Metaficção Historiográfica reconhece que a história não é o registro transparente de nenhuma verdade incontestada, mas não nega o valor da redação da história, apenas redefine essas condições de valor (HUTCHEON, 1991, p. 168). Isso não significa negar o passado. Porém, é somente possível conhecê-lo por meio de seus vestígios textualizados. De acordo com Hutcheon, tanto a história quanto a literatura são discursos, sistemas de significação que dão sentido ao passado.

Hutcheon rebate uma das críticas ao pós-modernismo: a de ele ser a-histórico. Citando Eagleton como um crítico que considera a obra pós-moderna desistoricizada, desprovida de memória histórica e conteúdo político, sem profundidade e estilo, cuja “encenabilidade” do texto “substitui a verdade”, a estudiosa toma-o como exemplo para apresentar sua defesa. Atribuindo ao teórico um pensamento binário absolutista, que transforma o pós-modernismo na negação e no oposto do modernismo, a autora refuta essa visão, pois, para Hutcheon, o pós-modernismo confronta e contesta qualquer rejeição ou recuperação modernista do passado em nome do futuro, promovendo uma reavaliação e um diálogo em relação ao passado, à luz do presente (1991, p. 39).

Segundo Hutcheon, os fatos da história são declaradamente discursivos e o pós-modernismo problematiza a “forma” como o homem se relaciona com o passado. Na ficção pós-moderna, o literário e o historiográfico estão sempre juntos e, acreditando que tudo são convenções, essa ficção visa problematizar a história e não emitir juízos de verdade. Para a teórica, uma das lições do pós-modernismo é a de que, embora todo o conhecimento do passado possa ser provisório, historicizado e discursivo, isso não significa não se dar sentido a esse passado.

Em suma, a metaficção historiográfica, utilizando-se de textos e intertextos literários e históricos, em vez de legitimar o passado, passa a problematizá-lo, questionando a história como verdade incontestável e levando-nos a uma apreensão mais ampla dos fatos. Rejeitando a construção mimética dos acontecimentos e os discursos totalizadores e autoritários, seu objetivo é despertar a agudeza da nossa consciência e o nosso pensamento crítico.

De maneira semelhante, o termo autoficção foi usado pela primeira vez por Serge Doubrowsky, no romance *Fils*, em 1977, para conceitualizar o conjunto de obras literárias que apresentam passagens da vida ou, até mesmo, características físicas e psicológicas do autor em um contexto claramente ficcional:

Na autoficção, um autor pode chamar a atenção para a sua biografia por meio do texto ficcional, mas é sempre o texto literário que está em primeiro plano. Os biografe – mas estão ali funcionando como estratégia literária de ficcionalização de si. (DOUBROWSKY, 1977, p. 77).

Nesse quesito, Imbolo Mbue, na trama de *Behold the Dreamers*, nos surpreende com um personagem rebelde, questionador, o jovem Vince, filho do executivo Clark e sua esposa Cindy, cujas contestações sistemáticas contra o estado de seu país são inspiradas por alguns dos colegas estudantes de Mbue em Columbia:

Eu conheci esses jovens que vinham de boas famílias, famílias ricas, e você poderia dizer que eles tinham vantagens – eles eram brancos, seus pais tinham dinheiro – mas eles tinham uma sensação de desconforto sobre seu privilégio. Achei isso muito interessante, porque o tipo de vantagens que eles tinham era do tipo que eu gostaria de ter. Como é, eu me perguntei, ter essas oportunidades e rejeitá-las? (McGILLIS, 2017).

A autoficção estabelece com o leitor um pacto oximórico, que se caracteriza por ser contraditório, pois rompe com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico), sem aderir integralmente ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional). Mesclam-se os dois, resultando no contrato de leitura, marcado pela ambiguidade, em uma narrativa intersticial. Esse aspecto caracteriza a obra *Behold the Dreamers*. Então, tendo em vista os vários elementos, de diferentes gêneros apresentados por Mbue, na obra em questão, pode-se dizer que a narrativa transita em região fronteiriça; então, torna-se interessante analisar o gênero literário de maneira crítica e contextualizada.

Em *Behold the Dreamers*, pelo fato de que o protagonista representa não somente

a própria história de imigração da autora, mas também o drama de inúmeros imigrantes nos Estados Unidos, o romance traz à luz, em vários momentos, a "vasta burocracia que o imigrante ilegal enfrenta para legalizar sua situação no país." (MBUE, 2016b, p. 409). Jende por várias vezes, alude a essa burocracia e o quanto ela o afasta de alcançar o Sonho Americano, "... para que isso aconteça terei de gastar muitos anos e muito dinheiro comparecendo ao tribunal de imigração. E, então, talvez o juiz ainda assim decida não me dar o asilo, o que significa que o governo acabará me deportando no fim das contas." (MBUE, 2016b, p. 409). E, nessa trajetória, temores o assaltam, "O que vai acontecer comigo agora? Eles vão me prender e me botar à força dentro de um avião? Vou ter chance de me despedir..." (MBUE, 2016b, p. 409), pergunta Jende, triste e apavorado para seu advogado. Interessante observar que o próprio advogado, ao mesmo tempo que alivia seus temores, acaba, também, reforçando as incertezas, "Ah, não, Deus nos livre. Não, por enquanto vão marcar uma data para você comparecer diante do juiz da Imigração. Um advogado deles vai estar lá, forçando o juiz a expulsá-lo do país. Eu estarei lá, forçando para que você permaneça." (MBUE, 2016b, p. 70). Mas, como acontece com a maioria desses imigrantes, Jende, viu, por fim, seu sonho abortado, "O medo que acompanhava sua vida nos últimos três anos havia se concretizado, e a impotência era pior do que imaginara. Se não fosse pelo orgulho, teria chorado, mas lágrimas, é claro, teriam sido inúteis." (MBUE, 2016b, p. 72). E, nesse momento, outro temor toma conta de Jende, "como seria o retorno a Limbe – o que faria para escapar da vergonha e da indignidade. Com a vergonha era capaz de conviver, mas com seu fracasso como marido e pai." (MBUE, 2016b, p. 72).

As características de autoficção da narrativa de Mbue em *Behold the Dreamers* ficam evidenciadas também quando Jende, ao descrever Limbe para Clark, seu patrão, mostra-se como um guia de viagem, "quando chega a Limbe a placa diz: Bem-vindo a Limbe, a Cidade da Amizade", "o cheiro da maresia", "aquela doce brisa", "não há lugar no mundo como aquela cidade junto ao mar chamada Limbe", "uma cidade feita de magia, uma cidade da OPEP ³⁶", "a refinaria nacional de um lado da margem, pescadores com suas redes do outro lado". Então, quando se entra na Mile One, senhor, começa a sentir a Limbe propriamente dita. É algo diferente. "Limbe é muito especial" pois lá "vivemos vida simples, mas aproveitamos bem essas nossas vidas".

³⁶ A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), é uma organização intergovernamental de 13 nações, fundada em 15 de setembro de 1960 em Bagdá pelos cinco membros fundadores, com sede desde 1965 em Viena, na Áustria.

Seguindo na Mile On, a gente vê rapazes comprando milho na brasa nas esquinas e velhos jogando damas. As jovens têm todo tipo de aplique trançado no cabelo de verdade. Algumas delas parecem *mami wata*, aquelas sereias do mar. As mulheres mais velhas se envolvem em duas túnicas [...] Eu juro, senhor, é a melhor cidade da África. ³⁷ (MBUE, 2016b, p. 45-46).

Interessante que Jende, nesse momento, ao narrar sua essa visão idílica de Limbe, apaga por instantes de sua memória e narrativa, todas as agruras do local, a ocidentalização que está ocorrendo ali, mudando costumes e valores, e nos leva a “viajar” com ele nesse “paraíso” possível, mas não real ao morador do local.

Apesar de o patrão concordar com ele, de repente faz a pergunta fatal: “Por que você veio para os Estados Unidos se sua cidade é tão linda?” Nesse momento Jende, de guia turístico passa a dar seu testemunho de vida:

Jende riu, uma risada breve, desconfortável.

— Mas, senhor — disse ele. — Os Estados Unidos são os Estados Unidos.

— Não sei o que isso quer dizer.

— Todo mundo quer vir para os Estados Unidos, senhor. Todo mundo. Estar aqui neste país, senhor. Viver neste país. Ah! É a melhor coisa do mundo, sr. Edwards.

— Isso ainda não me diz por que você está aqui.

Jende pensou por um segundo; pensou no que dizer sem dizer muito.

— É porque o meu país não presta, senhor — disse. — Não é nada parecido com os Estados Unidos. Se tivesse ficado no meu país, não teria me tornado nada. Teria continuado a não ser nada. Meu filho ia crescer e ficar pobre como eu, assim como eu era pobre como o meu pai. Mas nos Estados Unidos, senhor? Posso me tornar alguma coisa. ³⁸ (MBUE, 2016b, p. 47).

Ora, a narrativa retrata uma experiência exaustivamente vivida por milhões de imigrantes, porém, a partir do olhar e lugar de voz de um indivíduo, de uma família. Assim, sob este ângulo, a obra de Imbolo Mbue traz também traços de uma “escrita do eu”, de autoficção, conforme a caracterização feita por Faedrich (2015). Segundo esta autora, esse

³⁷ [...] driving through Mile One, you will see young men buying grilled corn on street corners and old men playing draughts. The young women have all kinds of fake hair weaved into their hair. Some of them look like *mami wata*, those mermaids in the ocean. The older women tie two wrappers [...] I swear to you, sir, it is the best town in Africa. (MBUE, 2016a, p. 38).

³⁸ Jende laughed, a brief uneasy laugh. “But sir,” he said. “America is America”. “I don’t know what that’s supposed to mean”. “Everyone wants to come to America, sir. Everyone. To be in this country, sir. To live in this country. Ah! It is the greatest thing in the world, Mr. Edwards”. “That still doesn’t tell me why you’re here”. Jende thought for a second; he thought about what to say without saying too much. “Because my country is no good, sir,” he said. “It is nothing like America. I stay in my country, I would have become nothing. I would have remained nothing. My son will grow up and be poor like me, just like I was poor like my father. But in America, sir? I can become something. I can. (MBUE, 2016b, p. 39).

gênero consiste na quebra do pacto dos princípios de veracidade e de identidade entre autor, narrador e personagem-protagonista, característicos da obra autobiográfica. Além disso, ao mesmo tempo, a autoficção também não é obediente ao contrato tácito entre leitor e autor de não-identidade, de trama inventada, romanesca, criada para, no máximo, ser verossímil.

Diferente da autobiografia, a autoficção não descreve a vida inteira do escritor, ela se atém em alguns momentos específicos da vida do autor, como por exemplo, uma viagem, a infância, o início de uma nova vida ou acontecimentos marcantes (morte de familiares, separação, reencontro, mudança de país etc.).

As características de autoficção de *Behold the Dreamers* também ficam explícitas quando Imbolo Mbue, que nasceu em uma vila no interior de Camarões e cresceu na cidade costeira de Limbe, mistura-se com a família Jonga, também de Camarões, com todos os membros também crescidos em Limbe. A autora e seus personagens são todos imigrantes africanos, mas Mbue é a única que veio para os Estados Unidos por vontade própria e com recursos para estudar administração de empresas, concluindo graduação e mestrado, enquanto a família Jonga, perseguindo o Sonho Americano, vive fugindo da pobreza do país. Contudo, tanto ela quanto os Jonga viviam em Nova York quando perderam o emprego, assim como milhões de americanos durante a crise hipotecária iniciada em 2007. Estas coincidências e semelhanças entre as vidas da autora e seus personagens tornam sua trama mais densa, mais embrenhada e por vezes, simbiótica, características estas prescritas na autoficção.

Embora haja diversidades de conceitos e características até mesmo entre a crítica literária, a autoficção vem crescendo constantemente, graças a essa dualidade, essa ambiguidade e essa indagação pelo público leitor que, além de qualquer curiosidade, busca se encontrar na obra por meio de seu autor.

Além disso, a autoficção é o tipo mais peculiar entre as chamadas escritas de si/do eu, a partir de Michel Foucault, pois funde nas linhas de sua narrativa dois aspectos antagônicos, o concreto (o real) e o imaginário (o ficcional). O destaque é a ambiguidade dos fatos e a dúvida do leitor entre o que é fato e o que é inventado. A autoficção lança-se de especificações próprias, e isso torna-a singular, apesar de, frequentemente, ser confundida com os romances autobiográficos ou até mesmo com as autobiografias.

Behold the Dreamers traz características de autoficção, por exemplo, o destaque para o termo “romance”, afinal, esse gênero se encontra no campo da ficção, do romanesco

e, portanto, há um certo predomínio da ficção nessas narrativas. O próprio criador do termo, o teórico francês Serge Doubrovsky, caracteriza a autoficção como uma ficção de acontecimentos puramente reais, ou ainda como abordam outros teóricos, são ficções de si/do eu. Os autores constantemente trazem o termo romance para a apresentação de suas obras, apesar de as narrativas serem fundadas em suas referencialidades.

Outra característica da autoficção é que o objetivo primordial do escritor é se autoficcionalizar, usando sua vida, momentos delas, experiências angustiantes tristes ou alegres, fatos passados ou acontecimentos que o marcaram para criar uma história fictícia, da qual ele é o próprio personagem e pode até levar seu próprio nome. Imbolo Mbue não utiliza seu próprio nome para o personagem principal, porém, ela protege sua identidade feminina lançando mão de um personagem masculino o qual, supostamente, representa com mais naturalidade sua história real de imigrante. Dessa forma, Mbue protagoniza a história de Jende e vice-versa, uma vez que a saga de Mbue, de Jende e de milhões de imigrantes é, de certa forma, a mesma, apesar de a jornada de Mbue culminar com um raro desfecho dentre os imigrantes africanos.

O desfecho do romance mostrando que Jende voltou para Camarões e Imbolo, por sua vez, ficou nos Estados Unidos e conquistou o Sonho Americano não descaracteriza sua autoficção, pois a realidade comum e óbvia de uma tentativa de imigração para os Estados Unidos, nas condições de Mbue/Jende, geralmente termina como ela descreve no romance.

7.1 Identidade Nacional vs. Identidade Plural na literariedade

As pessoas, de maneira bastante inconsciente, dentro de seus lares, comunidades e nações assumem discursos imbuídos das características culturais correntes nesses lugares. Esse é o lugar de voz do homem-em-relação, o qual busca sua própria identidade, explorando e contrastando suas diferenças em relação aos seus iguais. Assim, a dinâmica da comunicação diária tece o movimento identitário de cada indivíduo, em cada contexto, em cada texto e em cada momento.

Entretanto, quando se trata de textos profissionais, por assim dizer, produções literárias comerciais, cada escritor busca imprimir sua identidade e a identidade de sua cultura de maneiras variadas. Os autores europeus raramente tiveram que perguntar pela

sua identidade, mas os autores africanos e latino-americanos, trabalhando na Europa, vindos de países que, para a Europa, não eram mais que fornecedores de matérias primas, foram forçados a suscitar a questão da identidade. A escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), corrobora essa ideia,

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias podem reparar essa dignidade perdida. (ADICHIE, 2009).

Imbolo Mbue, por sua vez, na obra em questão, apresenta a identidade fronteiriça como incluyente, refletida na construção de seus personagens, que transitam por características culturais camaronesas, africanas, estadunidenses, americanas, ocidentais, orientais e globais.

De forma analógica, comparam-se os indivíduos seguindo esse mesmo critério. Quando Silva diz “sou brasileiro, pois não sou argentino”, percebe-se a nacionalidade como a nuance diferenciando a identidade entre dois indivíduos, ainda que se assemelhem em inúmeros outros traços (SILVA, 2012). Mais parecido ainda com a relação belo versus bonito, é a distinção entre dois gêmeos idênticos, nascidos e criados exatamente no mesmo lugar. A diferença entre eles possivelmente encontra-se em níveis invisíveis, em pequenas sequências genéticas.

Consequentemente, a produção textual e a literariedade exercem papéis cruciais na construção das identidades individual e cultural, respectivamente, pois representam a interface de contato entre “Nós versus Eles”. Em primeiro lugar, porque no processo de leitura, é exigido que o leitor interaja com o que lê, revelando suas percepções, suas emoções, sua compreensão. Estes indicadores são substanciais sobre como o indivíduo se encontra, quais são suas experiências existenciais as quais não podemos ver, mas que são fundamentais e se revelam, cifradamente, na exposição de sua leitura. Em segundo lugar, tem-se a produção textual, sendo este o outro lado da leitura, quando o leitor assume a posição ativa da interlocução e é obrigado a determinar, palavra por palavra, quais são suas escolhas, seus valores, suas suposições.

O exercício de leitura e elaboração textual exige a ordenação do espaço moral, pois possibilita desenhar, ensaiar, refazer a organização de seus valores. Trata-se de um processo de apostas lineares que se planificam sob o formato de um mapa. Sem a clareza

de seus próprios valores, a pessoa elabora um discurso inconsistente de identidade, pois delega, transfere a outro seu próprio discurso. Seu trabalho passa a ser o de absorver o discurso corrente, procurando usar as “palavras-talismãs”: vocábulos que se comportam como chaves de entrada e permanência dentro de cada grupo e época, como as define o filósofo Alfonso López Quintás.

Nessa linha de raciocínio, a escritora Chimamanda Adichie descreve essa questão como “o perigo da história única”, uma vez que se cria uma única história quando mostramos um povo como se fosse somente uma coisa, um objeto do discurso dos outros. Para ela, é impossível falar da história única sem falar de poder, pois quem conta a história única é quem detém poder, seja ele econômico, político ou epistêmico. O poder, para além de ter a capacidade de contar a história de outra pessoa, consegue fazer esta história ser definitiva. Para Léila Gonzalez: A hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população dá o privilégio social e epistêmico à ciência eurocêntrica (RIBEIRO, 2017, p. 26).

Por meio dessa prática de discurso mascarando a busca pela aceitação e pertencimento, perde-se a originalidade como expressão do que advém da experiência do sujeito, o discurso torna-se despersonalizado, pois a pessoa opta por utilizar palavras e expressões com as quais não se expressa autenticamente, julgando estar escrevendo o que “deve” ser escrito: o discurso de acesso ao grupo ao qual pertence ou quer pertencer. Esse é o início de uma espécie de cisão da identidade, pois quanto mais personalizado/ idiossincrático o discurso, maior dificuldade tem o sujeito em ler/decifrar o texto do outro, bem como elaborar o próprio. O leitor necessita se flexionar diante das escolhas feitas no texto por um outro (o autor), em um exercício de alargamento de auto projeção (RICOEUR, 1987, p. 10). O novo mundo exige a humildade do leitor, bem como de um sujeito ativo que possa dialogar, se confrontar, negar, confirmar, responder, perguntar, enfim, viver diante dos outros que habitam de modo imutável em cada texto. Esse constante movimento interativo caracteriza justamente a dialética da construção literária e da identidade humana.

7.2 A Literatura conta a História

Segundo Hayden White, cabe ao historiador interpretar os materiais, as amostras

disponíveis para seu trabalho. Essas interpretações podem se dar de variadas formas, sendo todas narrativas, caracterizadas pelo autor como discurso histórico: “onde não há narrativa, não existe discurso distintivamente histórico.” (WHITE, 1994, p. 86). Este teórico, ao caracterizar o discurso histórico como interpretação e a interpretação histórica como narrativização, propõe ainda discussões historiográficas acerca da natureza do conhecimento histórico e da oposição entre teoria e narrativa (WHITE, 1994).

A estreita relação existente entre história e literatura, ainda que seja motivo de polêmica, é inegável, pois a história tem a função de narrar a verdade factual, documental, empírica, enquanto a literatura tem sido vista como o campo no qual a verdade factual não é importante, dado o espaço existente para a ficção, para a recriação, para a possibilidade de criar ou recriar acontecimentos ou fatos. Entretanto, no romance de Imbolo Mbue, *Behold the Dreamers*, depara-se com questões sobre a identidade do imigrante e da legitimidade do Sonho Americano e com questionamentos acerca deste conceito, logo, seguindo o raciocínio de Pesavento (2004), a verdade factual é essencial, não apenas à inspiração temática da autora, mas também para amarrar, embasar e explicar a trama.

A intrincada relação entre literatura, história e estudos culturais, disciplinas constitutivas dos discursos, é desenvolvida a partir das mesmas ferramentas, compostas de registros e uso da linguagem e, nesse processo de produção, o historiador poderá carregar a missão de retratar a verdade documental, o sociólogo abordará o impacto da verdade histórica e das artes sobre a vida e a identidade dos indivíduos, enquanto o autor, livre dessa responsabilidade, pode se permitir criar personagens e fatos ficcionais que se entrelacem com os fatos e as personagens reais, catalisando, no leitor, não apenas a reflexão, mas a possibilidade de encontrar seus próprios caminhos para preencher a narrativa, criando sua própria versão dos fatos expostos.

Portanto, diante da análise dessa obra, percebemos a importância da literatura para transportar fatos, eventos e fenômenos históricos para dentro da vida e do comportamento do ser humano, e o quanto ela pode ser vista como uma ferramenta de compreensão do passado, tão importante quanto a história e a cultura. A possibilidade de a literatura revisitar a história e contribuir para a reciclagem da identidade de uma pessoa permite ao leitor, por exemplo, revisitar épocas de crises econômicas e sociais, de intensificação do êxodo humano e de conceitos históricos que se transformam em sonhos e utopias. Em *Behold The Dreamers*, Imbolo Mbue retrata um fato cultural cotidiano, hoje

em dia, porém que foi atual em vários momentos da narrativa da história. Trata-se da intrínseca necessidade humana de mobilidade e liberdade de ir e vir (*habeas corpus*) em busca de prosperidade.

Além de revisitar a história e trazer novos olhares ao que já passou, segundo Maria Tereza de Freitas (1994), a literatura pode prever os acontecimentos. A estudiosa afirma que, mesmo durante épocas politicamente estáveis e de economia próspera, alguns escritos parecem pressentir a presença de futuros conflitos, prenunciando-os. Para a autora,

O fato é que algumas obras literárias podem ser consideradas como aparelhos registradores de insatisfações vagas, de termos difusos, de desejos e aspirações de um grupo social ainda não formulados – em suma, a expressão do conteúdo latente de uma época. Não se trata propriamente de uma clarividência excepcional, mas sim de uma sensibilidade privilegiada – como a tem todo artista –, sempre atenta e disponível para detectar melhor os sintomas do inconsciente coletivo que ainda não afloraram à superfície das coisas. (FREITAS, 1994, p. 115).

No caso de Imbolo Mbue, em *Behold The Dreamers*, um romance de história bastante atual, ainda não se sabe exatamente como as críticas, as percepções e os relatos desta autora afetarão o comportamento social, tanto dos imigrantes quanto dos estadunidenses, as leis de imigração e o conceito de Sonho Americano nas próximas décadas. Entretanto, de acordo com Freitas (1994), uma coisa é certa: Mbue (2016a; 2016b) faz parte do movimento de quebra da prática conservadora cultural atual e da futura abordagem à polêmica de imigração dos Estados Unidos, em termos sociais, econômicos e legais.

Vale observar que a obra de Mbue, e ela mesma ganharam notoriedade ao final do mandato de Obama, quando Trump estava em campanha para se eleger. Assim, *Behold the Dreamers* fez parte do arsenal de defesa daqueles que militavam contra um governo republicano e a favor de continuidade das práticas migratórias mais flexíveis.

Acredita-se que os impactos causados pelo romance histórico na própria história podem ser determinados pela ideologia política vigente. *Behold The Dreamers* e outros romances que contam a história de imigrantes, florescem e ganham popularidade e luz em épocas nas quais o governo prioriza essa questão e a política de imigração, mais inclusivista, passa a favorecer a permanência desses estrangeiros. Contrariamente, quando o poder vigente se mostra mais etnocêntrico, romances históricos anti-imigração, pró-patriotismo e proteção dos direitos dos nascidos na “América” tornam-se mais

populares, privilegiados pelo gosto governamental por uma política de imigração mais exclusivista, que incentiva a aplicação mais rígida e incisiva das restrições aos imigrantes. Assim, segue a literatura e a história, com movimento pendular, atendendo aos anseios ora do “Nós”, ora do “Eles”.

Considerando a concepção de Freitas (1994) de que os momentos de maior fecundidade literária coincidem com os períodos de maior intensidade histórica, pode-se compreender por que o Sonho Americano é uma temática constante na literatura, no cinema, no teatro e nas artes de forma geral, pois trata-se de um dos fenômenos históricos mais conhecidos no mundo. Trata-se de um evento atemporal, pois a busca pela fortuna começa na Europa e motiva a colonização dos Estados Unidos, continua durante o desbravamento e conquista das novas terras, adentra o século das invenções e perdura até os dias atuais, fazendo parte da história não apenas dos estadunidenses, mas também de cidadãos dos quatro cantos do mundo, representando o ideal de conquista de inúmeras etnias, pertence à história.

O tema Sonho Americano exemplifica, de maneira prática, a problemática de se rotular um conteúdo de história ou literatura, pois ele jaz na intersecção da primeira com a segunda. Tanto a história quanto a literatura são modos de explicar o presente, inventar o passado, pensar o futuro, e utilizam de estratégias retóricas para colocar em forma de narrativa os fatos sobre os quais se propõem a abordar. Ambas são formas de representar questões pertinentes aos homens da época em que são produzidas, possuindo um público destinatário e leitor (PESAVENTO, 2004).

Entretanto, de acordo com Pesavento (2004), a história é regida pela relação estabelecida com seu objeto, e sua meta é atingir uma verdade sobre o acontecido que tenha a maior proximidade possível com o passado, e isto seria uma diferença fundamental entre ela e a literatura. Por outro lado, Harari (2016) questiona a real utilidade de se estudar história, pois, segundo ele, diferente de física ou economia, a história não é um meio de fazer previsões exatas, estuda-se história não para conhecer o futuro, e sim para se ampliar os horizontes, entender que a situação presente não é natural nem inevitável e que, conseqüentemente, existem mais possibilidades a serem exploradas. Portanto, este autor aproxima história de literatura, pois o estudo desta também se justifica pelos mesmos motivos que os daquela.

Borges (2010, p. 94), por sua vez, coloca a história “[...] como processo social e como disciplina, e a literatura, como uma forma de expressão artística da sociedade

possuidora de historicidade e como fonte documental para a produção do conhecimento histórico”. Então, com base nesta definição de Borges, pode-se entender que o Sonho Americano, por exemplo, é história e literatura ao mesmo tempo, pois consiste em um fenômeno histórico que se transformou em um conceito sociocultural, comportamental, sempre atual, retroalimentado pela propaganda do Tio Sam, slogans do tipo “*I want you!*”, uma convocação para o alistamento militar, “*Yes, we can!*”, campanha de Obama, e “*Make America great again!*”, o lema em prol do resgate da supremacia do país em relação ao resto do mundo, e, mais recentemente, “*Build Back Better*” para uma reconstrução de confiança dos estadunidenses, por meio de suas inúmeras representações literárias, em diferentes momentos, por vários autores, de diversas nacionalidades.

Os autores estadunidenses da chamada “geração perdida”, como Ernest Hemingway, T. S. Eliot, dentre outros, e, particularmente F. Scott Fitzgerald, com o aclamado *Gatsby*, trazem como temática principal de suas obras a decadência e o estilo de vida frívolo dos ricos. Essa é a abordagem romântica do Sonho Americano já realizado e o retrato de sua decadência. Por outro lado, na pós-modernidade, autores imigrantes que se naturalizaram tratam da temática, embora na língua do opressor (inglês), a partir de um ponto de vista de quem está às margens dessa conquista, tentando alcançá-la. Logo, quando Imbolo Mbue, em seu romance *Behold The Dreamers*, narra a história da família Jonga, ela recria o desejo de fartura, de acordo com o ponto de vista camaronês, imigrante, em um momento histórico mais atual.

Essa retroalimentação pela propaganda do Sonho Americano é muito presente em Camarões, terra dos protagonistas do livro de Mbue, assim, a incorporação pelo imigrante do Sonho Americano, leva-o a querer pertencer àquele lugar, ou seja, tornar-se um estadunidense. Esse desejo é retratado por Mbue quando Jende decide voltar para Camarões, sua terra natal, e seu primo Winston o alerta:

Só não vire um Prodígio Americano quando voltar para lá... Seja maduro, por favor. Jende balançou a cabeça. Ele jamais se tornaria um Prodígio Americano, um desses *mbutukus* que iam para os Estados Unidos e quando voltavam falavam com um ridículo sotaque americano, lançando ‘wannas’ e ‘gonnas’ pelas sentenças. Andavam empertigados pela cidade vestindo terno e botas de caubói e bonés de beisebol, fingindo entender muito pouco da cultura camaronesa, porque agora eram americanos demais. ³⁹ (MBUE, 2016b, p. 390).

³⁹ “Just don’t become an American Wonder when you go back,” Winston said, laughing as he sat down. “Play it mature, please. That’s all I ask of you”. Jende shook his head. He would never become an American Wonder, one

E Jende tinha consciência disso, “ele jamais seria ridículo. Ele seria respeitável”. (p. 390).

No tocante à impossibilidade de permanência nos Estados Unidos, Braga (2019) considera que as *diásporas contemporâneas* desconstroem a visão idealista do Sonho Americano, analisando a rearticulação da ideia de retorno à terra natal, que passa a ser uma alternativa após a deterioração das condições de vida em solo estadunidense. Para este autor, essa deterioração é decorrente da implementação de medidas econômicas neoliberais, que assolam os pilares de sustentação do bem-estar social, além da concentração de riquezas, os monopólios e a redução da proteção trabalhista e de salários dos trabalhadores (BRAGA, 2019, p. 191).

Braga (2019) observa que durante seu processo de tentativa de imigração legal, Jende vê sua convicção de poder alcançar o Sonho Americano esvaindo-se, ao sentir o impacto da crise. Ele se dá conta da dura realidade de que sem diploma de ensino superior não conseguiria se posicionar na estrutura social estadunidense, portanto, viu-se obrigado a desconstruir seu imaginário de sucesso e prosperidade e decide retornar à terra natal. A essa mudança de ideia de Jende, Braga chama de olhar diaspórico sobre o Sonho Americano:

O olhar diaspórico é um novo ponto de vista que se desenvolve a partir da cisão entre as esperanças e os sonhos cultivados na terra natal e as realidades duras e instáveis vivenciadas na diáspora. *Aqui estão os sonhadores* mostra como algumas das ilusões envolvendo terras estrangeiras idealizadas tendem a se desfazer em uma crise repentina, o que serve ao propósito de “acordar” imigrantes de seus sonhos impossíveis. (BRAGA, 2019, p. 182-183).

Mesmo sendo um homem simples, Jende demonstra inteligência prática e bom-senso ao constatar que no mundo ao seu redor, a escassez de empregos, intensa como está, não permitiria que um imigrante ilegal conseguisse espaço naquele cenário:

Ele diz que agora tem muita gente querendo ser chofer. Até gente que costumava ser da polícia e pessoas com bons diplomas de faculdade, todos querem ser motoristas. Todo mundo está perdendo o emprego em todo lugar, e procurando empregos novos, qualquer coisa para pagar as contas. Então me diga — se ele, um americano, um branco com

of those mbutukus who went to America and upon their return home spoke with laughable American accents, spraying “wannas” and “gonnas” all over sentences. They strutted around town wearing suits and cowboy boots and baseball caps, claiming to understand very little of Cameroonian culture because they were now too American. (MBUE, 2016a, p. 355).

documentos, não consegue arranjar outro trabalho de chofer, o que acontece comigo? ⁴⁰ (MBUE, 2016b, p. 342).

Magocha (2020) também teoriza sobre esse despertar imigrante que carrega consigo a possibilidade do regresso, ou mesmo o regresso como a única alternativa viável, como é o caso da família Jonga, e mostra a diáspora africana funcionando como ferramenta de fomento ao renascimento africano, sendo a imigração e o renascimento catalisadores de dois gumes do continuum evolutivo da humanidade. Para ele, no mundo contemporâneo, a diáspora africana está contribuindo para um renascimento africano em todos os domínios da vida, ou seja, economicamente, socialmente, politicamente e tecnologicamente. Aqueles que deixaram a África estão enfrentando” o que ele chama “de 'tempo de retorno' – repatriar recursos para o continente africano para retribuir. A diáspora desempenha assim um papel distributivo, transferindo recursos de regiões de maior concentração para regiões de menor concentração através de 'membranas impermeáveis' (fronteiras dos países) que nunca são porosas (MAGOCHA, 2020, p. 1).

Frente a essa constatação, Magocha (2020) conclui que a diáspora e a função renascentista são cruciais no desenvolvimento do mundo global. A diáspora em contextos africanológicos e o renascimento resultante são a chave para a prosperidade africana. Nesse contexto, a família Jonga, ao retornar, repatria suas economias em dólares americanos, portanto, a partir do ponto de vista camaronês eles voltam ricos e, possivelmente, para os conterrâneos, conseguiram realizar o Sonho Americano, “Com uma nova taxa de câmbio de seis mil francos CFA para um dólar, ele voltaria para Camarões com algo próximo de dez milhões de francos CFA.” (MBUE, 2016, p. 352).

No tocante à relação entre história e literatura, pode-se dizer que Imbolo Mbue conta a história (ficção) de uma família dentro de uma narrativa histórica factual (real). Segundo Santos (2007), o estudo da relação entre história e literatura se fez possível graças a dois tipos de questionamentos epistemológicos, sendo um deles o que estabelece uma diferenciação entre o passado concreto e a narrativa construída pelo historiador, a partir dele, sob a forma de uma versão plausível, e esta distinção aproxima o historiador do escritor de ficção literária, e o outro baseado na convicção de o passado ser conhecido por meio de documentos é fragmentado, e são representações de fatos ocorridos no

⁴⁰ *He says too many people want to be chauffeurs now. Even people who used to be police and people with fine college degrees, they want to be chauffeurs. Everyone is losing jobs everywhere and looking for new jobs, anything to pay bills. So you tell me – if he, an American, a white man with papers, cannot get a new chauffeur job then what about me?* (MBUE, 2016a, p. 310).

passado, sendo, portanto, uma forma imaginária dos dados do passado, agora irre recuperáveis da forma como aconteceram. Assim, de acordo com Santos, Imbolo Mbue enquadra-se na categoria de escritora de ficção. Santos (2007) deixa subentendido que os historiadores, apesar de seu compromisso com a realidade dos fatos, não conseguem escapar totalmente da ficção, pois quando um fato é contado, não é mais o fato original, e sim, uma percepção, um ponto de vista subjetivo.

Apesar disso, por questões práticas, faz-se necessário clarear as diferenças entre história e literatura. Nesse sentido, Sevcenko (2003) afirma não haver dúvidas de que a literatura é, inicialmente, um produto artístico, cuja função é comover e agradar o leitor – porém, da mesma forma que não há uma árvore sem raízes e não se pode imaginar a qualidade de seus frutos sem levar em conta as condições de seu solo, do clima e do ambiente, a literatura é produto de seu tempo e é reflexo das realidades socioculturais do meio em que os autores se inserem. *Behold the Dreamers* corrobora o pensamento de Sevcenko, pois Imbolo Mbue como imigrante africana, graduada pela Ivy League e jovem profissional, experimentou a realidade do desemprego e do sucesso na cidade de Nova York. Perder o emprego durante a crise financeira incentivou-a na produção de *Behold the Dreamers*, uma história pós-moderna de sonhos e perdas nos Estados Unidos, vista do ponto de vista de uma família de imigrantes camaroneses e um executivo da Wall Street. A experiência de ser demitida despertou sua curiosidade para uma miríade de diferentes maneiras que a crise hipotecária afetou os habitantes de Nova York. Fascinada pela diferença entre os grupos sociais da cidade, ela comparou sua própria vida de imigrante operária com a de um executivo nova iorquino privilegiado e se perguntou quais seriam suas lutas e as de sua esposa socialite (WAGNER, 2016).

Borges (2010) também afirma não haver literatura sem o contato com a sociedade, a cultura e a história e a criatividade, a imaginação e a originalidade partem das condições reais do tempo e do lugar, as quais podem ser concretas ou não, da existência social e de suas experiências, e relembra que o autor de um texto está inserido na realidade sociocultural de seu tempo e dialoga com ela quando produz sua obra.

Alguns autores, ao tentarem dimensionar a relação entre história e literatura, colocam uma distinção clara entre elas, como Sevcenko (2003), ao defender que a literatura pode ser caracterizada pelo trabalho com várias possibilidades e, enquanto a história, lida com a realidade do passado, levando em consideração que a literatura não tem compromisso com os fatos chamados históricos – ou seja, ela não tem o compromisso

de ser fiel aos acontecimentos do passado. A partir dessa premissa de Sevcenko, a diferença fundamental entre história e literatura é a primeira ter por propósito relatar os fatos e a segunda não, embora possa fazê-lo por opção.

Diferentemente de Sevcenko, Chartier (2001) aponta que essa distinção não se apresenta de forma tão clara, defendendo sua visão a partir do fato de o romance do século XIX, por exemplo, ser caracterizado pelo deslocamento de fatos e de personagens históricos para a ficção, fazendo a linha que separa história e literatura se apresentar de maneira cada vez mais tênue.

A literatura, seja ela na forma de crônica, conto ou romance, se apresenta como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade (BORGES, 2010). Segundo Candido (1985), a abordagem do texto literário deve articular tanto o intrínseco da obra, logo, seu conteúdo, englobando suas temáticas, tramas e dimensões formais, estéticas, quanto o extrínseco, referindo-se ao contexto social e temporal em que foi escrita. No contexto do tempo e do lugar, no emaranhado das relações históricas, sociais e culturais, no qual o texto literário foi elaborado, ele revela sua estética, seu estilo, sua linguagem, sua escola ou movimento, seus significados, os quais são criações coletivas e possuem sentidos, aceitação ou rejeição, nesse ambiente e tempo.

Dessa maneira, as noções de leitura, linguagem, representação, prática, apropriação, intertextualidade, dialogismo, dentre outras, são importantes para o campo do conhecimento histórico, que, segundo Chartier (2009), objetivam, principalmente, identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler. No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois trata-se de um produto sociocultural, um fato estético e histórico, representando as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. Logo, percebe-se, assim, que a literatura tem o papel de contextualizar, enriquecer e dar mais sentido à história.

Em sua obra *Behold The Dreamers*, a autora camaronesa Imbolo Mbue realiza justamente este trabalho de linguagem, representação e dialogismo do Sonho Americano, a partir do ponto de vista de sua cultura de origem e, ao mesmo tempo, fica clara a

diferente percepção desse mesmo sonho por parte dos nativos brancos nos Estados Unidos da América e aquela dos imigrantes mais abastados.

Estudos que tratam do Sonho Americano normalmente se deparam com a dificuldade de delimitação do termo, pois é difícil encontrar definições mais sistemáticas, como a de Cullen (2003). Segundo este historiador, a formação do Sonho Americano pode ser dividida em seis etapas. A primeira delas diz respeito aos imigrantes puritanos ingleses que, fugidos da perseguição religiosa que sofriam na Europa, atravessaram o oceano Atlântico no século XVII em busca de uma “terra prometida” e colonizaram os Estados Unidos em nome da fé. A segunda etapa está ligada à sua Declaração de Independência em 1776, institucionalizou como direitos inalienáveis dos cidadãos americanos “a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade”. Segundo Cullen, “a busca da felicidade” define, melhor do que qualquer outra frase, “o *American Dream* ao tratar a felicidade como algo concreto e como um objetivo realizável.” (CULLEN, 2003, p. 38).

A terceira etapa do Sonho Americano está relacionada à crença na mobilidade social, ou seja, por meio do trabalho árduo qualquer um pode sair da pobreza e tornar-se “alguém na vida”. Uma quarta etapa se desenvolve em torno do “sonho da igualdade”, que pode se desdobrar em diversos tipos: igualdade política, igualdade civil, igualdade social e igualdade racial (CULLEN, 2003, p. 105). A quinta etapa diz respeito ao “sonho da casa própria”, que se institucionalizou em 1862, no *Homestead Act*, assinado por Abraham Lincoln e culminou no desenvolvimento dos centros urbanos, dos subúrbios e no aumento da dependência do transporte por carros ao longo do século XX. Finalmente, a última etapa é definida por Cullen como o “sonho do litoral.” (*Dream of the Coast*), e é geograficamente localizada na Califórnia, uma região do território dos Estados Unidos considerada, no imaginário do cidadão estadunidense, um lugar que une o clima agradável à possibilidade de enriquecer repentinamente e sem tanto esforço – seja na Corrida do Ouro no século XIX, nos cassinos de Las Vegas no século XX, ou em Hollywood, com a fama e fortuna de suas estrelas com carreiras meteóricas (CULLEN, 2003, p. 133-184).

Tendo em vista que os personagens da obra analisada habitam um momento histórico no qual existe uma iminente ameaça à sobrevivência, considerando-se a crise financeira de 2008 com danos não superados até hoje, percebe-se, na narrativa de Imbolo Mbue, uma forte expressão do fracasso de quem não consegue ver saída frente a um futuro pouco otimista. O drama do personagem Clark, vivendo no mundo corporativo, expressa tal sentimento de ameaça quando questiona um companheiro de trabalho sobre os rumos

da empresa, as fraudes corporativas e os riscos de tudo vir à tona, e de acontecer com eles o mesmo que acontecera com o executivo, Jeffrey Skilling, preso por crimes relacionados às fraudes corporativas da empresa Enron Corporation, da qual era CEO, no ano de 2001 e condenado a 12 anos de prisão (MBUE, 2016, p. 48).

Por telefone, Clark fala com Phil, executivo da mesma empresa:

— Sim, eu vi o e-mail dele — disse para a pessoa na linha. — Por quê?... Não sei o que dizer. Não tenho certeza do que o raciocínio do Tom está... Não, Phil, não! Discordo totalmente. Não podemos continuar fazendo as mesmas coisas e esperar que os resultados sejam diferentes... Certo, vamos nos ater à estratégia, mesmo que por três anos tenhamos feito uma má escolha atrás da outra. Quer dizer, o nível de miopia aqui... — Adotou um tom irônico e balançou a cabeça. — Eu tenho me manifestado o quanto posso... Não, não vou... O que me deixa estarecido é como ninguém mais, quero dizer, ninguém mesmo, exceto talvez Andy, vê como é ridículo que estejamos fazendo a mesma coisa repetidas vezes esperando de alguma forma sobreviver. Precisamos mudar de rumo. Agora. Repensar totalmente a nossa estratégia... A manobra Repo 105[1] não vai continuar nos empurrando para sempre... Não acredito que isso vai, tampouco, e disse isso ao Tom... Todo mundo está com uma atitude de negação! Não entendo como ninguém pensa no fato de que remendos superficiais de curto prazo só vão voltar depois para nos assombrar... É claro que vão... Como? Você realmente está me perguntando isso? Já pensou por um segundo sobre o fato de que tudo está em jogo se essa merda explodir? Nossas vidas, nossas carreiras, nossas famílias, nossas reputações... Acredite, é isso mesmo. E eu posso garantir a você que os federais vão estar prontos para crucificar o Tom do mesmo jeito que crucificaram o Skilling, e o resto de nós... ⁴¹ (MBUE, 2016b, p. 48-49).

Observa-se no trabalho desta autora camaronesa a expressão clara da derrocada do Sonho Americano, a qual é percebida em consonância com as teorias que abordam o sentimento de exaustão do início do milênio, apontando para uma crise da utopia ancorada em aspectos culturais, políticos e econômicos, os quais assombravam os Estados Unidos e o resto do mundo, nos anos 2010, tornando a produção literária sobre a temática

⁴¹ [...] "Yeah, I saw his email," he said to the person on the line. "Why? ... I don't know what to say. I'm not sure what Tom's thinking ... No, Phil, no! I completely disagree. We can't keep on doing the same things and expect that the results will be different ... Right, let's stick with the strategy, even though for three years we've been making one poor choice after another. I mean, the level of shortsightedness here ..." He scoffed and shook his head. "I've spoken up as much as I can ... No, I won't ... What baffles me is how no one else, I mean no one, except for maybe Andy, sees how ridiculous it is that we've been doing the same things over and over and expecting that somehow we'll survive. We've got to change course. Now. Completely rethink our strategy ... Repo 105 isn't going to keep us sailing forever ... I don't believe that will, either, and I've told Tom that ... Everyone's in denial! I don't get how no one's thinking about the fact that superficial short-term fixes are only going to come back to haunt us ... Of course they will ... How? Are you really asking me that? Have you thought for a second about the fact that everything's on the line if this shit blows up? Our lives, our careers, our families, reputations ... Trust me, it will. And I can guarantee you that the feds will be ready to hang Tom the way they hung Skilling, and the rest of us..." (MBUE, 2016a, p. 40-41).

da prosperidade de suma importância para uma compreensão mais ampla da tradição literária norte-americana acerca desse assunto.

A percepção da constante ameaça de bancarrota do sistema capitalista, reforçou a necessidade, as estratégias e os mecanismos da globalização. Ao mesmo tempo, as indicativas de a primeira década do milênio carregar o troféu da revolução tecnológica, e esta viabilizar a efetiva globalização do planeta, também mascaravam vários problemas, e o Sonho Americano vinha cada vez mais sendo questionado e mais fragilizado. A própria ideia de cada geração ser mais próspera do que a anterior estava abalada e um pessimismo justificável, do ponto de vista econômico, parecia haver vencido.

Lucas (2017) afirma que dentre as inúmeras histórias que falam sobre a falência do Sonho Americano, as da década de 1990 dão o seu tom próprio a tal temática, pois o período foi marcado pela falta de esperanças em relação ao futuro, mostrando-se um tanto quanto distópico, com teorias sobre o fim do mundo e o bug do milênio.

A própria criação do termo Sonho Americano, em 1933, mostra que James T. Adams, ao cunhar o termo, observa aquele como o período mais frutífero para o desenvolvimento do *ethos* norte-americano, pois o país precisava lutar para manter sua identidade em meio ao tumulto econômico, político e social do período. Não que a chamada grande depressão tenha sido a primeira crise a desestabilizar o ideal de riqueza, como o próprio Adams observa ao citar outras crises do século XIX e mesmo do início do século XX.

No entanto, em um artigo de 1933, publicado no *The New York Times*, Adams discorre sobre como a nação, depois de ter sobrevivido à crise de 1926-1929, deveria encontrar seu caminho de volta à prosperidade e restaurar a fé no futuro, evidenciando o caráter regenerativo do ideal que segue sobrevivendo às crises e se remodelando, aspecto possível de ser percebido, pois está presente na retórica de todos os presidentes dos Estados Unidos – inclusive na dos mais recentes, como George W. Bush, Barack Obama, Donald Trump e Joe Biden.

Simultaneamente a esse momento de afirmação da identidade do país, que retorna logo após a Depressão, uma literatura engajada em desfazer a idealização vigente ao redor do Sonho Americano toma fôlego. No início do século, deparamo-nos com vários romances que se detêm em desconstruir esse ideal, ou de percebê-lo nostalgicamente como parte de um passado. Se, em Hollywood, filmes como *O Galante Mr. Deeds* (1936), de Frank Capra, seguiam a esteira de Adams (1933) no seu texto otimista para o jornal *The New*

York Times, a produção literária segue o aspecto trágico da ânsia por uberdade de *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, como se um sonho fosse incapaz de realizar-se exatamente por ser um sonho. Sendo assim, é possível observar um viés crítico na literatura, a partir dos anos de 1930, quando são publicados romances como *A Cool Million* (1934), de Nathaniel West, e *As Vinhas da Ira* (1939), de John Steinbeck. Enquanto brigam contra o *status quo* e o ideal de opulência que os fez acreditar que seriam especiais, em boa parte, por causa dos filmes aos quais cresceram assistindo, autores internacionais de fronteira, como Imbolo Mbue, expressam em suas narrativas a decepção e o desencantamento, por meio de personagens que são geralmente malogrados em sua busca pela realização do famigerado sonho nos Estados Unidos. Logo, o Sonho Americano, sob o olhar da literatura estrangeira, quando o tema é o sucesso no processo migratório, encontra-se fragilizado e, de certa forma, elitizado, embranquecido, nada igualitário.

7.3 Territórios e Fronteiras da narrativa

Na era pós-moderna, o cinema e a literatura ganharam uma dimensão tecnológica e um poder de abrangência e circulação jamais vistos na história. A democratização do conhecimento trazida pela tecnologia de comunicação simultânea e imediata, sem dúvida, é ferramenta essencial para a ampliação e fusão do novo panorama sociocultural. As artes, portanto, tornaram-se mais inter-relacionadas e acessíveis, permitindo que autores e produtores desconhecidos lançassem obras que, rapidamente, tornam-se conhecidas e comentadas no mundo inteiro, possibilitando a participação coletiva nas questões sociopolíticas e econômicas de pessoas e instituições das mais longínquas regiões do globo. Por ser assim, as artes, foram, inevitavelmente, afetadas por este movimento de expansão cultural. As artes plásticas, o cinema e a literatura tornaram-se mais porosos e voláteis.

Silva (2012) corrobora a ideia de múltiplos significados de fronteira quando postula que

Fronteira possui múltiplos significados. Como todos sabemos, serve para definir geopoliticamente os limites entre países e, dentro desses limites, as regiões e, dentro destas, as microrregiões e, dentro destas, as localidades e, dentro destas, os espaços próprios de convivência e pertencimento conhecidos como comunidades. Geograficamente, o termo

serve para definir, ou seja, colocar limites, a espaços físicos ocupados (ou não) por homens: assim, sua transposição denotativa para a caracterização de espaços culturais constitui decorrência, por assim dizer esperada, nos chamados Estudos Culturais; daí, fronteiras culturais e, no âmbito ideológico destas fronteiras da literatura e, com inversão semântica, literaturas de fronteira. (SILVA, 2012, p. 11-29).

Mbue evidencia, várias vezes, a característica de literatura de fronteira de *Behold the Dreamers*, como por exemplo a diferença entre um ritual de funeral nos Estados Unidos e em Camarões.

Jende fica muito espantado quando vai ao funeral de Cindy, sua patroa, o qual aconteceu uma semana depois de sua morte, dentro de uma Igreja. A família e participantes da cerimônia, sentam-se soturnos. O padre ao iniciar a cerimônia, “agradeceu a Deus por amar Cindy Edwards e chamá-la para passar a eternidade ao Seu lado. Que grande júbilo deve estar ocorrendo no céu, disse ele.” (MBUE, 2016b, p. 319). A seguir, a congregação entoa um canto, depois um solista e um parente da falecida sobe ao altar para ler um versículo da Bíblia, outro lê um poema, o padre serve a comunhão e por fim o momento da elegia. Mas, “Vince Edwards levantou-se e foi até a frente. Não tinha nenhuma folha para ler.” (MBUE, 2016b, p. 319). Em uma fala espontânea, relatou episódios sobre sua mãe.

Já em Limbe, quando faleceu o pai de Jende, ele relembra como deve ter sido o funeral, já que ele não estava lá,

Pa Jonga foi colocado no Necrotério da cidade e enterrado duas semanas depois,... o funeral em sua casa (velório) é uma produção farta de dois dias de comes e bebes, discursos e libações, dança, cantoria e lamentos.⁴² (MBUE, 2016b, p. 322).

Jende mandou o dinheiro para o funeral, afinal, pois, mesmo que o evento seja caro, ninguém com um filho adulto na América deveria ter um funeral comum, essa era a crença em Limbe. Se o falecido tem um filho adulto na América, caso de Jende, e mesmo com poucos recursos, o filho deve enviar um envelope com dinheiro à igreja para o pastor abençoá-lo, já que a família não frequentava nenhuma igreja. O esforço do envio dos recursos não tem relação com a necessidade de pagar a igreja, e sim, de realizar uma oferta e dar graças pela vida longa e feliz de seu pai.

⁴² [...] couldn't go home to bury his father. Pa Jonga was placed in the Limbe Provincial Mortuary and buried two weeks later. Jende sent the money for the funeral, a two-day extravaganza of food and drinks, speeches and libations, dancing and singing and crying. (MBUE, 2016a, p. 301).

Por fim,

Após o funeral, o grupo de mulheres Kakane, usando seus caftans tradicionais, conduziu as pessoas que seguiam da casa para o cemitério. Uma banda contratada seguia as mulheres, e então vinha a Land Rover alugada, levando o caixão com alças de bronze de Pa Jonga. Atrás da Land Rover, seguia um aglomerado de parentes e amigos que se estendia por mais de dois quilômetros [...] ⁴³ (MBUE, 2016b, p. 334).

No rito assistido por Jende, pelo DVD, podia-se ver o momento em que o caixão é aberto, com choros, discursos, o sermão, danças e, por fim o enterro quando o pastor bramiu, “Ikola Jonga (nome do falecido), do pó vieste, ao pó voltarás.” (MBUE, 2016b, p. 334).

Interessante a questão moral que atormenta Jende, pois mesmo pagando por um funeral caríssimo, lamenta:

Meu pai acabou de morrer e eu não pude enterrá-lo. Que vergonha maior poderia haver para um primogênito? Minha mãe está ficando velha demais para continuar criando porcos e lavrando a terra e vendendo no mercado, então tenho que começar a mandar dinheiro para ela com mais frequência. ⁴⁴ (MBUE, 2016b, p. 335).

Dentre as várias questões pertinentes às fronteiras da literatura, como gênero, língua e hibridismo, território, etnia e classe social, Silva (2012) traz também questões relacionadas à hegemonia e legitimidade, questionando até que ponto uma dada literatura pode ser hegemônica, em termos de tempo e espaço. Em relação a sua legitimidade, para Silva, tanto a literatura erudita quanto a popular ou a de carregação possuem sua legitimidade quando entendidas dentro de seus próprios propósitos.

Por sua vez, o teórico Walter Mignolo (2003) defende que o remapeamento do novo modelo de existir implica admitir a crise dos “estudos de área” e aceitar que se trata das velhas fronteiras, entre nações e civilizações, ruindo e abrindo espaços para um pensamento liminar que contempla a união, a multiplicidade e a flexibilidade em termos de conceitos, de modo de vida, de cultura, de produção artística e literária.

⁴³ *After the funeral service, the Kakane women’s group, dressed in their social wrappers, led the mourners in a march from the house to the graveyard. A hired marching band followed the women, and then came the rented Land Rover bearing Pa Jonga’s brass-handled casket. Behind the Land Rover, a two-mile-long cluster of family and friends marched [...]* (MBUE, 2016a, p. 302-303).

⁴⁴ *My father just died and I could not bury him. What could be a bigger shame for a firstborn son? My mother is getting too old to be breeding pigs and farming and selling in the market, so I have to start sending her money more frequently.* (MBUE, 2016a, p. 304).

O que se entende, hoje, como pureza, genuinidade, exclusividade e radicalidade não cabe mais como conteúdo de saber para abordar questões sociológicas, políticas, econômicas, artísticas e literárias. Agora, a guia mestre deve ser a sensibilidade e a percepção de as fronteiras serem flexíveis, e por vezes, invisíveis. Sobretudo, a ideia de interdependência, coexistência e pluralidade, juntamente com fluidez e velocidade resume a abordagem dos Estudos Culturais em relação às etnias, sociedades e culturas.

Assim, fronteiras étnicas, sociais, econômicas, linguísticas, literárias, dentre outras, podem ser definidas como um espaço de conflito, onde é permitido, e desejável, confrontar, comparar, criticar, analisar e avaliar elementos estéticos, habilidades, produções artísticas, estilos de vida e culturas diferentes. As fronteiras são a linha cinza entre o branco e o preto, lugar de considerações mais democráticas, de maior tolerância e de aceitação do diferente. Seria uma região transitória sempre povoada, pois quando os elementos que estavam ali se mudam para os seus lugares definitivos. Este é o caso de novos nomes, novos conceitos e novos estilos, agora conservados, outros elementos entram em conflito. Um exemplo concreto disso, é o caso de novos imigrantes em uma cultura hegemônica, os quais, apesar de estarem, fisicamente, dentro de um território estrangeiro, carregam estampados em seu sotaque, vestimentas, cor da pele e dos olhos, os limites territoriais de onde vieram. Após anos de tentativas de legalização de sua permanência, esses indivíduos saem da zona de perigo de deportação, deixam a fronteira da ilegalidade, ao receberem seu *Green Card*. Nesse momento, milhares de outros estão atravessando o mar.

Behold the Dreamers retrata bem essa questão, quando Mbue descreve os transeuntes na *White Plains Road*:

Havia um rapaz negro andando com fones de ouvido [...] três adolescentes asiáticas [...] uma mulher, empurrando um bebê gordo [...] Havia também um africano, mas a julgar por sua face angular escura e túnica esvoaçante *grand boubou*, devia ser senegalês ou burquiense ou de algum outro país francófono da África Ocidental. ⁴⁵ (MBUE, 2016b, p. 21).

⁴⁵ *There was a young black man walking with headphones on [...] three teenage Asian girls [...] a woman [...] pushing a fat baby [...] There was an African man, too, but judging from his dark angular face and flowing grand boubou, he had to be Senegalese or Burkinabé or from one of the other French-speaking West African countries. (MBUE, 2016a, p. 15).*

Em relação aos aspectos desse *blending* cultural, torna-se interessante observar como Neni sabe exatamente de onde, na África, vem um negro:

Betty: — “Posso entrar com você agora na internet e lhe mostrar no Google. Um monte de gente branca, todo mundo pensando que eram brancos, e aí um dia descobrem que alguém era negro; o pai, o avô”.

Neni: — “Ah, tanto faz. Não acho que uma coisa dessas é o que vai incomodá-la mais”.

Betty: — “Mas incomodaria muito. Se algum dia eu descobrisse que não sou cem por cento negra...”.

Neni: — “Você não precisa jamais se preocupar com isso. Com a sua pele de carvão e essa montanha de bunda, não há como haver alguma coisa dentro de você exceto sangue africano”. ⁴⁶ (MBUE, 2016b, p. 161).

Segundo Cosson (2017), supostamente o movimento de globalização induz à descentralização do modelo de vida sociopolítico e econômico, como até então era conhecido, e expande as fronteiras culturais e, dentro destas, as literárias. Em consequência, ocorre uma desterritorialização e homogeneização em relação a vários aspectos literários. Essa transformação não é compatível com a segmentação inerente à noção de gênero, como até então entendida, porém, agora, a própria segmentação dos gêneros também perde as características limítrofes definitivas e, nesse sentido, Bakhtin (2016) postula um descentramento dos gêneros, os quais transcendem o universo literário e passam a atender a historicidade e a diversidade dos textos em suas múltiplas interações. O conceito de gênero, para este autor, define uma tarefa prática e essencial àqueles que desejam compreender os mecanismos de produção e recepção de textos.

Agora, as idiossincrasias e as características comuns aos textos dão lugar à verificação de como eles fluem dentre as nações, os meios de comunicação e as classes sociais. Em vez de confinadas a um gênero específico, e a uma disciplina em particular, as obras literárias são, doravante, vistas e analisadas a partir do olhar dos Estudos Culturais e da Literatura Comparada que hoje alcançam o além-mar e contemplam possibilidades de gêneros múltiplos, mais pulverizados, fundindo as fronteiras. Vive-se, hoje, um rearranjo do pensamento social, logo os gêneros literários também se remodelam

⁴⁶ *I can take you to the Internet right now and show you on Google. All these white people, they all thought they were white, and then one day they find out that someone was black; their father, their grandfather—* “Ah, whatever. I don’t think something like that is what’s going to bother her the most”. “But it would bother me. If I find out one day that I’m not one hundred percent black ...” Betty turned her lips downward, shook her head, and Neni laughed. “You don’t have to ever worry about that,” Neni said. “With your charcoal skin and mountain buttocks, there’s no way there can be anything inside you except African blood”. Jealousy is going to [...] (MBUE, 2016a, p. 140-141).

(COSSON, 2017).

Bakhtin (2016) compartilha também o pensamento que os gêneros são entidades transformadoras que definem as condições da possibilidade da expressão cultural. Além disso, estudar o gênero envolve um exercício que vai muito além de nomear classes de textos em busca de uma identidade. Mais que isso, trata-se de aceitar o desafio de rastrear as rotas infinitas e o movimento incessante da cultura. É preciso considerar a pluralidade de gêneros ou, contemporaneamente falando, a fronteira dos gêneros, a qual é, há muito observada, porém, quase sempre não reconhecida como um processo legítimo. A mistura dos gêneros apresentava um problema porque era vista como um processo inevitável, porém indevido, de contaminação, quando em uma época de maior rigor e rigidez no conceito de gênero, na literatura, bem como em outros discursos: a comédia trágica, as memórias, a biografia, a crônica, a narrativa de viagem, diário íntimo, a narrativa etnográfica, a metaficção historiográfica, a autoficção e inúmeros outros gêneros representam regiões fronteiriças da literatura com as ciências sociais, o jornalismo, a história, e outras disciplinas (MICHAEL; SCHAFFAUER, 2002).

Tendo em vista tamanho hibridismo de gêneros, percebe-se hoje um olhar mais respeitoso, tolerante e democrático em relação aos gêneros que transitam entre as fronteiras e que ignoram limites culturais e, por vezes, confrontam e colocam em xeque, saberes instituídos, cujos estudiosos, outrora, buscavam demarcar os espaços de pertencimento como exclusivos (COSSON, 2017).

Aos moldes da análise literária convencional, quando se encontravam gêneros múltiplos em um texto, a tendência mais comum era literalizar um texto em particular e apagar ou colocar em segundo plano aquilo que não podia ser tratado esteticamente dentro do gênero supostamente preponderante. Uma outra abordagem de análise considerava a assimilação a um gênero literário já reconhecido, transformando, assim, estes outros gêneros em subgêneros ou anexos.

Assim, o romance passou a levar nomes duplos e ambíguos, romance-reportagem, novela testimonial (para conceituar mistura de literatura com jornalismo), ou romance-alguma-coisa. Entretanto, quando o suposto gênero infectante não podia ser suprimido, assimilado ou subposicionado, a solução dos literatos era colocá-lo em posição periférica à literatura clássica, como menos importante, mais banal e de mais fácil realização.

Faz-se necessário observar, entretanto, que Todorov (1980) defende a ideia de não se tratar de desaparecimento, aglutinação ou junção de gêneros, mas de uma evolução

natural, pela qual os gêneros do passado são sempre substituídos pelos atuais. Este autor sugere que, assim como as outras áreas do conhecimento humano, a literatura também se movimenta.

Behold the Dreamers pode ser considerado um exemplo dessa movimentação dos gêneros literários, pois seu enredo trata da busca por riqueza, representando o fato histórico mais antigo dos Estados Unidos, pois antecede sua colonização (LUCAS, 2017), apresenta características de Metaficção Historiográfica, segundo a definição de Linda Hutcheon (1994), pois embora não haja, no romance, uma narrativa denotativa, pontual e cronológica do Sonho Americano, os personagens vivem esta narrativa diariamente em busca da prosperidade e da felicidade.

A passagem abaixo é um clichê e exemplifica um diálogo travado por, provavelmente, membros de todas as famílias imigradas para os Estados Unidos:

— Talvez algum dia, Inshallah, uma lei de imigração como aquela pela qual Kennedy e McCain estavam lutando passe no Congresso e o governo dê documentos para todo mundo. Então sua wahala terá terminado.

— Mas sr. Bubakar, depois de essa coisa não passar, eu perco toda a esperança. — Não, não perca toda a esperança. Talvez algum dia, Obama, Hillary, se algum deles ganhar para presidente, deem documentos a todos. Quem sabe?

Hillary gosta de imigrantes. E Obama, ele deve conhecer algum pessoal queniano sem documentos que gostaria de ajudar.

— Mas uma coisa dessas pode mesmo acontecer algum dia?

— Ah, sim. Já aconteceu antes, uma vez, acho que em 1983. E com certeza pode acontecer de novo, mas não podemos ficar esperando por isso. Vamos continuar tentando do nosso jeito, e você continue dormindo com um olho aberto, hein? Porque até o dia em que você se tornar cidadão americano, a Imigração sempre estará na sua cola, todo santo dia, seguindo você por toda parte, e você vai precisar de dinheiro para brigar com eles se chegarem à conclusão que odeiam o cheiro do seu peido. Mas, Inshallah, um dia você vai se tornar cidadão, e quando isso acontecer, ninguém poderá jamais mexer com você. Você e a sua família poderão finalmente relaxar. Finalmente você poderá dormir bem, e começará a realmente desfrutar da sua vida neste país. Isso vai ser bom, hein, meu irmão?⁴⁷ (MBUE, 2016b, p. 87).

⁴⁷ *Maybe one day, Inshallah, an immigration bill like the one Kennedy and McCain were fighting for will pass Congress and the government will give everyone papers. Then your wahala will be over". "But Mr. Bubakar, after that thing did not pass, I just lose all hope". "No, don't lose all hope. Maybe one day, Obama, Hillary, if one of them wins president, they'll give everyone papers. Who knows? Hillary likes immigrant people. And Obama, he must know some Kenyan people without papers that he'll like to help." "But can such a thing ever really happen?" "Oh, yes. It happened before, one time, I think 1983". It can surely happen again, but we cannot hope for it. We'll keep on trying our own way, and you keep on sleeping with one eye open, eh? Because until the day you become American citizen, Immigration will always be right on your ass, every single day, following you everywhere, and you'll need money to fight them if they decide they hate the way your fart smells. But Inshallah, one day you'll become a citizen, and when that happens, no one can ever touch you. You and your family will*

Em *Behold the Dreamers*, o gênero literário romance funde-se com características de documentário, matéria jornalística, testemunho de vida e, até, guia de viagem.

7.4 Língua e hibridismo do autor estrangeiro

O conceito de hibridismo transcende os processos de derivação e composição, e gera uma construção nova que, contempla, pelo menos, duas culturas em seus mais amplos universos, sem, intencionalmente, valorizar mais uma em detrimento da outra. Assim, as culturas hegemônicas tendem a considerar o hibridismo uma prática evolutiva desrespeitosa e anárquica.

Os hibridismos são, para os gramáticos tradicionais, uma prática condenável pelo fato de que não obedecem a uniformidade da origem dos elementos que formam o composto. Entretanto, os usuários da língua/expressão híbrida, já consideram os elementos do composto, sua propriedade cultural, visto que eles já se encontram incorporados em seu léxico.

O hibridismo, entendido enquanto um elemento caracterizado pelas fronteiras da literatura, transcende a origem e a formação de palavras, alcançando conflitos culturais, sociais e políticos. Assim, tal fenômeno expressa as tentativas e investimentos literários de culturas distintas. Nesse sentido, Moreiras (2001) postula haver uma opinião comum dentre os estudiosos das culturas, com relação ao fato de que as reificações de etnia, em todas as suas nuances, não são positivas do ponto de vista político, principalmente porque elas parecem pressupor uma inversão, em vez de uma negação, de posicionamentos hegemônicos, contra os quais lutam.

Consequentemente, a reação invoca o hibridismo como um conceito contrário com força suficiente para evitar ou combater os perigos da reificação hegemônica bem como aqueles da contra hegemonia, gerando assim, os fundamentos para uma política de identidade que contempla a liberdade, e asseguraria a equalização cultural do dominado. Apesar disso, a influência política do hibridismo segue detida pela cultura dominante.

Para Canclini (2003), hibridismo também transcende questões morfológicas, filológicas e linguísticas, pois trata-se de processos socioculturais nos quais os

finally be able to relax. You'll at last be able to sleep well, and you'll begin to really enjoy your life in this country. That will be good, eh, my brother? (MBUE, 2016b, p. 74).

mecanismos ou práticas discretas, que aconteciam de maneira isolada, combinam-se para gerar novos mecanismos, novas práticas, novos objetos e, até um novo olhar, um novo proceder. Segundo o teórico, essas misturas existem há muito tempo e proliferaram com intensidade e velocidade acentuadas durante o século XX. A questão levantada por ele é se seria possível unificar em uma única região territorial experiências tão heterogêneas. Tendo em vista a singularidade do homem, uma resposta sensata seria não, pois é justamente a mistura em curso, e não o resultado dela, que colore a convivência humana contemporânea no planeta Terra.

O hibridismo caracteriza-se por mesclas não planejadas, resultantes das situações imprevistas e inevitáveis de processos migratórios, turísticos, ou de intercâmbios culturais, econômicos e midiáticos. Entretanto, a genialidade humana consegue utilizar o hibridismo de forma criativa individual e coletiva, não apenas no campo das artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico.

Canclini (2003) afirma que tais processos ininterruptos e diversificados de hibridismo contribuem para a relativização do conceito de identidade, incitando os Estudos Culturais a dedicar um espaço específico para investigar identidades. Para este autor, o hibridismo não pode ser entendido como pertencente a uma área específica do conhecimento humano; ao contrário, ele deve admitir uma rede de conceitos que considere a contradição, a ambiguidade, a semelhança, a diferença, a miscigenação, o sincretismo, a transculturalização, dentre outros fenômenos que caracterizam o permanente estado de mudança do homem pós-moderno.

Então, quando se aborda o hibridismo como um elemento das fronteiras da literatura, facilita imaginá-lo como um recurso para explicar em quais ocasiões as misturas podem ser produtivas e quando os conflitos continuam devido ao que permanece incompatível ou inconciliável na convivência comum, globalizada. Logo, quando o hibridismo é percebido como um processo ao qual se pode aderir ou abandonar, do qual se pode ser excluído ou aceito, ou ao qual se pode ser subordinado, torna-se possível compreender com mais clareza como os sujeitos se comportam em relação ao que as relações interculturais lhes permitem harmonizar ou confrontar.

A obra de Imbolo Mbue, aqui discutida, apresenta inúmeras ocorrências de vocábulos e expressões, tanto em francês, quanto em bakweri (língua nativa da República de Camarões). Vale observar que o hibridismo não ocorre como uma mistura de duas ou mais línguas em um mesmo vocábulo ou expressão. Contudo, entende-se o texto do livro,

como um todo, bem como seu contexto cultural, como um trabalho híbrido, mesclando três línguas e, pelo menos, três culturas.

Seguem as passagens abaixo, como exemplo de tais ocorrências:

Na língua nativa Bakweri:

Deram-lhe o nome de *Amatimba Munyenge*, na esperança de que fosse sua filha morta que tivesse voltado para trazer-lhes felicidade: *Amatimba* significava “ela voltou” e *Munyenge* significava “felicidade”, ambas as palavras no seu bakweri nativo. Eles a chamariam de Timba, para facilitar.⁴⁸ (MBUE, 2016b, p. 249).

Quando saiu do chuveiro, a única coisa em que conseguia pensar ao vestir sua *kaba* de dormir era sua cama, mas ainda não haveria sono para ela.⁴⁹ (MBUE, 2016b, p. 63).

Talvez pudesse lhe dar dinheiro para contratar um advogado melhor. Mas Winston dissera que era melhor ficar com Bubakar. Bubakar pode ser um *mbutuku* inútil, dissera Winston, mas era o arquiteto do caso, e saberia melhor como lidar com a situação perante o juiz. Winston tinha certeza de que o juiz não mandaria deportar Jende — os juizes de imigração de Nova York eram conhecidos por sua leniência, ele descobrira.⁵⁰ (MBUE, 2016b, p. 84).

Na língua do colonizador e oficial da República dos Camarões, Francês:

— Mas não é só a morte do meu pai. É tudo que aconteceu desde que perdi meu emprego. A minha situação do *papier*. Isto de trabalho, trabalho, trabalho o tempo todo.⁵¹ (MBUE, 2016b, p. 338).

Deixa eu falar uma coisa. Quando você tá no Estados Unidos *vingt-quatre ans*, e ainda é pobre, larga de contar. Você nem fala mais nada. Não. Você pega vergonha de tudo de falar, tô dizendo.⁵² (MBUE, 2016b, p. 17).

Assim, torna-se interessante analisar os processos de hibridismo em relação à

⁴⁸ They named her *Amatimba Monyengi*, hoping it was their dead daughter who had returned to bring them happiness: *Amatimba* for “she has returned” and *Monyengi* for “happiness,” both in their native Bakweri. They would call her *Timba*, for short. (MBUE, 2016a, p. 221).

⁴⁹ By the time she came out of the shower, the only thing she could think about as she dressed in her sleeping *kaba* was her bed, but there would be no sleep for her just yet. (MBUE, 2016b, p. 52).

⁵⁰ He might give him money to hire a better lawyer. But Winston had said it was better he stayed with Bubakar. Bubakar may be a useless *mbutuku*, Winston had said, but he was the architect of the case, and he would know best how to handle it in front of a judge. Winston was sure the judge would not deport Jende — New York immigration judges were known for their leniency, he’d found out. (MBUE, 2016a, p. 71).

⁵¹ But it’s not only my father’s death. It’s everything that’s happened. I lost my job. My *papier* situation. This work, work, work, all the time. (MBUE, 2016a, p. 306).

⁵² Lemme tell you something. When you in America *vingt-quatre ans*, and you still poor, you no gonno count no more. You no gonno even say no more. No. You gonno shame to say anything, I tell you. (MBUE, 2016a, p. 11).

desigualdade entre as culturas, considerando as possibilidades de apropriar-se de várias, ou de algumas culturas, nas mesmas classes sociais e em grupos diferentes, preservando-se o reconhecimento das assimetrias de poder e de prestígio. Ademais, o hibridismo por ser um ponto de intersecção, funciona como espaço comum que possibilita um olhar não preconceituoso à multiculturalidade, e uma reflexão sobre as questões geradoras de segregação e estigmatização cultural. Logo, operacionalmente, o hibridismo constitui-se em um conjunto de práticas (políticas) que pode servir para trabalhar as diferenças de maneira democrática e solidária para que o homem atual possa construir uma história sem guerras entre as culturas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou discutir a reconstrução da identidade do imigrante em busca de uma vida melhor, próspera e feliz, como elemento de ligação entre o mito de realização do Sonho Americano e a história, a partir da narrativa de Imbolo Mbue, abordando aspectos pós-modernos na obra analisada.

Apesar das fronteiras geográficas não representarem mais muros aos movimentos sociais, ao direito das línguas, à emergência de novas correntes de pensamentos entre as disciplinas e entre as artes. Esse fluxo constitui-se no ambiente em que a identidade fronteiriça é construída. Todavia, a quantidade de fronteiras e barreiras físicas à movimentação de pessoas aumenta de modo diretamente proporcional à sua necessidade ou vontade de imigrar, e o processo de adaptação do imigrante à cultura ideal, em sua fantasia, representa exatamente um novo *modus operandi*, que pode ser considerado identidade de fronteira.

Ao retratar em seu romance *Behold the Dreamers* os conflitos sociais, econômicos e políticos entre imigrantes e nativos, a autora provoca uma reflexão acerca do quanto a vida cotidiana nos Estados Unidos, principalmente em regiões em que a política de imigração é mais flexível, flui de forma intrincada, exibindo as cores e as características culturais de todo o planeta. Nova York, por exemplo, cenário da narrativa de Mbue, é considerada como um grande caldeirão de sopa cultural (*melting pot*).

Nesse processo de construção narrativa de justaposição do mundo real com o ficcional, os modos de representação dos fenômenos concretos e reais podem conceber outras realidades, contemporaneamente chamadas de realidades aumentadas, às quais são, em termos estéticos, cópias fiéis, do real concreto. Trata-se agora de uma espécie de “Metarrealismo”. Portanto, o momento pós-moderno atual expressa a realidade de maneira oposta ao que ocorria no início da era pós-moderna, com o Surrealismo, a distopia, quando a ideia era descaracterizar, desvirtuar e chocar o *establishment*.

Agora, a noção de verdade evoluiu, adquirindo a característica meta, afinal, vive-se em um mundo de representações, no qual a certeza é desafiada e questionada, e a existência de uma suposta verdade absoluta não está mais condicionada à relação de conformidade com qualquer objeto externo: o virtual, o ficcional são metarreais, são concretos e absolutos dentro de um metaverso de possibilidades. Portanto, resta uma pergunta, formulada por Baudrillard (2002): "Que é então feito do acontecimento real, se

por todo o lado a imagem, a ficção e o virtual se fundem na realidade?” (p. 30.). Assim, percebe-se que toda narrativa, sustentada, como expressão de uma verdade absoluta, seja ela moral ou filosófica, está fadada ao declínio iminente.

Porém, tão importante quanto calibrar essas realidades, é manter um processo constante de avaliação e questionamento dos métodos e modelos de produção, transmissão e disseminação do conhecimento, além disso, torna-se importante investigar e compreender a miríade de fenômenos associados a essas categorias de representação do real.

Desse modo, ao romancear sobre um fenômeno histórico internacional, a autora permite ao leitor encontrar novas interpretações do Sonho Americano e do processo migratório, como uma espécie de narrativa histórica descrita como “realidade aumentada”, a partir que se encontra em livros didáticos, o que conduzirá às novas perspectivas, subjetivas, acerca do conceito de prosperidade e felicidade – bastante propagados – ressignificando a ideia de existir uma África, plural em todos os aspectos – territoriais, históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos – resultante da partilha do continente pelos países imperialistas. Se, por um lado, para Hutcheon (1991), existe uma possibilidade de questionamento, para Jameson (1996), o que se tem é apenas lembrança. Essa é uma característica dos romances históricos, sejam tradicionais, sejam pós-modernos: levantar hipóteses sobre o futuro e estimular a imaginação do leitor, fazendo-o refletir sobre conflitos e preconceitos étnicos, socioeconômicos e culturais, e sobretudo, acerca de dois dos maiores enigmas existenciais, ser rico e feliz.

Percebe-se, então, que qualquer estratégia de representação é sempre política. E nessa estratégia, conforme aponta Hutcheon (1993), os pressupostos, sobre o considerado real, do ponto de vista do senso comum, dependem de como esse real é descrito, colocado em discurso e interpretado. Portanto, não há e, tampouco, nunca houve nada natural em relação ao real, mesmo antes do aparecimento dos meios de comunicação em massa.

Tendo em vista o caráter problemático, provisório e paradoxal inerentes à pós-modernidade, deve-se sempre questionar seus limites e seus poderes, não ignorando sua ideologia antitotalizante, já que no início desta era, os autores abordavam a realidade de forma a representá-la e não a copiá-la, porém, contemporaneamente, a realidade passa a ser retratada mais no modelo de fotografia melhorada com filtro, transmitindo sentido, visão e mensagem, a partir do ponto de vista de um autor também inserido na realidade

de sua própria obra. Logo, o grande desafio do contexto pós-moderno consiste em apresentar múltiplas perspectivas para o entendimento de um fato, sugerindo questionamentos e reflexões acerca do que poderia ter sido dado como certo e já estabelecido.

As narrativas pós-modernas que se baseiam em acontecimentos, fatos ou fenômenos históricos, utilizam seus discursos como fonte e instrumento de investigação para o questionamento de seu próprio estatuto de verdade, sua autoridade e seu processo ambíguo de interpretação dos fatos. Na análise dessa obra, ratifica-se a importância da literatura e o quanto ela pode ser vista como ferramenta de compreensão do passado, tão importante quanto a história, e contribuindo com esta na desconstrução da história oficial e factual, dando visibilidade à existência do outro, também detentor de suas próprias culturas, experiência e vivência. A possibilidade de a literatura revisitar e customizar fatos, permite ao leitor voltar a momentos históricos e culturais que representam parte de sua identidade, tradição e cultura.

A intrincada relação entre literatura, história e estudos culturais, disciplinas que constituem discursos, é desenvolvida a partir das mesmas ferramentas, compostas de registros e usos da linguagem e, nesse processo de produção, o historiador e o cientista cultural carregam a missão de retratar a verdade documental, enquanto o autor, livre dessa responsabilidade, pode se permitir criar personagens e fatos ficcionais que se entrelacem com fatos e pessoas reais, catalisando, no leitor, não apenas a reflexão, mas a possibilidade de encontrar seus próprios caminhos para preencher a narrativa, criando sua própria versão dos fatos expostos, e, assim, corroborando a ideia de que a literatura é interativa. Na obra aqui analisada, Jende, o personagem principal de Mbue, protagoniza o drama de milhões de indivíduos que, há séculos, lutam para sair de seu território de origem, onde as condições de vida são precárias, para buscar a utopia da vida perfeita.

As características multi, hiper e *hi-tech* do pós-moderno, com a possibilidade de expressão de outros lugares de vozes e novas verdades, transitam entre gêneros e permitem, pela investigação, um aprofundamento na análise das significações já existentes e a criação de novos parâmetros, considerando as percepções individuais.

Behold the Dreamers, permite ao leitor refletir sobre sonhos, frustrações, aprendizado e transformações, por meio do protagonista Jende que, após alguns anos de tentativa e muita relutância, desiste de perseguir o frágil e utópico Sonho Americano, e regressa ao seu país natal. O romance permite ao leitor refletir sobre a saga humana de

busca, revista e recontada na literatura, ao acompanhar as vicissitudes de uma família de imigrantes africanos tentando a sorte nos Estados Unidos da América.

Na maioria das vezes, o sucesso, a prosperidade, a estabilidade financeira, e até social, demandam uma atitude imigratória, pois dentro de um mesmo país, as pessoas se mudam para regiões mais longínquas, com objetivos diversos, como fugir de um lugar em conflito, da violência, ou para montar um negócio, ou ainda, para assumir uma posição mais elevada em uma empresa e começar uma vida nova. Porém, o contrário também ocorre: inúmeros jovens mudam-se de regiões interioranas sem perspectiva de crescimento profissional, social ou econômico, para os grandes centros urbanos, para supostamente estar livres do domínio de seus pais, alcançando novas oportunidades de emprego e realização, etapas importantes na construção de sua própria identidade, escrevendo sua própria história. E, assim, a família Jonga, personagens de *Behold The Dreamers*, ao cabo de alguns anos tentando a vida nos Estados Unidos, retorna a Camarões, demonstrando que a conquista do Sonho Americano, nem sempre prescinde, necessariamente, de movimentação para o além-mar.

Paralelamente, ocorre uma intensa imigração dos países abaixo da linha do equador para o hemisfério norte, por diferentes razões, como a pobreza, a vulnerabilidade e a falta de mobilidade sociais, a modernização agrícola, que expulsa o homem do campo, a opressão política e religiosa, dentre outras. Particularmente, no caso dos Estados Unidos, *Behold the Dreamers* retrata também uma imigração dos estadunidenses dentro de seu próprio território, no personagem do executivo Clark Edwards, que se mudou do interior para Nova York, em busca do Sonho Americano, tornando-se um executivo em Wall Street, centro financeiro mundial. Mesmo com a crise de 2008 atingindo-o sensivelmente, Edwards não precisou sair de seu país em busca de prosperidade, convicto de conseguir superar as dificuldades em território americano, afinal, é um filho legítimo do Tio Sam, nativo do país do Sonho Americano.

Contrastando a Clark Edwards, Jende, africano, cuja imigração para os Estados Unidos não incluiu, compulsoriamente, inserção política, econômica, cultural e social, ao iniciar sua vida nos Estados Unidos como refugiado – por declarar que estava sendo perseguido em seu país – tem pouco estudo, é estigmatizado por uma política de imigração extremamente rígida e uma situação econômica instável, devido à crise de 2008. Ou seja, o camaronês é cercado de elementos capazes de esvair os sonhos da família e tornar inevitável seu retorno à terra natal, Limbe, em Camarões. Os Jonga, ao decidirem,

apesar de muita relutância de Neni, desistir de viver nos Estados Unidos, escapam do labirinto da utopia de uma vida feliz na “América”, eliminando os impedimentos étnicos, religiosos, linguísticos e culturais à realização de seu sonho. De volta a Camarões, eles expressam alívio, tranquilidade e esperança por trazerem na bagagem novas experiências, vivências e conhecimentos da vida adquiridos nos Estados Unidos, e sentem-se privilegiados pela favorável condição financeira, o que lhes possibilita construir uma vida próspera, em um país no qual tanto ascensão social quanto a manutenção de uma vida digna, não são possibilidades alcançadas pela maioria de seus habitantes.

A obra analisada *Behold The Dreamers*, de Imbolo Mbue é, sobretudo, instigante, pois a escritora propõe indagações por todo o romance. Todavia, ao deixar as respostas no ar, possivelmente, como estratégia de convidar o leitor a participar de sua narrativa, aumentando a interatividade, Mbue compartilha com seu leitor a busca por tais respostas, tornando-o corresponsável pela observação e reflexão de seu presente histórico, inserido em uma sociedade capitalista neoliberal, extremamente desumana e desigual em pleno século XXI. Essa possibilidade de ser coautor na obra de Mbue, transforma o leitor em autor e ator de sua própria história, na busca por novas possibilidades de utopia.

Patrice Nganang (2016), escritor camaronês preso e detido por criticar o governo, diz-se maravilhado pela maneira de Imbolo Mbue contar uma história que também é dele. Segundo Nganang, eles vêm de um lugar em que a história foi tão sufocada, tão morta, tão destruída, que narrá-la exige, realmente, muita criatividade e abstração. Nesse sentido, *Behold the Dreamers* fornece a Imbolo Mbue uma oportunidade legítima para contar uma história real em forma de narrativa ficcional. A obra entretém o leitor e, ao mesmo tempo, instiga-o a questionar sua cultura, sua própria identidade, seus valores éticos, morais, políticos e sociais. Logo *Behold the Dreamers* pode não ser histórico, mas possibilita a construção de uma nova história.

REFERÊNCIAS

ADAMS, James Truslow. *A epopeia americana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

ADAMS, James Truslow. *The Epic America*. Boston: Little, Brown and Company, 1933.

ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ADICHIE, Chimamanda. O Perigo da História Única. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento *Technology, Entertainment and Design* (TED Global 2009). Disponível em: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt. Acesso em: 5 de maio de 2022.

BADY, Aaron. Has Imbolo Mbue Written the Great American Novel? *Literary Hub*, New York, 26 de out. de 2016. Disponível em: <<https://lithub.com/has-imbolo-mbue-written-the-great-american-novel/>>. Acesso em: 10 de nov. de 2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Paulo Bezerra (Org., Trad., Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAUDRILLARD, Jean. *Selected Writings*. Stanford: Stanford University Press, 1988.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos Editora, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 1, n. 3, junho/ 2010.

BRAGA, Cláudio R. V (Org.) *Almas de África no mundo: literaturas africanas e afriodiaspóricas em diálogo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

CAMARÕES. *Portal DW* - Deutsche Welle, 2022. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/2T65f>>. Acesso em 21/09/2021.

CAMEROON. In: *Enciclopédia Britânica*, 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Cameroon>>. Acessado em 27 de setembro de 2021.

CANCLINI, Néstor García. Notícias recientes sobre la hibridación. *Revista Transcultural de Música*, Barcelona, España, n. 7, diciembre, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1985.

CANDIDO, Antonio, GOMES, Paulo Emílio Salles, PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CARRARO, Ghadyego E.; MACHADO, Jeremyas. Entre acordes e versos: da identidade fronteiriça aos aspectos históricos e estruturais da milonga. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 154, p. 77-88, julho de 2018.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COELHO NETTO, José Teixeira. *Moderno Pós-Moderno: modos e versões*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

CONNOR, S. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Marisa Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

COSSON, Rildo. A Fronteira dos Gêneros e os Gêneros como Fronteiras. *Revista Traduzir-se*, Rio de Janeiro: v. 3, n. 4, 2017.

CULLEN, Jim. *The American Dream: A Short History of an Idea that Shaped a nation*. Oxford: Oxford University Press, 2003. Edição Kindle.

CURADO, Adriano. O que foi a Conferência de Berlim e como ela dividiu a África. *Portal Conhecimento Científico*. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.r7.com/o-que-foi-a-conferencia-de-berlim-e-como-ela-dividiu-a-africa/>. Acesso em 21/09/2021.

DE MASI, Domenico. *O futuro chegou: modelos de vida para uma sociedade desorientada*. Trad. Marcelo Costa Sievers. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

DOUBROVSKY, Serge. *Fils: roman*. Paris: Éditions Galilée, 1977.

EAGLETON, Terry. *The illusions of Postmodernism*. Oxford and Malden: Blackwell, 1997.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

EVANGELISTA, João Emanuel. Teoria social e pós-modernismo: a resposta do marxismo aos enigmas teóricos contemporâneos. *Revista Cronos*, Natal, v. 7, p. 271-281, 2006.

FAEDRICH, Anna. O Conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários*, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015.

FIGUEIREDO, Eurídice (Org). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF / Niterói: EdUFF, 2005.

FISCHER, Hilke. Conferência de Berlim: Partilha de África decidiu-se há 130 anos. *Portal DW - Deutsche Welle*, 26 fev. 2015. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/1EiLs>>. Acesso em 21/09/2021.

FISCHER, Hilke. Africa and World War I. *Portal DW - Deutsche Welle*, 16 abr. 2014. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/1Bjew>>. Acesso em 21/09/2021.

FISCHER, Rosa Maria. *O desafio da colaboração: práticas de responsabilidade social entre empresas e terceiro setor*. São Paulo: Editora Gente, 2002.

FOHLEN, Claude. *O Faroeste*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras: Círculo do Livro, 1989.

FONER, Eric. *The Story of American Freedom*. Nova York: W.W. Norton, 1998.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira. Camarões. *Portal Mundo Educação*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/camaroes.htm> Acesso em: 20/05/2022.

FRANKL, Viktor. *Em Busca de Sentido*. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Vygotsky e Bakhtin*. Psicologia e Educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1994.

FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. v. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GÓMEZ-PEÑA,Guillermo. Em defesa del arte del performance. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, jul./dez. 2005. p. 199-226.

HABERMAS, Jürgen. *A crise de legitimação no capitalismo tardio*. Trad. de Vamireh Chacon. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

HJELMGAARD, Kim. From 7 to 77: There's been an explosion in building border walls since World War II. *USA Today*, 24 mai. 2018. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/news/world/2018/05/24/border-walls-berlin-wall-donald-trump-wall/553250002/> Acesso em 10 jan. 2022.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUTCHEON, Linda. *The Politics of Postmodernism*. London and New York: Routledge, 1994.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Trad. Júlio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

HUYSEN, Andreas. *After the Great Divide: Modernism, Mass Culture, Postmodernism*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1986.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996.

JAMESON, Fredric. *The Cultural Turn: Selected Writings on the postmodern, 1983-1998*. London: Verso, 1998.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Trad. Maria Elisa Cevalco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001.

JESSUA, Claude. *Capitalismo*. Trad. William Lagos. São Paulo: L&PM, 2009.

KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2018.

KARNAL, Leandro. *Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia*. Lisboa: Leya, 2017.

KRINNINGER, Theresa; MWANAMILONGO, Saleh; SAMPAIO, Madalena. África na Segunda Guerra Mundial: Um capítulo esquecido. *Portal DW - Deutsche Welle*, 08 mai. 2014. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/1FMSV>>. Acesso em 21/09/2021.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LUCAS, Isabel. *Viagem ao sonho americano: A América pelos livros*. Portugal: Companhia das Letras – PT, 2017.

LYOTARD, Jean-François. *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*. Translation from the French by Geoff Bennington and Brian Massumi. Foreword by Fredric Jameson. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

MAGOCHA, Medicine. The conceptualised role of African diaspora in the renaissance of the African continent. *The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa*, Cape Town, v. 16, n. 1, p. 1-13, 2020.

MANDEL, Ernest. *A crise do capital: os fatos e sua interpretação marxista*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

MATSUOKA, Nairah. H-1B: um case de antecipação de problemas. *Blog HSM*, 22 jul. 2020. Disponível em: <https://blog.hsm.com.br/h-1b-um-case-de-antecipacao-de-problemas/> Acesso em 10 jan. 2022.

MAZRUI, Ali A. Introdução. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. *História Geral da África: África desde 1935*, vol. 8. Brasília: Unesco, 2010. p. 1-29.

MAZRUI, Ali A. Procurai primeiramente o reino político. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. *História Geral da África: África desde 1935*, vol. 8. Brasília: Unesco, 2010. p. 125-150

MBUE, Imbolo. *Behold the dreamers*. New York: Penguin Random House LLC, 2016a.

MBUE, Imbolo. *Aqui estão os sonhadores*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Globo Livros, 2016b.

MICHAEL, J.; SCHÄFFAUER, M. K. A passagem intermedial dos gêneros. In: BERNARDO, G. *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: Caetés; 2002: 150-196.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MCHALE, Brian. *Constructing Postmodernism*. London and New York: Routledge, 1992.

McGILLIS, Ian. Blue Metropolis star Imbolo Mbue retells, and lives, the American dream. *Montreal Gazette*. Montreal. 28 de abril de 2017. Disponível em: <https://montrealgazette.com/entertainment/books/blue-metropolis-star-imbolo-mbue-retells-and-lives-the-american-dream>. Acesso em: 24 fev. 2022.

MEAD, Walter Russell. *Poder, terror, paz e guerra: os Estados Unidos e o mundo contemporâneo sob ameaça*. Trad. Bárbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MHUTE, Wadzanai. Imbolo Mbue Has Been Working Toward This Moment. *The New York Times*. Nova York. 19 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/02/19/books/imbolo-mbue-how-beautiful-we-were.html> Acesso em: 15 fev. 2022.

MOREIRAS, Alberto. *The exhaustion of difference: the politics of Latin American cultural studies*. Durham: Duke Univeristy Press, 2001.

NGANANG, Patrice. *Behold the Dreamers by Imbolo Mbue in conversation with Patrice Nganang, Hosted by Chiwoniso Kaitano*. The Powerhouse Arena, 2016, Nova York. Transcrição.

NIANE, Djibril Tamsir. *História Geral da África: África do século XII ao XVI*, vol. 4. Brasília: Unesco, 2010.

PAZ, O. *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. *Pós-Modernismo e Literatura*. São Paulo: Ática, 1988.

PROTHERO, George. *The Foreign Office Handbooks - The Middle East*. Nova York: Bloomsbury Academic, 2022.

PURDY, Sean. A Era Progressista: 1900-1920. In: Karnal, Leandro [et al.]. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.p. 175-196

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: Clacso, Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Trad. portuguesa. Lisboa: Ed. 70, 1987.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: *Nas Malhas da Letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 44-60.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social*. São Paulo, v. 5, n. 1-2: 31-52, 1993.

SANTOS, Regma Maria. Crônica e história: realidade e ficção no discurso jornalístico. In: SERPA, Elio Cantalicio; MENEZES, Marcos Antonio (org.). *Escritas da história: narrativa, arte e nação*. Uberlândia: EDUFU, 2007. p. 95-110.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 2003, 2 ed.

SILVA, Antonio Manoel dos Santos. Fronteiras e territórios de litígio na literatura moderna. *Olho d'água*. São José do Rio Preto-SP, v. 4, n. 2, 2012. p. 11-29.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SOUSA, Gabriel Ruan. Um romance para Trump ler. *Revista Época*, 01, 2017. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/01/um-romance-para-trump-ler.html>. Acesso em: 12 jul. 2020.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2013.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1980.

VICO, Giambattista *De nostri temporis studiorum ratione*apri. Open salva / SaveXV. Nápoles: Felice Mosca, 1709. Disponível em: http://www.ispf-lab.cnr.it/system/files/ispf_lab/documenti/opere_deratione.pdf Acesso em: 25 mai 2022.

WAGNER, Marc-Christoph. Imbolo Mbue Interview: Everybody Has a Story. Nova York: *Louisiana Channel*, outubro de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7vDDq4t2h5A> Acessado em novembro de 2021.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 21-48, 1994.

WORLD BANK. *Relatório Anual de 2019*: Erradicar a pobreza, investir em oportunidades. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/32333/211470PT.pdf> Acesso em: 25 mai 2022.